



# bruxa e detetive

KIM HARRISON

*Tradução de Rita Guerra*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*



CHÁDASCINCO  
Livros com sexto sentido





*Ao homem que sabe que,  
em primeiro lugar, vem a cafeína; em segundo, o chocolate;  
em terceiro, o romance... e quando devem ser usados.*



## Agradecimentos

Gostava de agradecer a Will pela sua ajuda e inspiração no que diz respeito às joias usadas em Hollows; bem como à Dra. Carolinne White pela sua assistência preciosa com grande parte do latim. Mas gostaria de agradecer, em especial, à minha editora, Diana Gill, por me ter dado a liberdade de levar a minha escrita para áreas que nunca considerara; e ao meu agente, Richard Curtis.



## Um

PUXEI A ALÇA DE TECIDO GROSSO QUE SEGURAVA O RECIPIENTE COM ÁGUA mais para cima, sobre o ombro, e estiquei-me para chegar com o bico à planta pendurada. A luz do Sol penetrava na divisão, quente através do fato-macaco azul que servia de uniforme. Do outro lado das estreitas janelas de vidro laminado, abria-se um pequeno pátio rodeado pelos gabinetes VIP. Semicerrando os olhos, por causa do Sol, apertei o manípulo da mangueira e um fino fio de água libertou-se com um silvo.

Ouvi o som súbito de teclas a serem pressionadas e avancei para a planta seguinte. Uma conversa telefónica chegava até mim, filtrada, vinda do outro lado da receção, acompanhada por um riso profundo que se parecia com o ladrar de um cão. Animalomens. Quanto mais alta a sua posição na hierarquia, mais humanos se conseguiam parecer, mas era sempre possível reconhecê-los pelo riso.

Olhei de relance para a fila de plantas, penduradas em frente às janelas, até ao enorme aquário atrás da secretária da rececionista. Sim. Barbatanas de cor creme. Uma mancha preta do lado direito. Era aquele. O Sr. Ray criava *kois* que exibia na feira anual de peixes de Cincinnati. O vencedor do ano anterior ficava sempre em exibição no exterior do seu gabinete, mas agora estavam ali dois peixes e a mascote dos Howlers tinha desaparecido. O Sr. Ray era um Den, um rival da equipa de basebol de Cincinnati, constituída apenas por Inderlanders. Não era muito difícil somar dois mais dois e perceber que se tratava do peixe roubado.

— Então — disse a mulher jovial, atrás da secretária, ao mesmo tempo que se levantava para colocar um molho de folhas no tabuleiro da impressora. — O Mark está de férias? Ele não me disse nada.

Acenei, sem olhar para a secretária, no seu fino conjunto saia-casaco de tom creme, enquanto arrastava o equipamento de rega ao longo de mais um metro. Mark estava a passar umas curtas férias na escadaria do edifício

em que tinha estado a trabalhar antes. Tinha-o deixado inconsciente com uma poção “hora de dormir” de curta duração.

— Sim, minha senhora — acrescentei, erguendo a voz e sibilando ligeiramente. — Mas ele disse-me que plantas regar. — Escondi as unhas, vermelhas e bem tratadas, na palma da mão, antes que ela as visse. Não combinavam com a imagem de rapariga que trabalha com plantas. Devia ter pensado nisso mais cedo. — Todas as deste piso e, depois, o arboreto no telhado.

A mulher sorriu, revelando-me os seus dentes, ligeiramente maiores do que o normal. Era uma animalomem e detinha uma posição bastante elevada na matilha do escritório, tendo em conta o seu aspeto elegante. E o Sr. Ray não ia ter um cão como secretário quando podia pagar um salário suficientemente alto por uma cadela. Erguia-se dela um ligeiro odor almiscarado, não era desagradável.

— O Mark falou-lhe do elevador de serviço nas traseiras do edifício? — perguntou ela, esperançosa. — É mais fácil do que carregar esse carrinho pelas escadas.

— Não, minha senhora — disse eu, puxando o horrível boné com o logótipo da empresa e enterrando-o ainda mais na cabeça. — Acho que ele está a tornar as coisas suficientemente duras para que eu não tente roubar-lhe o território. — Sentindo o pulso mais rápido, empurrei o carrinho de Mark, com as tesouras de podar, o fertilizante granulado e o sistema de rega, ao longo da fila de plantas. Eu sabia da existência do elevador, também sabia qual a localização das seis saídas de emergência e dos alarmes de incêndio, bem como onde guardavam os *donuts*.

— Homens — disse ela, revirando os olhos, enquanto se voltava a sentar em frente ao ecrã. — Será que não percebem que, se quiséssemos dominar o mundo, o poderíamos fazer?

Dirigi-lhe um aceno de cabeça, descomprometido, e esguichei uma pequena quantidade de água para o vaso seguinte. Eu achava que já o estávamos a fazer.

Um zumbido tenso ergueu-se sobre o ruído da impressora e o ténue tagarelar de escritório. Era Jenks, o meu parceiro, e era óbvio que estava de mau humor, quando saiu a voar do gabinete das traseiras do patrão e se aproximou de mim. As suas asas de libelinha estavam vermelhas de agitação e o pó de *pixy* caía dele, gerando raios de sol temporários.

— Estou farto das plantas ali dentro — disse, em voz alta, quando aterrou na borda do vaso pendurado à minha frente. Pôs as mãos nas ancas, transmitindo a imagem de um Peter Pan de meia-idade que tinha crescido e se tornara homem do lixo, no seu pequeno fato-macaco azul. — Tudo



o que precisam é de água. Posso ajudar-te aqui fora com alguma coisa ou posso ir dormir para a carrinha? — acrescentou num tom azedo.

Tirei o recipiente de água das costas, pousando-o para abrir o topo.

— Fazia-me jeito um pouco de fertilizante granulado — disse-lhe, perguntando-me qual seria o problema dele.

Resmungado, voou para o carrinho e começou a vasculhar o seu interior. Ataduras verdes, estacas e tiras de teste de pH usadas voaram para todos os lados.

— Encontrei um — disse ele, erguendo-se com um pedaço de granulado branco, tão grande como a sua cabeça. Largou-o no recipiente de água e ele começou a borbulhar. Não era fertilizante granulado mas um oxigenador e promotor de viscosidade. De que serve roubar um peixe se ele morrer durante o transporte?

— Oh, meu Deus, Rachel — sussurrou Jenks, aterrando no meu ombro. — Isto é poliéster. Eu estou a vestir poliéster!

A minha tensão diminuiu quando compreendi qual a origem do seu mau humor.

— Vai ficar tudo bem.

— Estou a ficar cheio de borbulhas! — exclamou, coçando-se vigorosamente por baixo do colarinho. — Não posso usar poliéster. Os *pixies* são alérgicos a poliéster. Olha para isto. Vês? — Inclinou a cabeça, afastando o cabelo louro do pescoço, mas estava demasiado perto para que eu conseguisse focar a vista. — Bolhas. E fede. Consigo sentir o cheiro do óleo. Trago vestido um dinossáurio morto. Eu não posso usar um animal morto. É bárbaro, Rache — lamentou.

— Jenks? — Voltei a apertar a tampa do recipiente de água e a pendurá-lo ao ombro, empurrando Jenks para longe de mim, enquanto o fazia. — Estou a vestir a mesma coisa. Aguenta-te.

— Mas fede!

Fitei-o, enquanto ele pairava à minha frente.

— Vai podar qualquer coisa — disse-lhe, por entre os dentes semicerrados.

Ele espetou-me o dedo do meio de ambas as mãos, recuando enquanto o fazia. Seja. Tateando o bolso de trás do horrível fato-macaco azul, encontrei as minhas tesouras. Enquanto a menina Profissional de Escritório batia uma carta no computador, abri um escadote de um só degrau e comecei a cortar as folhas da planta que pendia ao lado da sua secretária. Jenks começou a ajudar e, passados alguns momentos, sussurrei:

— Está tudo a postos, lá dentro?

Ele acenou, os olhos presos na porta aberta do gabinete do Sr. Ray.

— Da próxima vez que ele verificar o correio eletrónico, todo o siste-

ma de segurança da Internet se vai passar. Levarão cinco minutos a resolver o problema, se ela souber o que está a fazer, quatro se não souber.

— Só preciso de cinco minutos — disse eu, começando a suar sob o sol que entrava pela janela. O espaço cheirava a jardim, um jardim com um cão molhado a ofegar sobre os ladrilhos frescos.

Senti a pulsação acelerar e avancei para outra planta. Estava atrás da secretária e a mulher ficou rígida. Eu tinha invadido o seu território, mas ela tinha de o suportar. Eu era a rapariga da água. Esperando que ela atribuísse o aumento da minha tensão ao facto de me encontrar tão perto dela, continuei a trabalhar. Tinha uma mão pousada na tampa do recipiente de água. Um simples movimento e lá ia ela.

— Vanessa! — O grito irado chegou até nós vindo do escritório.

— Cá vamos nós — disse Jenks, voando para o teto, em direção às câmaras.

Voltei-me e vi um homem irado, sem dúvida um animalomem, tendo em conta a estatura e a constituição, a meio caminho do gabinete das traseiras.

— Voltou a fazer a mesma coisa — disse ele, o rosto vermelho e as mãos grossas apoiadas na arcada. — Odeio estas coisas. Qual era o problema do papel? Eu gosto de papel.

Um sorriso profissional pairou sobre o rosto da secretária.

— Sr. Ray, voltou a gritar com ele, não foi? Já lhe disse que os computadores são como as mulheres. Se gritar com eles e lhes pedir que façam muitas coisas ao mesmo tempo, apagam-se e não vai conseguir nada deles.

Ele rosou em resposta e desapareceu para o interior do gabinete, sem reparar, ou ignorando o facto de ela ter acabado de o ameaçar. Senti o coração saltar e desloquei-me de forma a ficar mesmo ao lado do aquário.

Vanessa suspirou.

— Deus o salve — murmurou, enquanto se levantava. — O homem era capaz de partir ferro com a língua. — Dirigindo-me um olhar desesperado, dirigiu-se ao gabinete, batendo os saltos enquanto andava. — Não toque em nada — disse ela, em voz alta. — Já vou.

Respirei fundo.

— Câmaras? — sussurrei.

Jenks desceu até mim.

— Um salto de dez minutos. Estás safa.

Voou para a porta principal, empoleirando-se na sanca sobre o lintel, onde se pendurou para observar o corredor exterior. As asas agitaram-se até se tornarem invisíveis e ele fez-me sinal espetando o polegar.

Sentia a pele tensa com a excitação. Retirei a tampa do aquário, depois retirei a pequena rede verde do bolso de dentro do fato-macaco. Erguen-

do-me sobre o banco de um degrau, puxei a manga até ao cotovelo e mergulhei a rede na água. Os dois peixes afastaram-se de imediato.

— Rachel! — silvou Jenks, subitamente ao meu ouvido. — Ela é boa. Já está a meio.

— Toma conta das portas, Jenks — disse eu, um lábio preso entre os dentes. *Quanto tempo podia eu demorar a apanhar um peixe?* Empurrei uma pedra para chegar ao peixe que se escondia atrás dela. Eles nadaram para o lado oposto.

O telefone começou a tocar, um som suave.

— Jenks, importas-te de atender? — disse calmamente, ao mesmo tempo que inclinava a rede, encurralando-os num canto. — Tenho... tu sabes...

Jenks afastou-se da porta, aterrando de pé sobre o botão que brilhava.

— Gabinete do Sr. Ray. Por favor aguarde — disse ele, num fingido tom de falsete.

— Bolas — praguejei, quando o peixe se contorceu e esgueirou para lá da rede. — Vá lá, só estou a tentar levar-te para casa, sua coisa viscosa e escamosa — resmunguei através dos dentes apertados. — Quase... quase — Estava entre a rede e o vidro. Se ao menos ficasse quieto...

— Ei! — disse uma voz pesada vinda do corredor.

A adrenalina fez-me erguer a cabeça. Um homem pequeno, de barba aparada e uma pasta cheia de papéis erguia-se no corredor que dava acesso aos restantes gabinetes.

— O que é que está a fazer? — perguntou, num tom beligerante.

Olhei de relance para o tanque e para o meu braço. A rede estava vazia. O peixe tinha fugido.

— Hum, deixei cair as minhas tesouras? — disse.

Do gabinete do Sr. Ray, do outro lado, chegou o bater de saltos e o grito abafado de Vanessa.

— Sr. Ray!

*Raios. Lá se iam as facilidades.*

— Plano B, Jenks — disse eu, gemendo enquanto agarrava na parte de cima do tanque e puxava.

Na outra sala, Vanessa gritou quando o tanque se virou e os quase cem litros de água gelada jorraram em cascata sobre a sua secretária. O Sr. Ray surgiu ao seu lado. Saltei do banco, ensopada da cintura para baixo. Ninguém se mexeu, tal era o choque, e eu analisei o chão.

— Apanhei-te! — gritei, tentando agarrar o peixe.

— Ela está atrás do peixe! — gritou o homem baixo, à medida que mais pessoas se juntavam vindas do corredor. — Apanhem-na!

— Vai! — guinchou Jenks. — Eu mantenho-os à distância.

Arquejando, fui atrás do peixe, encurvada, avançando como um caranguejo, tentando agarrá-lo sem o magoar. Ele retorcia-se e contorcia-se, e eu senti que a respiração saía de mim numa explosão quando, por fim, consegui envolvê-lo com os meus dedos. Ergui os olhos, enquanto o largava dentro do recipiente de água e apertava a tampa.

Jenks parecia uma libelinha saída do Inferno, enquanto esvoaçava de animalomem em animalomem, empunhando lápis e lançando-os na direção de partes sensíveis. Um *pixy* de dez centímetros estava a manter à distância três animalomens. Não estava surpreendida. O Sr. Ray limitara-se a observar até se ter apercebido que eu tinha um dos seus peixes em meu poder.

— Que raio vai fazer com o meu peixe? — exigiu saber, o rosto vermelho de raiva.

— Fugir — disse eu. Ele atirou-se a mim, as mãos grossas estendidas à sua frente. Fiz-lhe a vontade e agarrei-lhe numa, puxando-o para a frente, na direção do meu pé. Ele recuou, cambaleando, agarrado ao estômago.

— Para de brincar com esses cães! — gritei a Jenks, enquanto procurava uma saída. — Temos de ir.

Agarrando no monitor de Vanessa, atirei-o na direção da janela de vidro laminado. Já há muito que queria fazer isso com o da Ivy. Ele estilhaçou-se num estrondo de satisfação, o ecrã parecia estranho no meio dos vidros. Os animalomens entravam na sala, furiosos e emitindo um odor almiscarado. Agarrando no recipiente de água, mergulhei através da janela.

— Atrás dela! — gritou alguém.

Os meus ombros tocaram no vidro partido e rolei para me levantar.

— Levanta-te! — disse Jenks junto ao meu ouvido. — Por aqui.

Ele voou, rápido como uma seta, através do pequeno pátio fechado. Segui-o, atirando o pesado recipiente de água, para que ficasse pendurado nas minhas costas. Com as mãos libertas, trepei pela treliça. Espinhos rasgavam-me a pele; ignorei-os.

A minha respiração transformou-se num arquejo veloz, ao mesmo tempo que chegava ao topo. O estalar de ramos indicava que eles vinham atrás de mim. Içando-me sobre a beira do telhado plano de alcatrão e pedrinhas, comecei a correr. O vento era quente ali em cima e o horizonte de Cincinnati abria-se à minha frente.

— Salta! — gritou Jenks, quando chegámos à beira.

Eu confiava em Jenks. Agitando os braços e sem deixar de mexer os pés, corri para lá do limite do telhado.

Senti que a adrenalina subia, ao mesmo tempo que o meu estômago caía. Era um parque de estacionamento! Ele tinha-me mandado atirar do telhado, para aterrar num parque de estacionamento!

— Eu não tenho asas, Jenks! — gritei. Cerrando os dentes, fleti os olhos.

Senti uma explosão de dor, ao aterrar sobre o pavimento. Caí para a frente, arranhando as palmas das mãos. O recipiente onde se encontrava o peixe emitiu um som metálico e caiu das minhas costas, quando a alça rebentou. Rolei para absorver o impacto.

O recipiente metálico reboiou para longe e, ainda a arquejar da dor, cambaleei atrás dele, tocando-lhe com a ponta dos dedos quando ele rolou para debaixo de um carro. Praguejando, deitei-me no chão, estendendo um braço para o tentar apanhar.

— Ali está ela! — ouviu-se um grito.

Ouvi um *ping* no carro, por cima de mim, depois outro. No chão, ao lado do meu braço, abriu-se, de súbito, um buraco e fui atingida por finos estilhaços. Estavam a atirar contra mim?

Resmungando, enfiei-me debaixo do carro e puxei o recipiente. Dobrada sobre o peixe, recuei.

— Ei! — gritei, tirando o cabelo dos olhos. — Que raio é que estão a fazer? Não passa de um peixe! E nem sequer é vosso!

O trio de animalomens no telhado fitou-me. Um deles ergueu uma arma em frente ao olho.

Voltei-me e comecei a correr. Aquilo já não valia os quinhentos dólares. Cinco mil, talvez. *Para a próxima*, jurei enquanto corria atrás de Jenks, *iria averiguar os pormenores antes de cobrar o valor normal*.

— Por aqui! — guinchou Jenks. Pedacos de alcatrão saltavam, atingindo-me, num eco dos *pings*. O parque não tinha portão e, enquanto os meus músculos tremiam com a adrenalina, corri para a rua e embrenhei-me no meio dos peões. Com o coração a bater, veloz, abrandei e olhei para trás de mim, vendo as suas silhuetas contra o horizonte. Eles não tinham saltado. Não precisavam. Eu tinha deixado o meu sangue na treliça. Ainda assim, não achei que me fossem atacar. O peixe não era deles; era dos Howlers. E a equipa de basebol de Cincinnati, constituída apenas por Inderlanders, ia pagar-me a renda.

Os meus pulmões silvavam, enquanto eu tentava andar à mesma velocidade dos que me rodeavam. O sol estava quente e eu estava a suar no interior daquele saco de poliéster. Jenks estava, decerto, a proteger as minhas costas, por isso esgueirei-me para uma viela, para mudar de roupa. Pousando o peixe, deixei cair a cabeça para trás, contra a parede fresca do edifício. Tinha conseguido. A renda estava paga durante mais um mês.

Erguendo o braço, arranquei o amuleto de disfarce que tinha prendido em redor do pescoço. Senti-me imediatamente melhor, quando a ilusão de uma mulher de pele escura, cabelo castanho e nariz grande desapareceu,

revelando o meu cabelo frisado, até aos ombros, e a minha pele clara. Olhei de relance para as palmas das mãos arranhadas, esfregando-as uma na outra, com cuidado. Podia ter trazido um amuleto contra a dor, mas queria ter comigo tão poucos amuletos quanto possível, para o caso de ser apanhada e a “tentativa de roubo” se transformar numa “tentativa de roubo e de causar danos corporais”. De uma conseguiria escapar, pela outra teria de responder. Eu era uma agente; eu conhecia a lei.

Enquanto as pessoas passavam pela saída da viela, despi o fato-macaco molhado e enfiou no contentor. Era uma grande melhoria e dobrei-me para desenrolar a bainha das calças de cabedal, cobrindo com elas o cano das botas pretas. Endireitando-me, fitei o novo arranhão nas calças e contorci-me para ver toda a extensão dos danos. O tratamento para cabedal de Ivy ajudaria, mas chão e cabedal eram duas coisas que não combinavam muito bem. No entanto, antes um arranhão nas calças do que em mim, razão pela qual as tinha vestido.

O ar de setembro era agradável na sombra, ajeitei o *top* sem costas e peguei no recipiente. Sentindo-me mais eu, avancei para o sol, enfiando o boné na cabeça de um miúdo que passou por mim. Ele olhou para o boné, depois sorriu, acenando-me envergonhado, enquanto a mãe se baixava para lhe perguntar onde o tinha arranjado. Em paz com o mundo, avancei ao longo do passeio, os saltos das botas a bater no chão, enquanto ajeitava o cabelo e me dirigia em direção a Fountain Square e à minha boleia. Tinha deixado lá os meus óculos de sol e, se tivesse sorte, ainda lá estariam. Deus me ajude, como gostava de ser independente.

Tinham-se passado quase três meses, desde que me fartara das missões da treta que o meu chefe na Segurança Inderlander me atribuía. Sentindo-me usada e francamente subvalorizada, tinha quebrado a regra não escrita e deixado a S.I. para abrir a minha própria agência. Na altura, tinha parecido uma boa ideia, e ter sobrevivido à ameaça de morte que se seguiu, quando não fui capaz de pagar o suborno para me libertar do contrato, serviu para me abrir os olhos. Não teria conseguido se não fossem Ivy e Jenks.

Estranhamente, agora que começava a ganhar alguma reputação, as coisas estavam a tornar-se mais difíceis, não mais fáceis. Era verdade que estava a usar os meus estudos para fazer os feitiços que costumava comprar e mais alguns que nunca tinha sido capaz de pagar. Mas o dinheiro era um problema. Não era uma questão de não ser capaz de arranjar trabalhos; é que o dinheiro não parecia ficar muito tempo no boião das bolachas em cima do frigorífico.

O que ganhara ao provar que um raposomem tinha sido envenenado por uma matilha rival usara para renovar a minha licença de bruxa; algo que a S.I. costumava pagar. Recuperei um familiar roubado a um mago e

gastei-o na franquia mensal do seguro de saúde. Não sabia que os agentes eram quase impossíveis de segurar; a S.I. tinha-me dado um cartão e eu tinha-o usado. Depois, tive de pagar a um tipo qualquer para limpar as minhas coisas, que ainda estavam num armazém, do feitiço letal que lhes tinha sido lançado; comprar um robe de seda novo para a Ivy, para substituir o que lhe estragara; e arranjar algumas roupas novas para mim, já que tinha uma reputação a manter.

Mas o grosso das despesas devia ser com os táxis. A maior parte dos motoristas de autocarro de Cincinnati já me conhecia e recusava-se a parar para eu entrar. Não era justo. Já se passara quase um ano desde que deixara carecas quase todas as pessoas que se encontravam dentro de um autocarro, enquanto tentava apanhar um animalomem.

Estava farta de estar quase falida, mas o dinheiro que me iam pagar por recuperar a mascote dos Howlers ia garantir-me mais um mês. E os animalomens não viriam atrás de mim. O peixe não era deles. Se apresentassem queixa junto da S.I., teriam de explicar onde o tinham arranjado.

— Ei, Rache — disse Jenks, descendo sabe-se lá de onde. — Estás livre. E qual é o Plano B?

Ergui as sobrancelhas e olhei para ele pelo canto do olho, enquanto ele voava ao meu lado, a um ritmo exatamente igual ao do meu andar.

— Agarrar o peixe e correr como o diabo.

Jenks riu e aterrou no meu ombro. Tinha tirado o uniforme minúsculo e já se parecia mais consigo mesmo, com uma camisa de seda, de manga comprida, verde, e umas calças do mesmo material. Uma fita vermelha atravessava-lhe a testa para anunciar a qualquer *pixy* ou fada, por cujo território passássemos, que não estava à caça. As suas asas cintilavam nos locais onde ainda restava algum pó de *pixy* levantado pela excitação.

Abrandeí o passo quando chegámos a Fountain Square. Procurei Ivy, não a vendo. Sem me sentir preocupada, fui sentar-me no lado seco da fonte, passando os dedos sob a borda do tanque, até encontrar os óculos de sol. Ela ia aparecer. Aquela mulher vivia e morria ao ritmo dos horários.

Enquanto Jenks voava através da água que jorrava da fonte, para se livrar do “fedor a dinossáurio morto” que ainda restava, abri os óculos e coloquei-os no rosto. A minha testa suavizou-se quando o brilho da tarde de setembro foi filtrado. Esticando as pernas compridas, retirei, num gesto casual, o amuleto de cheiro que trazia em redor do pescoço e larguei-o na fonte. Os animalomens caçavam pelo cheiro e se seguissem o meu, o trilho terminaria ali, mal eu entrasse no carro de Ivy e me afastasse.

Esperando que ninguém tivesse reparado, olhei de relance para as pessoas que me rodeavam: o laçao de um vampiro, de aspeto nervoso e anémico, a realizar as tarefas diurnas para o seu amante; dois humanos que



sussurravam, soltando risadinhas enquanto fitavam o seu pescoço repleto de cicatrizes; uma bruxa cansada — não, uma maga, concluí, tendo em conta o cheiro fraco a pau-brasil —, sentada num banco das redondezas, a comer um *muffin*; e eu. Inspirei fundo, enquanto relaxava. Ter de esperar por uma boleia gerava um certo anticlímax.

— Quem me dera ter carro — disse a Jenks, enquanto puxava o recipiente com o peixe para o meio dos meus pés. A dez metros de mim, o trânsito avançava num para-arranca. Tinha aumentado e eu calculei que já passasse das duas, altura em que se iniciava o período do dia durante o qual humanos e Inderlanders lutavam para coexistir no mesmo espaço limitado. As coisas tornavam-se muito mais fáceis quando o Sol se punha e a maior parte dos humanos se retirava para sua casa.

— Para que é que queres um carro? — perguntou Jenks, que se empoleirara no meu joelho e começara a limpar as asas de libelinha com movimentos longos e sérios. — Eu não tenho carro. Nunca tive carro. Movimento-me bem. Os carros são um problema — disse, mas eu já não estava a ouvir. — Tens de lhes pôr gasolina e mantê-los reparados, e passar tempo a limpá-los, e tens de ter um sítio para os guardar, e depois é o dinheiro que se gasta com eles. É pior do que uma namorada.

— Ainda assim — disse eu, abanando um pé para o irritar. — Quem me dera ter um carro. — Olhei de relance para as pessoas à minha volta. — O James Bond nunca teve de esperar por um autocarro. — Semicerrei os olhos a Jenks. — Perde-se um bocado o estilo.

— Hum, sim — disse ele, concentrando a atenção atrás de mim. — Também vejo em que medida poderia ser mais seguro. Onze horas. Animalomens.

A minha respiração acelerou quando olhei para trás e a tensão voltou a atingir-me.

— Bolas — sussurrei, pegando no recipiente. Não eram os mesmos três. Podia percebê-lo pela estatura encurvada e pela forma como respiravam profundamente. De maxilares apertados, levantei-me, deixando a fonte entre nós. *Onde estava a Ivy?*

— Rache? — perguntou Jenks. — Porque é que eles te estão a seguir?

— Não sei. — Os meus pensamentos dirigiram-se para o sangue que deixara nas rosas. Se não conseguisse quebrar o trilho de odor, eles seguir-me-iam até casa. Mas porquê? Com a boca seca, sentei-me de costas para eles, sabendo que Jenks estava a olhar. — Eles já sentiram o meu cheiro?

Ele partiu, as asas a bater.

— Não — disse ao regressar, cerca de um segundo depois. — Tens cerca de meio quarteirão entre vocês, mas tens de te pôr a andar.



Hesitando, pesei o risco de ficar quieta e esperar por Ivy sem me mexer e o de ser descoberta.

— Raios, quem me dera ter um carro — murmurei. Inclinei-me para olhar para a rua, em busca do tejadilho alto e azul de um autocarro, de um táxi, de qualquer coisa. *Onde raios estava a Ivy?*

Com o coração a bater, ergui-me. Apertando o peixe junto a mim, dirigi-me para a rua, desejando chegar ao edifício de escritórios adjacente e ao labirinto onde me podia perder enquanto esperava por Ivy. Mas um grande Crown Victoria preto abrandou e parou, bloqueando a minha passagem.

Fitei o motorista, o meu rosto rígido, caindo quando a janela foi aberta e ele se inclinou sobre o banco da frente.

— Menina Morgan? — disse o homem moreno, a voz profunda e beligerante.

Olhei de relance para os animalomens atrás de mim. Um Crown Victoria preto conduzido por um homem de fato preto só podia significar uma coisa. Tratava-se do Departamento Federal Inderlander, o equivalente da S.I., gerido por humanos. *O que é que o D.F.I. queria?*

— Sim. Quem é você?

Pareceu incomodado.

— Falei com a menina Tamwood, mais cedo. Ela disse que a podia encontrar aqui.

*Ivy.* Pousei uma mão na janela aberta.

— Ela está bem?

Apertou os lábios. O trânsito começava a acumular-se atrás dele.

— Estava, quando falei com ela ao telefone.

Jenks pairou à minha frente, o rosto ligeiramente assustado.

— Eles apanharam o teu cheiro, Rache.

O ar silvou ao passar pelo meu nariz. Olhei de relance para trás. O meu olhar caiu sobre um dos animalomens. Vendo que eu o observava, uivou. Os outros dois começaram a convergir, avançando com uma graça sem pressa. Engoli em seco. Eu ia ser comida de cão. Era isso. Comida de cão. *Game over.* Podem carregar no botão de *reset*.

Girando sobre os calcanhares, agarrei no manípulo da porta e puxei-o. Mergulhei para o interior, batendo com a porta atrás de mim.

— Arranque! — gritei, voltando-me para olhar através do vidro traseiro.

O rosto longo do homem assumiu uma expressão de nojo, quando olhou de relance para trás, através do espelho retrovisor.

— Estão consigo?

— Não! Esta coisa anda ou você limita-se a ficar aqui sentado a brincar consigo mesmo?

Emitindo um ruído de irritação, acelerou suavemente. Virei-me no banco, observando os animalomens que paravam no meio da rua. As buzinas dos carros obrigados a parar por causa deles fizeram-se ouvir. Virando-me de novo para a frente, agarrei com força o recipiente de água e fechei os olhos de alívio. A Ivy ia-mas pagar. Juro, ia usar os mapas dela como controlo de ervas daninhas no jardim. Ela devia vir buscar-me, não mandar um qualquer laçao do D.F.I.

Sentindo que a pulsação abrandava, voltei-me para olhar para ele. Era mais alto do que eu, o que dizia muito, tinha bons ombros, cabelo preto encaracolado, cortado próximo do crânio, um maxilar quadrado e uma atitude rígida que estava mesmo a pedir que lhe batesse. Confortavelmente musculoso, sem excessos, não tinha sequer indícios de estômago. No seu fato preto, que lhe assentava na perfeição, camisa branca e gravata preta, era o representante perfeito para o D.F.I. O bigode e a barba estavam cortados no estilo mais recente — tão curtos que eram quase inexistentes —, mas achei que talvez fosse boa ideia não carregar tanto no *aftershave*. Olhei para a bolsa das algemas, presa ao cinto dele, desejando ainda ter as minhas. Eram propriedade da S.I. e eu sentia muito a sua falta.

Jenks instalou-se no sítio do costume, no espelho retrovisor, onde o vento não lhe rasgaria as asas, e o homem de pescoço rígido observou-o com uma intensidade que indicava que tinha pouco contacto com *pixies*. Sorte a dele.

Chegou uma chamada via rádio, indicando que se encontrava um ladrão no centro comercial, e ele desligou o aparelho.

— Obrigada pela boleia — disse eu. — Foi a Ivy que o mandou?

Ele afastou os olhos de Jenks.

— Não. Ela só disse que ia estar aqui. O capitão Edden quer falar consigo. Algo sobre o vereador Trent Kalamack — acrescentou o agente do D.F.I. num tom indiferente.

— Kalamack! — guinchei, depois praguejei contra mim mesma, por ter dito alguma coisa. O sacana rico queria que eu trabalhasse para ele ou que morresse. Dependia do seu estado de espírito e da *performance* da sua caderneta de ações. — O Kalamack, há? — emendei, movendo-me desconfortável sobre o assento de cabedal. — Porque é que o Edden o mandou vir buscar-me? Está na lista negra, esta semana?

Ele não disse nada, mas as mãos grossas agarraram o volante com tanta força que as unhas ficaram brancas. O silêncio cresceu. Passámos por um sinal amarelo, a mudar para vermelho.

— Ah, quem é você? — perguntei, finalmente.

Ele emitiu um ruído no fundo da garganta. Eu estava habituada a uma

desconfiança temerosa da maior parte dos humanos. Aquele tipo não tinha medo e isso estava a deixar-me irritada.

— Detetive Glenn, minha senhora — disse ele.

— Minha senhora — disse Jenks, rindo. — Ele chamou-te “senhora”.

Fitei Jenks de sobrolho franzido. O tipo parecia muito novo para já ter chegado a detetive. O D.F.I. devia estar a ficar desesperado.

— Bem, obrigada, detetive Glade — disse eu, errando no nome. — Pode deixar-me em qualquer lado. Eu apanho um autocarro a partir daqui. Irei ver o capitão Edden amanhã. Neste momento estou a trabalhar num caso importante.

Jenks soltou uma risada e o homem corou, o vermelho quase escondido pela tez escura.

— É Glenn, *minha senhora*. E eu vi o seu caso importante. Quer que a leve de volta à fonte?

— Não — respondi, enterrando-me no assento, enquanto a minha mente era atravessada pela recordação dos jovens animalomens furiosos. — Mas agradecia uma boleia até ao meu escritório. Fica em Hollows, vire na próxima à esquerda.

— Não sou o seu motorista — disse ele, num tom soturno, obviamente insatisfeito. — Sou o seu entregador.

Puxei o braço para dentro, quando ele subiu a janela, pressionando um botão no *tablier*. O ar ficou de imediato abafado. Jenks esvoaçou para o teto, encurralado.

— Que raio está a fazer? — guinchou.

— Sim! — exclamei, mais enraivecida do que preocupada. — O que é que se passa?

— O capitão Edden quer vê-la agora, menina Morgan, não amanhã. — O olhar dele afastou-se da rua e pousou-se sobre mim. Tinha o maxilar tenso e não gostei do sorriso maldoso. — E se tentar, sequer, levar a mão a um feitiço, arranco esse seu traseiro de bruxa do meu carro, algemo-a e atiro-a para o porta-bagagens. O capitão Edden mandou-me apanhá-la, mas não disse em que estado devia chegar.

Jenks pousou no meu brinco, praguejando sem parar. Tentei por diversas vezes abrir o vidro, mas Glenn tinha-o trancado. Recostei-me, resfolegando. Podia enfiar um dedo no olho de Glenn e atirá-lo para fora da estrada, mas para quê? Sabia para onde estava a ir. E Edden garantiria que eu tinha boleia para casa. Mas aquilo irritava-me, dar de caras com um humano com mais lata que eu. A que ponto estava a chegar aquela cidade?

Um silêncio solene desceu sobre nós. Tirei os óculos de sol e inclinei-me para a frente, reparando que o tipo ia mais de vinte quilómetros por hora acima do limite de velocidade. Era de esperar.

— Olha para isto. — sussurrou Jenks. Ergui as sobrancelhas quando o *pixy* esvoaçou para fora do meu brinco. O sol de outono que atravessava os vidros encheu-se subitamente de cintilações, quando ele lançou, sub-repticiamente, o pó brilhante sobre o detetive. Estava disposta a apostar o meu melhor par de cuecas de renda em como não se tratava do normal pó de *pixy*. Glenn tinha sido *pixado*.

Escondi um sorriso. Dentro de vinte minutos, Glenn estaria com tanta comichão que não seria capaz de ficar quieto.

— Então, porque é que não tem medo de mim? — perguntei, insolente, sentindo-me muitíssimo melhor.

— Quando eu era miúdo, vivia ao meu lado uma família de bruxos — disse ele, desconfiado. — Tinham uma filha da minha idade. Ela lançou-me quase tudo o que se pode lançar a uma pessoa. — Um ténue sorriso atravessou-lhe o rosto quadrado, dando-lhe um aspeto muito pouco digno do D.F.I. — O dia mais triste da minha vida foi aquele em que ela partiu.

Eu fiz beicinho.

— ‘Tadinho do bebé — disse eu e ele voltou a franzir o sobrolho. No entanto, eu não fiquei contente. Edden tinha-o enviado para me ir buscar, porque sabia que eu não o conseguiria intimidar.

Odeio segundas-feiras.

## Dois

A PEDRA CINZENTA DA TORRE DO D.F.I. REFLETIA O SOL DO FIM DA TARDE, ENQUANTO ESTACIONÁVAMOS num dos lugares reservados, mesmo em frente ao edifício. A rua estava apinhada e Glenn acompanhou-me, e ao meu peixe, rapidamente através da porta da frente. Na pele do pescoço, sob o colarinho, começavam já a aparecer pequenas bolhas, cor-de-rosa, de aspeto doloroso, que sobressaíam na sua pele escura.

Jenks reparou que estava a olhar para elas e fungou.

— Parece que aqui o Sr. Detetive do D.F.I. é alérgico ao pó de *pixy* — sussurrou. — Vai percorrer-lhe o sistema linfático. Vai ter cócegas em partes do corpo que nem sequer sabia que existiam.

— A sério? — perguntei, chocada. Normalmente só se tinha comichão nos locais expostos ao pó. Glenn estava prestes a sofrer vinte e quatro horas de tortura.

— Pois é, este não vai voltar a encurralar um *pixy* dentro de um carro.

Mas pareceu-me ouvir um toque de culpa na sua voz e, além disso, não estava a trautear a sua canção de vitória, sobre margaridas e aço a brilhar vermelho ao luar. Os meus passos tornaram-se hesitantes mesmo antes de pisar o emblema do D.F.I. gravado no chão do átrio. Eu não era supersticiosa — exceto nas situações em que isso me pudesse salvar a vida — mas estava a entrar num território normalmente reservado a humanos. Eu não gostava de ser uma minoria.

As conversas esporádicas e o matraquear dos teclados fez-me pensar no meu antigo trabalho, na S.I., e os meus ombros relaxaram. As rodas da justiça estavam bem oleadas com papel e eram alimentadas por pés leves que percorriam as ruas. Que os pés fossem humanos ou Inderlanders era irrelevante. Pelo menos, para mim.

O D.F.I. tinha sido criado para tomar o lugar tanto das autoridades locais como das federais, depois da Viragem. No papel, o D.F.I. tinha sido

criado para ajudar a proteger os humanos dos — hum — Inderlanders mais agressivos, normalmente vampiros e animalomens. A verdade é que a dissolução das antigas estruturas legais era uma tentativa paranoica de afastar os Inderlanders das forças da autoridade.

Sim. Pois. Os agentes federais e da polícia, saídos do armário e desempregados, tinham-se limitado a abrir a sua própria agência, a S.I. Passados quarenta anos, o D.F.I. tinha sido completamente ultrapassado, vendo-se obrigado a suportar constantes abusos da S.I. enquanto ambos tentavam controlar os variegados cidadãos de Cincinnati, lidando a S.I. com as questões sobrenaturais que o D.F.I. não conseguia tratar.

Enquanto seguia Glenn para os fundos, desloquei o recipiente de forma a esconder o meu pulso esquerdo. Não havia muitas pessoas capazes de reconhecer a pequena cicatriz circular na parte de baixo do meu pulso como marca de um demónio, mas preferia pecar por excesso de zelo. Nem o D.F.I. nem a S.I. sabiam que eu tinha estado envolvida no incidente provocado por um demónio que destruíra a secção de livros antigos da biblioteca da universidade, na primavera passada, e eu preferia mantê-lo assim. Ele fora enviado para me matar, mas acabou por me salvar a vida. Eu carregaria a marca até encontrar uma forma de lhe pagar o favor.

Glenn avançava por entre as secretárias, para lá do átrio, e as minhas sobranceiras ergueram-se pelo facto de nem um dos agentes ter tecido qualquer comentário sobre uma ruiva vestida de cabedal. Mas, ao lado da vociferante prostituta de cabelo roxo, com uma corrente das que brilham no escuro, que estava presa ao nariz e desaparecia algures debaixo da camisa, o mais certo era sermos invisíveis.

Olhei de relance para as janelas de persianas corridas do gabinete de Edden, quando passámos, acenando a Rose, a assistente dele. O seu rosto ficou vermelho, ela fingiu ignorar-me e eu funguei. Eu estava habituada a tais descortesias, mas continuava a ser irritante. A rivalidade entre o D.F.I. e a S.I. era de longa data. O facto de eu já não trabalhar para a S.I. não parecia fazer qualquer diferença. Por outro lado, podia ser apenas uma questão de não gostarem de bruxas.

Comecei a respirar melhor quando deixámos para trás a receção e entrámos no corredor estéril, iluminado por luzes fluorescentes. Também o Glenn relaxou e abrandou o passo. Podia sentir os burburinhos maliciosos fluindo atrás como correntes invisíveis mas estava demasiado desanimada para me importar. Passámos por uma sala de reuniões vazia, e os meus olhos voaram para o enorme quadro branco onde tinham sido colados os crimes mais urgentes da semana. Excetuando os normais casos de humanos perseguidos por vampiros, estava uma lista de nomes. Senti-me mal quando os meus olhos deixaram o quadro. Estávamos a andar depressa de

mais para que os conseguisse ler, mas sabia o que eram. Tinha seguido a sua história nos jornais como todos os outros.

— Morgan! — gritou uma voz familiar e eu girei, as minhas botas chiando nos azulejos cinzentos.

Era Edden, a sua silhueta atarracada apressava-se ao longo do corredor, na nossa direção, os braços agitando-se ao lado do corpo. Senti-me imediatamente melhor.

— As lesmas o levem — murmurou Jenks. — Rache, vou pôr-me a andar daqui. Vemo-nos em casa.

— Fica quieto — disse eu, divertida com a irritação do *pixy*. — E se disseres qualquer coisa indecente ao Edden, despejo formicida no teu corpo.

Glenn riu e ainda bem, porque assim não consegui ouvir o que Jenks estava a resmungar.

Edden era um antigo Navy SEAL e tinha aspeto disso, mantendo o cabelo bem curto, as calças caqui bem vincadas e o corpo, sob a camisa branca e engomada, mostrava-se firme. Embora o espesso tufo de cabelo fosse preto, o bigode era completamente cinzento. Um sorriso convidativo cobria-lhe o rosto redondo enquanto avançava, enfiando no bolso da camisa um par de óculos de leitura com aros de plástico. O capitão da divisão de Cincinnati do D.F.I. parou de repente, lançando sobre mim o cheiro a café. Ele era praticamente da minha altura — o que o tornava algo baixo para um homem —, mas compensava-o com a sua presença.

Edden arqueou as sobrancelhas perante as minhas calças de cabedal e o meu *top* sem costas pouco profissional.

— É bom vê-la, Morgan — disse ele. — Espero não a ter apanhado em má altura.

Afastei o recipiente e estendi-lhe a mão. Os dedos curtos e grossos engoliram os meus, num gesto familiar e agradável.

— De todo — disse secamente e Edden pousou uma mão pesada no meu ombro, guiando-me ao longo de um curto corredor.

Por norma teria reagido a tal demonstração de familiaridade com uma delicada cotovelada no estômago. Mas Edden era uma alma gémea, alguém que odiava a injustiça tanto como eu. Embora não se parecesse minimamente com ele, fazia-me lembrar o meu pai, tendo conseguido o meu respeito por me ter aceitado enquanto bruxa e me ter tratado com igualdade e não com desconfiança. Eu não conseguia resistir à lisonja.

Percorremos o corredor, um ao lado do outro, enquanto Glenn se deixava ficar para trás.

— É bom vê-lo a voar outra vez, Sr. Jenks — disse Edden, dirigindo ao *pixy* uma pequena vénia de cabeça.

Jenks deixou o meu brinco, as asas a bater velozes. Edden tinha partido uma asa de Jenks, quando o enfiara dentro de um dispensador de água, e os *pixies* guardavam ressentimentos profundos.

— É Jenks — disse ele, com frieza. — Só Jenks.

— Seja Jenks, então. Podemos arranjar-lhe alguma coisa? Água com açúcar, manteiga de amendoim... — Voltou-se, sorrindo por trás do bigode. — Café, menina Morgan? — disse, com a voz arrastada. — Parece cansada.

O sorriso dele fez desaparecer o que restava do meu mau humor.

— Seria ótimo — disse eu e Edden dirigiu a Glenn um olhar carregado de ordens. O detetive tinha o maxilar cerrado e vários vergões novos marcavam-lhe a linha do maxilar. Edden agarrou no antebraço do detetive frustrado, quando este se voltava. Puxando-o para baixo, Edden sussurrou-lhe.

— É demasiado tarde para lavar o pó de *pixy*. Tente cortisona.

Glenn dirigiu-me um olhar duro, endireitando-se e refazendo o caminho que tínhamos percorrido.

— Agradeço-lhe por ter vindo — continuou Edden. — Consegui uma pista, esta manhã, e você era a única pessoa que eu podia chamar para a poder aproveitar.

Jenks soltou uma gargalhada trocista.

— Qu' é que se passa, apareceu-lhe um animalomem com um espinho na pata?

— Cala-te, Jenks — disse eu, mais por hábito do que outra coisa.

Glenn mencionara Trent Kalamack e isso deixara-me em pulgas. O capitão do D.F.I. parou em frente a uma porta de aspeto simples. A meio metro de distância encontrava-se uma outra porta de aspeto simples. Salas de interrogatório. Ele abriu a boca como se fosse explicar, depois encolheu os ombros e empurrou a porta, que se abriu revelando uma sala vazia, a meia-luz. Fez-me sinal para que entrasse, esperando que a porta estivesse fechada, antes de se voltar para o espelho de dois sentidos e, em silêncio, abrir as persianas.

Eu olhei para a outra sala.

— Sara Jane! — sussurrei, sentindo que o queixo me caía.

— Conhece-a? — Edden cruzou os braços grossos sobre o peito. — Isso é uma sorte.

— Sorte é algo que não existe — rosnou Jenks; a brisa das suas asas tocava-me no rosto, enquanto ele pairava à altura dos meus olhos. Tinha as mãos nas ancas e as asas tinham abandonado a sua habitual translucidez e assumido uma leve tonalidade cor-de-rosa. — É uma armadilha.

Eu aproximei-me mais do vidro.

— É a secretária do Trent Kalamack. O que é que ela está a fazer aqui?



Edden erguia-se ao meu lado, os pés afastados um do outro.

— Veio à procura do namorado.

Eu voltei-me, surpreendida pela expressão tensa que encontrei no seu rosto redondo.

— Um mago chamado Dan Smather — disse Edden. — Desapareceu no domingo. A S.I. não vai fazer nada até que passem trinta dias. Ela está convencida que o seu desaparecimento está ligado aos assassinatos do caçador de bruxas. Eu acho que ela tem razão.

Senti o estômago apertado. Cincinnati não era famosa pelos seus assassinos em série, mas tínhamos assistido a mais homicídios por explicar nas últimas seis semanas do que ao longo dos últimos três anos. A recente onda de violência deixara todos perturbados, tanto Inderlanders como humanos. O vidro embaciou-se com a minha respiração e eu recuei.

— Ele corresponde ao perfil? — perguntei, sabendo de antemão que a S.I. não a teria mandado embora se assim fosse.

— Se estivesse morto, sim. Mas, para já, está apenas desaparecido.

O som áspero e seco das asas de Jenks quebrou o silêncio.

— Então para quê chamar a Rache?

— Por duas razões. A primeira sendo o facto de a menina Gradenko ser uma bruxa. — Acenou na direção da bela mulher do outro lado do vidro, a frustração a toldar-lhe a voz. — Os meus agentes não a conseguem questionar convenientemente.

Vi Sara Jane olhar para o relógio e limpar um dos olhos.

— Ela não sabe como fazer um feitiço — disse, baixinho. — Só os pode invocar. Tecnicamente, é uma maga. Quem me dera que vocês percebessem que é o nosso nível de especialização e não o nosso sexo que faz de nós bruxos ou magos.

— Seja como for, os meus agentes não sabem como interpretar as suas respostas.

Senti que a chama da raiva se acendia. Voltei-me para ele, os lábios cerrados.

— Não conseguem perceber se ela está a mentir.

O capitão encolheu os ombros, que se ergueram, espessos.

— Se quiser.

Jenks pairou entre nós, as mãos nas ancas, na sua melhor pose de Peter Pan.

— Muito bem, por isso quer que a Rache a interrogue. Qual é segunda razão?

Edden encostou um ombro à parede.

— Preciso que alguém volte à escola e, como não tenho nenhuma bruxa entre os meus funcionários, será você, Rachel.

Por um instante não pude fazer mais do que olhar fixamente para ele.

— Desculpe?

O sorriso dele fazia com que se parecesse ainda mais com um trol matreiro.

— Tem acompanhado os jornais? — perguntou, desnecessariamente, e eu assenti.

— Todas as vítimas eram bruxas — disse. — Todas exceto as duas primeiras e todas tinham experimentado a magia das linhas Ley.

Suprimi uma careta. Não gostava de linhas Ley e evitava usá-las sempre que possível. Tratava-se de portões para a eternidade e para os demónios. Uma das teorias mais populares era a de que as vítimas tinham estado a lidar com magia negra e, simplesmente, tinham perdido o controlo. Eu não acreditava nisso. Ninguém era parvo ao ponto de tentar prender um demónio, a não ser Nick, o meu namorado. E só o fizera para me salvar a vida.

Edden acenou, mostrando-me o topo da sua cabeça coberta por espessos cabelos negros.

— O que foi mantido em segredo é que todos eles, a determinada altura, foram ensinados por uma Dra. Anders.

Esfreguei as palmas das mãos arranhadas.

— Anders — murmurei, vasculhando na minha memória até encontrar o rosto magro e carrancudo de uma mulher, de cabelo demasiado curto e voz demasiado esganiçada. — Tive uma cadeira com ela. — Olhei de relance para Edden e voltei-me para o espelho, atrapalhada. — Ela era professora convidada na minha universidade, tendo ocupado o lugar de um dos nossos professores que tinha tirado licença sabática. Ensina-va Linhas Ley para as Bruxas de Terra. É uma palerma condescendente. Chumbou-me logo na terceira aula, porque eu me recusava a arranjar um familiar.

Ele resmungou.

— Desta vez, veja se consegue um B para eu conseguir o reembolso da propina.

— Uou! — gritou Jenks, esganiçando a voz pequena. — Edden, pode ir plantar as suas sementes de girassol noutra jardim. A Rachel não se vai chegar nem perto da Sara Jane. Isto é o Kalamack a tentar deitar-lhe as mãos tratadas.

Edden afastou-se da parede com um impulso, franzindo o sobrolho.

— O Sr. Kalamack não está envolvido nisto de forma alguma. E se aceitar esta missão para o tentar apanhar, Rachel, eu atiro o seu pálido traseiro de bruxa para o outro lado do rio e para o meio de Hollows. A Dra. Anders é a nossa suspeita. Se quiser o trabalho, deixe o Sr. Kalamack fora disto.

As asas de Jenks zumbiam num gemido furioso.

— Vocês deitaram anticongelante no café, esta manhã? — guinchou. — É uma armadilha! Isto não tem nada a ver com os assassinatos das bruxas. Rachel, diz-lhe que isto não tem nada a ver com os assassinatos.

— Isto não tem nada a ver com os assassinatos — disse, sem convicção. — Aceito o trabalho.

— Rachel! — protestou Jenks.

Inspirei fundo, sabendo que nunca seria capaz de me explicar. Sara Jane era mais honesta do que metade dos agentes da S.I. com quem tinha trabalhado: uma rapariga do campo que lutava por encontrar o seu caminho na cidade e ajudar a família presa por um contrato de servidão. Embora ela não me reconhecesse, eu devia-lhe aquilo. Foi a única pessoa que me mostrou alguma gentileza durante os três dias que passei no purgatório, presa sob a forma de um vison no gabinete de Trent Kalamack, na primavera anterior.

Fisicamente, éramos tão diferentes quanto duas pessoas poderiam ser. Enquanto Sara Jane se sentava à mesa, rígida, com o seu impecável fato de trabalho, todos os fios de cabelo louro no lugar e a maquilhagem tão bem aplicada que era quase invisível, eu estava com umas calças de cabedal roçadas e o meu cabelo ruivo, ondulado, selvagem e indomável. Enquanto ela era pequena, com um aspeto de boneca de porcelana, de pele clara e feições delicadas, eu era alta, tinha uma constituição atlética que me salvara a vida mais vezes do que conseguiria contar com a ajuda das sardas que me cobriam o nariz. Enquanto ela tinha curvas e carne nos sítios certos, eu ficava-me pelas curvas, sendo o meu peito pouco mais do que uma sugestão. Mas sentia uma afinidade com ela. Ambas tínhamos sido encurraladas por Trent Kalamack. E o mais certo era que, por aquela altura, ela já o soubesse.

Jenks pairou ao meu lado.

— Não — disse ele. — O Trent está a usá-la para chegar a ti.

Irritada, afastei-o com um aceno de mão.

— O Trent não me pode tocar. Edden, ainda tem aquela pasta cor-de-rosa que lhe dei a primavera passada?

— Aquela com o disco e a agenda que prova que o Trent Kalamack é um produtor e distribuidor de produtos genéticos ilegais? — O homem atarracado sorriu. — Sim. Mantenho-a junto à cama, para as noites de insónia.

Fiquei de queixo caído.

— Não era suposto abri-la a não ser que eu desaparecesse!

— Também espirei os meus presentes de Natal — disse ele. — Tenha calma. Não farei nada a não ser que o Kalamack a mate. Continuo a achar que chantagear o Kalamack é arriscado...

— É a única coisa que me mantém viva! — disse, irada, depois encolhi-me, pensando se Sara Jane me conseguiria ouvir através do vidro.

— ... mas talvez seja mais seguro do que tentar trazê-lo à justiça... de momento. Mas isto? — Apontou para Sara Jane. — Ele é demasiado esperto para isto.

Se tivesse sido outro que não Trent, teria de concordar. Trent Kalama-ck era impecável no papel, tão encantador e atraente em público, como impiedoso e frio atrás de portas fechadas. Eu vira-o matar um homem no seu gabinete, fazendo com que parecesse um acidente, utilizando um conjunto de preparativos rapidamente aplicados. Mas, enquanto o Edden não fizesse nada em relação à minha chantagem, o intocável deixar-me-ia em paz.

Jenks voava, veloz, entre mim e o espelho. Pairou, esvoaçando, com a preocupação a marcar-lhe as feições minúsculas.

— Isto cheira pior do que esse peixe. Vai-te embora. Tens de te ir embora.

O meu olhar fixou-se para lá de Jenks, em Sara Jane. Ela tinha estado a chorar.

— Estou em dívida com ela, Jenks — sussurrei. — Quer ela saiba ou não.

Edden avançou para se colocar ao meu lado e, juntos, observámos Sara Jane.

— Morgan?

Jenks tinha razão. Sorte era algo que não existia — a menos que a comprássemos — e nada acontecia perto de Trent sem um motivo. Os meus olhos estavam fixos em Sara Jane.

— Sim. Sim. Eu faço-o.

## Três

O MEU OLHAR FOI ATRAÍDO PELAS UNHAS DE SARA JANE, ENQUANTO ELA SE movia, irrequieta, à minha frente. Da última vez que a vira, estas estavam limpas mas gastas até ao sabugo. Agora eram compridas, bem cuidadas e pintadas de um tom de vermelho que revelava bom gosto.

— Então — disse eu, afastando o olhar do esmalte que brilhava de forma irregular e levando-o aos seus olhos. Eram azuis. Antes, não tinha a certeza. — A última vez que ouviu notícias do Dan foi no sábado?

Do outro lado da mesa, Sara Jane acenou. Quando Edden nos apresentou, ela não mostrou o mínimo sinal de reconhecimento. Parte de mim ficou aliviada, outra parte dececionada. O seu cheiro a lilás trouxe consigo a recordação do desamparo que senti, enquanto vison, presa no gabinete de Trent.

O lenço que Sara Jane tinha na mão era, mais ou menos, do tamanho de uma noz, apertado numa bola com os dedos trementes.

— O Dan ligou quando estava a sair do trabalho — disse ela, os tremores refletiam-se na sua voz. Olhou de relance para Edden, que se erguia junto à porta fechada, com os braços cruzados e as mangas brancas enroladas até aos cotovelos. — Bem, deixou mensagem no atendedor... eram quatro da manhã. Disse que queria jantar comigo, que queria falar comigo. Não apareceu. É por isso que sei que se passa algo de errado, agente Morgan. — Os seus olhos abriram-se e ela cerrou o maxilar, lutando para não chorar.

— É menina Morgan — disse eu, desconfortável. — Não trabalho regularmente para o D.F.I.

As asas de Jenks agitaram-se, ainda que ele continuasse pousado no meu copo de papel.

— Ela não trabalha regularmente, ponto — disse, sarcástico.

— A menina Morgan é a nossa consultora Inderlander — disse Edden, franzindo o sobrolho a Jenks.

Sara Jane limpou os olhos. Sem largar o lenço, afastou o cabelo para trás. Tinha-o cortado e fazia-a parecer ainda mais profissional, caindo até aos ombros numa lisa cortina loura.

— Trouxe uma fotografia dele — disse ela, vasculhando na mala e retirando do seu interior um instantâneo que empurrou na minha direção.

Baixei os olhos e vi-a na companhia de um jovem, no convés de um dos barcos a vapor que transportam os turistas ao longo do rio Ohio. Ambos sorriam. O braço dele envolvia-a e ela apoiava-se nele. Parecia feliz e relaxada, de calças de ganga azuis e blusa.

Demorei algum tempo a estudar a fotografia do Dan. Era apumado, de aspeto robusto e usava uma camisa aos quadrados. Precisamente o tipo de homem que se esperava que uma rapariga do campo levasse a casa para apresentar aos pais.

— Posso ficar com isto? — perguntei e ela acenou. — Obrigada. — Guardei a fotografia na minha mala, sentindo-me desconfortável com a forma como os seus olhos se fixavam na fotografia, com se o pudesse trazer de volta só com a força da sua vontade. — Sabe como poderemos entrar em contacto com os parentes dele? Pode ter-se tratado de uma emergência familiar, ter sido preciso partir sem avisar.

— O Dan é filho único — disse ela, limpando o nariz com o lenço amarrado. — Tanto a mãe como o pai já faleceram. Eram servos numa quinta, no Norte. A esperança de vida não é muito elevada para um agricultor.

— Oh! — Não sabia o que mais dizer. — Tecnicamente, não podemos entrar no apartamento dele, a não ser que seja declarado desaparecido. Por acaso não tem chave, tem?

— Sim. Eu... — Ela corou visivelmente, mesmo através da maquilhagem. — Eu deixo entrar o gato dele, quando ele trabalha até tarde.

Olhei de relance para o amuleto detetor de mentiras que tinha no colo, enquanto ele passava de verde para vermelho, por breves instantes. Ela estava a mentir, mas eu não precisava de um amuleto para perceber tal coisa. Não disse nada, não querendo embaraçá-la ainda mais, levando-a a admitir que tinha a chave por outros motivos, mais românticos.

— Estive lá hoje, por volta das sete — disse ela, os olhos baixos. — Tudo parecia bem.

— Às sete da manhã? — Edden descruzou os braços e endireitou-se. — A essa hora vocês... vocês bruxas, quero dizer... não estão enfiadas na cama?

Ela ergueu o olhar e acenou.

— Sou a secretária particular do Sr. Kalamack. Ele trabalha de manhã e ao fim do dia, por isso tenho horário bipartido. Das oito ao meio-dia, da parte da manhã, e das quatro às oito, de tarde. Demorei algum tempo a

habituar-me, mas com quatro horas para mim, da parte da tarde, pude passar mais tempo com... com o Dan — terminou. — Por favor — implorou a jovem, de forma súbita, o olhar saltando entre mim e Edden. — Eu sei que se passa algo de errado. Porque é que ninguém me ajuda?

Eu mexi-me na cadeira, desconfortável, enquanto ela lutava por se recompor. Ela sentia-se impotente. Eu compreendia melhor do que ela podia imaginar. Sara Jane era a mais recente de uma longa fiada de secretárias de Trent. Sob a forma de um vison, ouvira a sua entrevista, incapaz de a avisar que estava a ser levada a acreditar nas meias-verdades de Trent. Apesar de toda a sua inteligência, ela não tinha qualquer hipótese de escapar ao seu charme e às suas ofertas extravagantes. Com a sua oferta de emprego, Trent tinha dado à família dela um bilhete dourado que lhe permitiria escapar do contrato de servidão.

E Trent Kalamack era, de facto, um patrão benevolente, oferecendo ordenados elevados e regalias espantosas. Dava às pessoas aquilo que elas desejavam desesperadamente, não pedindo nada em troca a não ser a sua lealdade. Quando, por fim, compreendiam o quão profunda era a exigência de lealdade, sabiam demasiado para se poderem libertar.

Sara Jane tinha escapado da quinta, mas Trent tinha-a comprado, provavelmente para garantir que ela manteria a boca fechada quando descobrisse que ele negociava com Enxofre, a droga ilegal, bem como com os muitíssimo requisitados medicamentos genéticos, proibidos aquando da Viragem. Eu quase o conseguira apanhar com a verdade, mas a única testemunha que tinha falecera aquando da explosão de um carro.

Publicamente, Trent fazia parte do conselho da cidade, era intocável devido à sua vasta riqueza e aos generosos donativos que oferecia a instituições de caridade e às crianças mais pobres. Em privado, ninguém sabia sequer se era humano ou Inderlander. Nem Jenks era capaz de perceber, o que era incomum para um *pixy*. Trent controlava, discretamente, uma boa fatia do submundo de Cincinnati e tanto o D.F.I. como a S.I. venderiam de bom grado os seus patrões, para o conseguirem levar a tribunal. E, agora, o namorado de Sara Jane tinha desaparecido.

Limpei a garganta, recordando a tentação da oferta que Trent me fizera. Vendo que Sara Jane se tinha recomposto, perguntei:

— Disse que ele trabalha na pizaria Piscary's?

Ela acenou.

— É entregador. Foi assim que nos conhecemos. — Ela mordeu o lábio e baixou os olhos.

O detetor de mentiras mantinha-se verde. Piscary's era um restaurante Inderlander que servia de tudo, desde sopa de tomate a *cheesecake gourmet*. Dizia-se que o próprio Piscary era um dos mestres vampiros de Cincinna-

ti. Suficientemente simpático, pelo que ouvira: não era ganancioso com os seus vampiros, de temperamento calmo, documentado como morto há trezentos anos. Claro que, provavelmente, era mais velho do que isso e quanto mais simpático e civilizado parecia um vampiro morto-vivo, mais depravado era, geralmente. A rapariga com quem eu partilhava a casa pensava nele como uma espécie de tio amigável, o que me fazia sentir tão quentinha e fofa por dentro.

Dei outro lenço à Sara Jane e ela sorriu, ligeiramente.

— Posso ir ao apartamento dele, hoje — disse eu. — Acha que se podia encontrar lá comigo e levar a chave? Por vezes, um profissional consegue aperceber-se de coisas em que os outros não reparam.

Jenks fungou e virei os olhos, batendo na parte de baixo da mesa, para o fazer saltar.

Sara Jane mostrou alívio.

— Oh, obrigada, menina Morgan — disse ela, de repente. — Posso ir agora mesmo. Só tenho de ligar para o meu patrão para lhe dizer que chegarei um pouco atrasada. — Agarrou na mala, parecendo pronta para sair a correr da sala. — O Sr. Kalamack disse-me que podia demorar o tempo que fosse preciso esta tarde.

Olhei de relance para Jenks que zumbia, chamando a atenção. Tinha uma expressão preocupada que dizia eu bem te disse. Como era simpático da parte de Trent permitir que a secretária se demorasse todo o tempo que fosse preciso para encontrar o namorado, quando o mais certo era que este estivesse enfiado num armário para manter a boca fechada.

— Ah, combinemos para esta noite — disse eu, pensando no meu peixe. — Preciso de tratar de umas coisas. — *E preparar alguns feitiços anti-rufia, verificar o estado da minha arma de bolas explosivas e cobrar os meus honorários...*

— Claro — disse ela, recostando-se, ao mesmo tempo que a sua expressão se tornava enublada.

— E se não encontrar lá nada, passaremos ao passo seguinte. — Tentei que o meu sorriso fosse reconfortante. — Encontrar-me-ei consigo no apartamento de Dan um pouco depois das oito?

Ouvindo a nota de despedida na minha voz, ela acenou e levantou-se. Jenks ergueu-se no ar, esvoaçando, e eu levantei-me, também.

— Muito bem — disse ela. — Fica em Redwood...

Edden deslocou-se arrastando os pés.

— Eu informarei a menina Morgan da sua localização, menina Gradenko.

— Sim. Obrigada. — O sorriso dela começava a parecer afetado. — É que estou tão preocupada...



Guardei o amuleto detetor de mentiras, escondendo o gesto, vasculhando na minha mala e retirando do seu interior um dos meus cartões.

— Por favor, comunique-me ou ao D.F.I. caso receba notícias dele, entretanto — disse eu, enquanto lho entregava. Ivy tinha mandado fazer os cartões a um profissional e eles tinham um excelente aspeto.

— Assim farei — murmurou ela, os lábios movendo-se enquanto ela lia as palavras ENCANTAMENTOS VAMPÍRICOS, o nome que Nick dera à agência que eu e Ivy tínhamos montado.

Os olhos dela cruzaram-se com os meus, quando guardou o cartão na mala. Eu apertei-lhe a mão, achando que ela mostrara mais firmeza no gesto, desta vez. Contudo, os seus dedos continuavam frios.

— Eu acompanho-a à saída, menina Gradenko — disse Edden, enquanto abria a porta. Perante o seu gesto subtil, voltei a afundar-me na minha cadeira, para esperar.

Jenks agitou as asas, zumbindo para chamar a minha atenção.

— Não gosto disto — disse, quando os nossos olhos se cruzaram.

Fui consumida por uma centelha de ira.

— Ela não estava a mentir — disse eu, de forma defensiva. Ele pôs as mãos nas ancas e eu afastei-o do meu copo, com um aceno, para poder beber um golo do café tépido. — Não a conheces, Jenks. Ela odeia vermes, mas tentou impedir que o Jonathan me atormentasse, ainda que isso lhe pudesse ter custado o emprego.

— Ela teve pena de ti — disse Jenks. — Um pobre vison com um traumatismo.

— Deu-me parte do seu almoço, quando me recusei a comer aquela comida seca.

— As cenouras estavam drogadas, Rache.

— Ela não sabia. A Sara Jane sofreu tanto como eu.

O *pixy* pairava, quinze centímetros à minha frente, exigindo que olhasse para ele.

— É isso que estou a dizer. O Trent pode estar a usá-la para te atingir e ela nunca o saberá.

O meu suspiro afastou-o.

— Ela está encurralada. Tenho de a ajudar, se puder.

Ergui os olhos quando Edden abriu a porta e espreitou para o interior. Tinha na cabeça um chapéu do D.F.I., algo que parecia estranho com a camisa branca e as calças caqui, e fez um gesto na minha direção.

Jenks esvoaçou para o meu ombro.

— Esses teus “impulsos salvadores” vão acabar por te matar — sussurrou, enquanto eu saía para o corredor.

— Obrigado, Morgan — disse Edden, enquanto agarrava no recipiente do peixe e me acompanhava ao exterior.

— Não tem de quê — disse eu, enquanto penetrávamos nos gabinetes do D.F.I. O burburinho das pessoas cobriu-me e eu senti a minha tensão desvanecer na autonomia abençoada que ele me oferecia. — Ela não mentiu sobre nada a não ser o facto de ter uma chave só para deixar sair o gato. Mas eu podia ter-lhe dito isso, sem o feitiço. Depois digo-lhe o que encontrei no apartamento do Dan. Até que horas lhe posso ligar?

— Oh — disse Edden audivelmente, enquanto passávamos pela recepção e avançávamos para o passeio iluminado pelo sol. — Não é preciso, menina Morgan. Obrigado pela sua ajuda. Contactá-la-ei mais tarde.

Estaquei, surpresa. Um caracol que se escapara do rabo-de-cavalo tocava-me no ombro enquanto as asas de Jenks matraqueavam uma contra a outra, num som áspero.

— Que raio? — murmurou ele.

Senti o rosto ferver, quando me apercebi que ele me estava a dispensar.

— Eu não vim até aqui só para invocar um amuletozeco detetor de mentiras — disse, ao mesmo tempo que recomeçava a andar. — Eu disse-lhe que deixava o Kalamack em paz. Saia do meu caminho e deixe-me fazer aquilo em que sou boa.

Atrás de mim, as conversas começavam a silenciar-se. Edden não mostrou qualquer sinal de hesitação, enquanto se deslocava, lentamente, para a porta.

— É um assunto do D.F.I., menina Morgan. Deixe que lhe abra a porta.

Eu segui-o, bem de perto, sem prestar atenção aos olhares desconfiados que me eram lançados.

— Este serviço é meu, Edden — quase gritei. — Os seus homens vão estragar tudo. Trata-se de Inderlanders, não de humanos. Pode ficar com a glória. Tudo o que quero é ser paga. — *E ver o Trent atrás das grades*, acrescentei para mim mesma.

Ele empurrou uma das portas de vidro duplas, abrindo-a. O betão aquecido pelo sol lançava para o ar uma onda de calor, enquanto eu saía de rompante para o exterior atrás de Edden, quase empurrando o homem baixo contra o edifício, quando ele fez sinal a um táxi.

— Ofereceu-me este serviço e eu vou realizá-lo — exclamei, puxando um caracol da boca, enquanto o vento o fazia colar-se-me ao rosto. — Não um qualquer biscoito convencido e arrogante, com um chapéu do D.F.I., que se acha a melhor coisa desde a Viragem!

— Ótimo — disse ele, levemente, fazendo-me recuar com o choque. Pousando o recipiente no passeio, enfiou o chapéu do D.F.I. no bolso de trás

das calças. — Mas a partir deste momento, está *oficialmente* dispensada do serviço.

A minha boca abriu-se ao compreender. *Oficialmente*, eu não estava ali. Inspirando fundo, forcei a adrenalina a sair do meu sistema. Edden acenou ao ver que a minha fúria abrandava.

— Gostava que agisse com discrição, neste caso — disse ele. — Enviar o Glenn sozinho para a pizaria Piscary's não é prudente.

— O Glenn! — guinchou Jenks, a voz raspando no interior do meu crânio, fazendo os meus olhos encherem-se de lágrimas.

— Não — disse eu. — Já tenho a minha equipa. Não precisamos do detetive Glenn.

Jenks saltou do meu ombro.

— Pois — disse, enquanto voava entre mim e o capitão do D.F.I. Tinha as asas vermelhas. — Não gostamos de brincar com outros.

Edden franziu o sobrolho.

— Isto é um assunto do D.F.I. Sempre que possível, terá alguém do D.F.I. a acompanhá-la e o Glenn é o único qualificado para o fazer.

— Qualificado? — perguntou Jenks, sarcástico. — Porque não admitir que é o único agente capaz de falar com uma bruxa sem fazer xixi nas calças?

— Não — disse eu, com firmeza. — Trabalhamos sozinhos.

Edden erguia-se ao lado da lata; os braços cruzados, aliados à sua estrutura atarracada, faziam com que parecesse tão intransponível como uma parede de pedra.

— Ele é o nosso novo especialista Inderlander. Sei que é inexperiente...

— É um idiota! — disse Jenks, de repente.

Edden sorriu.

— Pessoalmente, prefiro pouco elegante.

Cerrei os lábios.

— O Glenn é um tipo arrogante e convencido, um... — gaguejei, tentando encontrar um termo suficientemente depreciativo — ... lacaio do D.F.I. que vai arranjar maneira de acabar morto da primeira vez que der de caras com um Inderlander que não seja tão simpático como eu.

Jenks abanou a cabeça.

— Precisa que lhe ensinem uma lição.

Edden sorriu.

— Ele é meu filho e eu não podia estar mais de acordo — disse.

— Ele é o quê? — exclamei eu, enquanto um veículo descaracterizado do D.F.I. parava no passeio ao nosso lado. Edden levou a mão ao puxador da porta de trás e abriu-a. Edden tinha, claramente, ascendência europeia

e o Glenn... o Glenn não. A minha boca movia-se enquanto eu tentava encontrar algo para dizer que não pudesse, de todo, ser considerado racista. Sendo bruxa, eu era sensível a esse tipo de coisas. — Então porque é que ele não usa o seu apelido? — consegui dizer.

— Ele passou a usar o nome da mãe de solteira, desde que se juntou ao D.F.I. — disse Edden, baixinho. — Não era suposto ter ficado sob a minha direção mas não tinha mais ninguém disposto a aceitar o lugar.

Franzi o sobrolho. Agora compreendia a fria receção no D.F.I. Não tinha sido apenas eu. O Glenn era novo ali, tendo aceite um lugar que todos menos o pai consideravam uma perda de tempo.

— Não vou fazer isto — disse eu. — Arranje outra pessoa para ser ama-seca do seu filho.

Edden pousou o recipiente no banco de trás.

— Ensine-o com cuidado.

— Não está a ouvir — disse eu, em voz alta, frustrada. — Atribuiu-me este serviço. Eu e os meus sócios agradecemos a sua oferta de ajuda, mas foi você quem me chamou. Afaste-se do nosso caminho e deixe-nos trabalhar.

— Ótimo — disse Edden enquanto fechava a porta de trás do carro. — Muito obrigado por levar o detetive Glenn consigo ao Piscary's.

Deixei escapar um grito de desespero.

— Edden! — exclamei, arrancando olhares às pessoas que passavam por nós. — Eu disse que não. Há apenas um som a sair dos meus lábios. Um som. Três letras. Um significado. Não!

Edden abriu a porta do passageiro e fez um gesto para que eu entrasse.

— Muitíssimo obrigado, Morgan. — Olhou de relance para o banco de trás. — Já agora, porque é que está a trabalhar para aqueles animalomens?

Libertei a respiração com um som lento e contínuo. *Maldição.*

Edden soltou uma gargalhada e eu entrei no carro e bati a porta, tentando apanhar-lhe os dedos roliços. Franzindo o sobrolho, olhei para o motorista. Era Glenn. Ele parecia tão feliz como eu me sentia. Tive de dizer qualquer coisa.

— Não se parece nada com o seu pai — disse-lhe, sarcasticamente.

O olhar dele estava fixo, com a rigidez de uma vareta, no vidro da frente.

— Ele adotou-me quando se casou com a minha mãe — disse, de dentes cerrados.

Jenks entrou, deixando atrás de si um rasto brilhante de pó de *pixy*.

— É o filho do Edden?

— Tem algum problema com isso? — perguntou ele, de forma beligerante.

O *pixy* pousou no *tablier*, com as mãos nas ancas.

— Não. Os humanos parecem-me todos iguais.

Edden baixou-se, enfiando o rosto sorridente e redondo através da janela.

— Tem aqui o seu horário — disse ele, entregando-me meia folha amarela, com furos dos lados. — Segunda, quarta e sexta. O Glenn comprará todos os livros que precisar.

— Espere lá! — exclamei, sentindo o alarme percorrer-me enquanto o papel amarelo restolhava nos meus dedos. — Pensava que só ia meter o nariz na universidade. Não quero ter de ir às aulas!

— É a cadeira que o Sr. Smather estava a fazer. Apareça, ou não será paga.

Ele sorria, estava a gostar daquilo.

— Edden! — gritei, enquanto ele recuava para o passeio.

— Glenn, leva a menina Morgan e o Jenks ao gabinete deles. Depois diz-me o que encontraram no apartamento do Dan Smather.

— Sim, *senhor!* — bradou ele. Os nós dos dedos que agarravam o volante revelavam uma pressão feroz. Manchas rosadas de pomada contra picadas e alergias decoravam-lhe os pulsos e o pescoço. Não me interessava que tivesse ouvido a maior parte da conversa. Ele não era bem-vindo e quanto mais cedo o compreendesse, melhor.

## Quatro

— À DIREITA NA PRÓXIMA ESQUINA — DISSE EU, POUSANDO O BRAÇO NA JANELA aberta da viatura descaracterizada do D.FI.

Glenn passou os dedos pelo cabelo curto, coçando o couro cabeludo. Não dissera uma palavra durante o caminho, relaxando o maxilar gradualmente, ao compreender que eu não o ia obrigar a falar comigo. Não estava ninguém atrás de nós, mas ele fez sinal antes de virar para a minha rua.

Tinha os óculos de sol postos, e observava o bairro residencial com os seus passeios à sombra e relvados irregulares. Estávamos nas profundezas de Hollows, o refúgio não oficial para a maior parte dos residentes Inderlanders de Cincinnati desde a Viragem, quando todos os humanos que sobreviveram fugiram para a cidade e se refugiaram numa falsa sensação de segurança. Sempre houve alguma mistura mas, na sua maioria, os humanos viviam e trabalhavam em Cincinnati desde a Viragem e os Inderlanders trabalhavam e... hum... brincavam em Hollows.

Acho que Glenn estava surpreendido por os subúrbios se parecerem com qualquer outro bairro: até nos apercebermos que havia runas escrevinhadas no jogo da macaca e que o cesto de basquete tinha mais um terço da altura regulamentar da NBA. Também era mais silencioso. Mais pacífico. Em parte, isso devia-se ao facto de as escolas não deixarem sair os alunos até perto da meia-noite mas, na sua maioria, tratava-se de instinto de preservação.

Todos os Inderlanders com mais de quarenta anos tinham passado os seus primeiros anos de vida a tentar esconder o facto de que não eram humanos, uma tradição explicável com o receio cuidadoso dos caçados, vampiros incluído. Por isso, a relva é cortada por adolescentes trombudos às sextas, os carros são diligentemente lavados aos sábados e o lixo acumula-se em pilhas organizadas, no passeio, às quartas. Contudo, as lâmpadas dos candeeiros de rua são destruídas por tiros ou feitiços, mal a Câmara

as substitui e ninguém chama a Protetora dos Animais quando vê um cão abandonado, já que se pode tratar do filho do vizinho a fazer gazeta às aulas.

A perigosa realidade de Hollows permanece cuidadosamente escondida. Sabemos que se nos afastarmos muito dos limites autoimpostos pela humanidade, os medos antigos voltarão à superfície e seremos atacados. Eles perderiam a guerra — de forma retumbante — e os Inderlanders, como um todo, gostam das coisas equilibradas, tal como estão. Menos humanos significaria que as bruxas e os animalomens se veriam obrigados a sustentar as necessidades dos vampiros. E, embora uma ou outra bruxa “apreciasse” o estilo de vida vampírico, por vontade própria, unir-nos-íamos para acabar com eles, se nos tentassem transformar em comida. Os vampiros mais antigos sabem-no e, por isso, garantem que todos agem de acordo com as regras da humanidade.

Felizmente, o lado mais selvagem dos Inderlanders gravita, como é natural, para os limites exteriores de Hollows e para longe dos nossos lares. A faixa de clubes noturnos ao longo de ambas as margens do rio é particularmente perigosa, já que os humanos, em magotes e ébrios, atraem os maiores predadores entre nós, como fogueiras numa noite fria, com promessas de calor e certezas de sobrevivência. Os nossos lares são mantidos tão humanos quanto possível. Aqueles que se afastam demasiado da imagem do Sr. e da Sra. Cleaver<sup>1</sup> eram encorajados, através de um grupo de intervenção de bairro deveras singular, a misturarem-se um pouco mais... ou a mudarem-se para o campo, onde podiam provocar menos danos. O meu olhar passou pelo sinal jocoso, que se erguia de um canteiro de dedaleiras. NOCTÍVAGO. VENDEDORES SERÃO COMIDOS. *Pelo menos na sua maioria.*

— Pode estacionar ali, à direita — disse eu, apontando.

Glenn franziu o sobrolho.

— Pensei que íamos ao seu escritório.

Jenks esvoaçou do meu brinco para o espelho retrovisor.

— E vamos — disse, sarcástico.

Glenn coçou o maxilar, com a barba curta a emitir um som raspado sob as unhas.

— Dirige a sua agência numa casa?

Eu suspirei, perante o tom paternalista.

— Mais ou menos. Por estes lados qualquer sítio serve.

Ele parou junto ao passeio, em frente à casa de Keasley o “sábio velhote” do bairro que tinha tanto o equipamento como os conhecimentos médicos de uma pequena sala de urgências, que colocava à disposição de todos os que soubessem ficar de boca fechada. Do outro lado da rua erguia-se

---

<sup>1</sup> Personagens da série norte-americana *Leave It to Beaver*. (N. da T.).

uma pequena igreja de pedra, a torre do campanário erguendo-se bem alto, sobre dois carvalhos gigantes. Estava situada sobre quatro lotes urbanos e vinha acompanhada pelo seu próprio cemitério.

Alugar uma igreja abandonada não fora ideia minha, mas de Ivy. A paisagem de lápides que se estendia em frente à janela de vitral do meu quarto requerera algum tempo de habituação mas a cozinha mais do que compensava o facto de ter humanos mortos enterrados nas traseiras.

Glenn desligou o motor e o novo silêncio impregnou tudo. Antes de sair, perscrutei os pátios vizinhos, um hábito que criara devido às não muito distantes ameaças de morte e que achei prudente manter. O velho Keasley estava, como de costume, no seu alpendre, balançando-se e mantendo o olhar atento na rua. Acenei-lhe e recebi, como resposta, uma mão erguida. Convencida de que ele me teria avisado, caso fosse necessário, saí e abri a porta das traseiras para retirar o recipiente com o peixe.

— Eu trato disso, minha senhora — disse Glenn, enquanto a porta do seu lado se fechava com um som surdo.

Eu dirigi-lhe um olhar cansado, por cima do tejadilho.

— Pare com o *minha senhora*, pode ser? O meu nome é Rachel.

O seu olhar fixou-se num ponto acima do meu ombro e ele ficou visivelmente rígido. Eu voltei-me, esperando o pior, e relaxei ao ver uma nuvem de crianças *pixies* que desciam do ar, num coro de diálogos agudos e demasiado rápidos para que os conseguisse seguir. Tinham sentido a falta do papá Jenks, como sempre. O meu mau humor desapareceu enquanto as figuras dardejantes e rodopiantes, vestidas de verde-claro e dourado, redemoinhavam em torno do pai, como num pesadelo da Disney. Glenn tirou os óculos, os olhos castanhos muito abertos e os lábios afastados.

Jenks emitiu um assobio penetrante com as asas e a horda afastou-se o suficiente para que ele pudesse pairar à minha frente.

— Ei, Rache — disse ele. — Estarei nas traseiras se precisares de mim.

— Claro. — Olhei de relance para Glenn e sussurrei. — A Ivy está em casa?

Os *pixies* seguiram o meu olhar para o humano e sorriram. Sem dúvida imaginando o que Ivy faria quando conhecesse o filho do capitão Edden. Jax, o filho mais velho de Jenks, juntou-se ao pai.

— Não, menina Morgan — disse ele, dando à sua voz pré-adolescente um timbre mais profundo do que tinha normalmente. — Foi fazer alguns recados. O supermercado, os correios, o banco. Ela disse que estaria de volta antes das cinco.

O *banco*, pensei, tremendo. Ela deveria esperar até eu conseguir o resto da minha renda. Jax traçou três círculos em redor da minha cabeça, deixando-me tonta.



— Adeus, menina Morgan — gritou, voando para se juntar aos irmãos, que escoltavam o pai de volta à igreja e ao tronco de carvalho para onde Jenks levava a sua família gigantesca.

Soltei a respiração de forma ruidosa, quando Glenn contornou o carro, oferecendo-se para transportar o recipiente. Abanei a cabeça e tomei-lhe o peso; não era assim tão pesado. Começava a sentir-me culpada por ter permitido que o Jenks o *pixasse*. Mas, na altura, não sabia que ia ser a sua ama-seca.

— Vamos entrar — disse eu, começando a atravessar a rua, em direção aos grandes degraus de pedra.

O som dos seus sapatos de sola dura, a bater no chão da rua, revelou a sua hesitação.

— Vive numa igreja.

Semicerrei os olhos.

— Sim. Mas não durmo com bonecos de vudu.

— Há?

— Esqueça.

Glenn murmurou qualquer coisa e a minha culpa tornou-se ainda mais profunda.

— Obrigada por me ter trazido a casa — disse, enquanto subia os degraus de pedra e abria o lado direito das portas de madeira duplas, para que passasse. Ele não disse nada e eu acrescentei: — A sério. Obrigada.

Hesitando na ombreira da porta, ele olhou para mim fixamente. Eu não conseguia perceber o que ele estava a pensar.

— Não tem de quê — acabou por dizer, mas a sua voz também não me deu qualquer pista.

Guiiei-o através do *foyer* vazio até ao santuário, ainda mais vazio. Antes de termos alugado a igreja, esta tinha sido usada como infantário. Os bancos corridos e o altar tinham sido retirados para proporcionar uma área maior para as crianças brincarem. Agora, tudo o que restava eram os vitrais e um palco ligeiramente erguido. A sombra de uma cruz enorme, há muito desaparecida, espalhava-se sobre a parede como uma recordação pungente. Olhei de relance para o teto alto, encarando de forma diferente a divisão familiar, enquanto Glenn a fitava. Era silenciosa. E eu já me tinha esquecido de como era pacífica.

Ivy espalhara colchões de ginástica sobre metade do santuário, deixando um corredor estreito que se estendia do *foyer* para as salas dos fundos. Pelo menos uma vez por semana, lutávamos para mantermos as nossas capacidades, agora que éramos as duas independentes e não percorríamos as ruas todas as noites. A sessão terminava, invariavelmente, comigo a suar e coberta de nódoas negras, enquanto ela não ficava sequer sem fôlego. Ivy

era uma vampira viva, tão viva como eu, e com alma, infetada pelo vírus do vampirismo por intermédio da mãe, na altura ainda viva.

Não tendo de esperar pela morte para que o vírus a começasse a moldar, Ivy nascera com um pouco de ambos os mundos, o dos vivos e o dos mortos, presa num terreno intermédio, até morrer e se tornar uma verdadeira morta-viva. Dos vivos tinha a alma, que lhe permitia andar ao sol, rezar sem dor e viver em solo sagrado, se quisesse, algo que fazia para irritar a mãe. Dos mortos tinha os pequenos mas afiados caninos, a capacidade de usar a sua aura e de me assustar terrivelmente, bem como o poder de enfeitiçar aqueles que o permitissem. A sua força e velocidade sobrenaturais eram, sem sombra de dúvida, inferiores às de um verdadeiro morto-vivo, mas ainda assim muito superiores às minhas. E, embora não precisasse de sangue para manter a sanidade, tinha uma perturbadora sede de sangue, que estava constantemente a lutar para suprimir, já que ela era uma das poucas vampiras vivas a ter jurado manter-se limpa de sangue. Imaginava que Ivy tivesse tido uma infância interessante, mas tinha medo de perguntar.

— Venha até à cozinha — disse eu, enquanto atravessava a passagem em arco no fundo do santuário.

Tirei os óculos quando passei pela minha casa de banho. Aquela fora, outrora, a casa de banho dos homens, as louças tradicionais substituídas por uma máquina de lavar e secar, um pequeno lavatório e um chuveiro. A casa de banho das senhoras, do outro lado do corredor, tinha sido transformada numa casa de banho mais convencional, com uma banheira. Essa era de Ivy. Casas de banho separadas tornavam as coisas muito mais fáceis.

Não apreciando a forma como Glenn ia fazendo os seus julgamentos silenciosos, fechei as portas tanto do quarto de Ivy como do meu, ao passar por eles. Tinham sido, outrora, os gabinetes dos clérigos. Ele entrou na cozinha atrás de mim, arrastando os pés, demorando alguns instantes a absorver tudo aquilo. Era assim com a maior parte das pessoas.

A cozinha era enorme e parte da razão porque eu aceitara viver numa igreja com uma vampira. Tinha dois fogões, um frigorífico de tamanho gigante e uma grande ilha central sobre a qual estava pendurada uma estrutura repleta de utensílios e tachos brilhantes. O aço inoxidável brilhava e o espaço do balcão era extenso. Com exceção do meu Beta no copo de *brandy*, pousado no parapeito da janela, e da enorme mesa antiga que Ivy usava como secretária para o computador, parecia o cenário de um programa de culinária. Era a última coisa que se esperava encontrar nas traseiras de uma igreja e eu adorava-a.

Pousei o recipiente com o peixe sobre a mesa.

— Porque não se senta — disse, querendo ligar aos Howlers. — Volto

num instante. — Hesitei, enquanto os meus bons modos avançavam a custo, vindos dos recessos da minha mente. — Quer uma bebida... ou alguma coisa? — perguntei.

Os olhos castanhos de Glenn eram imperscrutáveis.

— Não, minha senhora.

A voz dele estava rígida, com mais do que um toque de sarcasmo, o que me deu vontade de lhe dar um açoite e de lhe dizer que se acalmasse. Lidaria com a sua atitude mais tarde. Agora tinha de ligar aos Howlers.

— Então sente-se — disse, revelando parte da minha irritação. — Volto já.

A sala de estar ficava mesmo em frente à cozinha, do outro lado do corredor. Enquanto procurava, na mala, o número de telefone do treinador, carreguei no botão para ouvir as mensagens do atendedor de chamadas.

— Ei, Ray-ray. Sou eu — disse a voz de Nick, parecendo fraca na gravação. Olhando de relance para o outro lado do corredor, baixei o som para que Glenn não ouvisse. — Já os tenho. Terceira fila a contar de trás, do lado direito. Agora vais ter de cumprir com a tua palavra e arranjar os passes para os bastidores. — Houve uma pausa seguida de: — Ainda não acredito que o conheceste. Falamos mais tarde.

A minha respiração acelerou de excitação, quando a mensagem chegou ao fim. Tinha conhecido Takata quatro anos antes, quando ele me vira no segundo balcão, durante um concerto de solstício. Eu pensei que ia ser expulsa quando um corpulento animalomem, com uma t-shirt do *staff* me acompanhou aos bastidores enquanto a banda de abertura tocava.

Afinal Takata vira o meu cabelo frisado e queria saber se se tratava de um feitiço ou se era natural e, caso fosse natural, se eu tinha algum amuleto que permitisse manter liso algo tão rebelde? Encantada por me encontrar perante uma estrela, e embarçando-me por várias vezes, admiti que era natural, embora lhe tivesse dado algum encorajamento nessa noite e oferecido um dos encantamentos para o domar, que eu e a minha mãe tínhamos passado a minha adolescência a aperfeiçoar. Então ele riu, desfazendo uma das suas finas tranças louras e revelando um cabelo ainda pior do que o meu, a estática fazia-o flutuar e colar-se a tudo. Nunca mais alisara o meu cabelo.

Eu e os meus amigos tínhamos assistido ao espetáculo a partir dos bastidores e, depois, Takata e eu obrigámos os guarda-costas dele a perseguirem-nos através de Cincinnati, durante toda a noite. Eu tinha a certeza de que ele se ia lembrar de mim, mas não fazia ideia do modo de o contactar. Não podia propriamente ligar-lhe e dizer: “Lembras-te de mim? Tomámos café no solstício, há quatro anos, e falámos sobre como endireitar caracóis.”

Um sorriso fez tremer os cantos dos meus lábios, enquanto mexia com o dedo no atendedor. Ele era porreiro para um velhote. Claro que, na altura, qualquer pessoa com mais de trinta anos me parecia velha.

A mensagem do Nick era a única e dei por mim a andar de um lado para o outro, enquanto agarrava no telefone e marcava o número dos Howlers. Puxei pela camisa enquanto esperava que atendessem. Depois de ter estado a fugir daqueles animalomens, tinha de tomar um banho.

Houve um clique e uma voz baixa quase rosnuu.

— ‘Tou. Ligou pòs Howlers.

— Treinador! — exclamei reconhecendo a voz do animalomem. — Boas notícias.

Houve uma pequena pausa.

— Quem fala? — perguntou ele. — Onde é que arranjou este número?

Eu comecei.

— É a Rachel Morgan — disse lentamente. — Dos Encantamentos Vampíricos?

Houve um grito só meio ouvido, dirigido para longe do telefone.

— Qual de vocês, cães, é que ligou para o serviço de acompanhantes? Vocês são atletas, por amor de Deus. Não conseguem arranjar as vossas próprias cadelas sem terem de pagar por elas?

— Espere! — disse eu, antes que ele pudesse desligar. — Contratou-me para encontrar a vossa mascote.

— Oh! — Houve uma pausa e eu ouvi vários gritos de guerra ao fundo. — Certo.

Avaliei, rapidamente, as vantagens de mudar o nosso nome e os problemas que Ivy levantaria: mil cartões-de-visita pretos, brilhantes; o anúncio de uma página na lista telefónica; as canecas gigantes que ela mandara gravar com o nosso nome em folha de ouro. Não ia acontecer.

— Recuperarei o vosso peixe — disse, arrancando-me às minhas contemplações. — Quando é que o podem vir buscar?

— Hum — murmurou o treinador. — Ninguém lhe ligou?

Fiquei pálida.

— Não.

— Um dos rapazes mudou-a de sítio quando estavam a limpar o tanque e não disse a ninguém — explicou. — Ela nunca esteve em falta.

*Ela? Pensei. O peixe era uma ela? Como é que eles sabiam?* Depois fiquei furiosa. Tinha entrado no escritório de um grupo de animalomens para nada?

— Não — disse friamente. — Ninguém me ligou.

— Hum. Desculpe lá isso. Mas obrigado pela ajuda.

— Uou! Espere um momento — gritei, ao perceber na sua voz que

me estava a mandar passear. — Passei três dias a planear isto. Arrisquei a minha vida!

— E estamos gratos... — começou o treinador.

Eu voltei-me, furiosa, e fitei o jardim através das janelas que me davam pelo ombro.

— Acho que não, *Treinador*. Estamos a falar de tiros!

— Mas ela nunca esteve perdida — insistiu o treinador. — Não tem o nosso peixe. Lamento.

— Os seus lamentos não vão manter aqueles animalomens longe de mim. — Furiosa, andava de um lado para o outro, em redor da mesinha de centro.

— Ouça — disse ele. — Mando-lhe bilhetes para o jogo de apresentação que vamos ter em breve.

— Bilhetes! — exclamei, espantada. — Por ter entrado no escritório do Sr. Ray?

— Do Simon Ray? — perguntou o treinador. — Entrou no escritório do Simon Ray? Raios, isso é difícil. Adeus.

— Não, espere! — gritei, mas a chamada caiu. Fitei o auscultador que zumbia. Será que eles sabiam quem eu era? Será que eles sabiam que eu podia amaldiçoar os tacos deles para que estalassem, e as bolas curtas e altas para caírem fora? Será que eles pensavam que eu me ia recostar e não fazer nada, quando me estavam a dever o dinheiro da renda?!

Deixei-me cair na cadeira de camurça de Ivy, com uma sensação de desamparo.

— Sim, claro — disse suavemente.

Para realizar um feitiço sem contacto, precisava de uma varinha. As propinas da faculdade pública não cobriam a manufatura de varinhas, só poções e amuletos. Eu não tinha os conhecimentos, quanto mais a receita, para algo assim tão complicado. Parece que, afinal, eles sabiam exatamente quem eu era.

O som de um pé a raspar no linóleo chegou até mim, vindo da cozinha, e eu olhei de relance para o corredor. Maravilha. Glenn tinha ouvido aquilo tudo. Embaraçada, levantei-me da cadeira. Arranjaria o dinheiro noutra sítio. Tinha quase uma semana.

Glenn voltou-se quando eu entrei na cozinha. Estava de pé, ao lado do recipiente com o peixe inútil. Talvez o pudesse vender. Pousei o telefone ao lado do computador de Ivy e dirigi-me ao lava-loiça.

— Pode sentar-se, detetive Edden. Vamos ficar aqui por algum tempo.

— O meu nome é Glenn — disse ele, rígido. — É contra a política do D.F.I. ficar sob a alçada de um membro da família, por isso agradecia que o mantivesse para si. E agora vamos ao apartamento do Sr. Smather.

Eu soltei uma gargalhada que mais parecia um latido.

— O seu pai gosta mesmo de vergar as regras, não é?

Ele franziu o sobrolho.

— Sim, minha senhora.

— Não vamos ao apartamento do Dan enquanto a Sara Jane não sair do trabalho. — Depois curvei-me. Não era com Glenn que estava zangada.

— Ouça — disse eu, não querendo que Ivy o descobrisse ali, enquanto eu estava a tomar duche. — Porque é que não volta para casa e vem aqui ter comigo por volta das sete e meia?

— Eu preferia ficar. — Ele coçou a irritação mostrando uma mancha rosada sob a bracelete do relógio.

— Claro — disse eu, amargamente. — Como queira. Mas eu tenho de ir tomar um banho. — Era óbvio que ele temia que eu fosse sem ele. A preocupação tinha os seus fundamentos. Inclinando-me para a janela por cima do lava-loiça, gritei para o jardim luxuriante, de que os *pixies* cuidavam: — Jenks!

O *pixy* atravessou tão depressa o buraco na rede mosquiteira que eu podia apostar que ele nos tinha estado a ouvir.

— Gritou, princesa do fedor? — disse ele, aterrando ao lado do *Sr. Peixe*, no parapeito.

Eu dirigi-lhe um olhar cansado.

— Importas-te de mostrar o jardim ao Glenn, enquanto eu tomo banho?

As asas de Jenks começaram a agitar-se até não serem mais do que um borrão.

— Sim — disse ele, esvoaçando para traçar círculos largos em redor da cabeça de Glenn. — Eu tomo conta dele. Anda, biscoito. Vais ter direito à visita guiada. Começemos pelo cemitério.

— Jenks — avisei e ele dirigiu-me um sorriso, atirando com mestria os cabelos louros para cima dos olhos.

— Por aqui, Glenn — disse ele, voando para o corredor. Glenn seguiu-o, mas era óbvio que não estava feliz.

Ouvi o som da porta das traseiras a fechar e debrucei-me à janela.

— Jenks?

— O que foi? — O *pixy* voou para a janela, o rosto marcado pela irritação.

Cruzei os braços pensativa.

— Importas-te de me trazer algumas folhas de círio-do-rei e flores de maria-sem-vergonha, quando tiveres oportunidade? E temos dentes-de-leão que ainda não tenham sementes?

— Dentes-de-leão? — Ele desceu alguns centímetros, surpreendido,

as asas a bater. — Estás a ficar mole? Vais fazer um feitiço contra a comichão, não vais?

Debrucei-me ainda mais para ver Glenn que se erguia, rígido, sob o carvalho, a coçar o pescoço. Tinha um ar infeliz e, como Jenks nunca parava de me dizer, eu adorava os desfavorecidos.

— Limita-te a trazê-las, está bem?

— Claro — disse ele. — Assim não serve de grande coisa, pois não?

Engoli uma gargalhada e Jenks voou pela janela, juntando-se a Glenn. O *pixy* aterrou-lhe no ombro e Glenn saltou de surpresa.

— Ei, Glenn — disse Jenks em voz alta. — Segue na direção daquelas flores amarelas, ali, atrás do anjo de pedra. Quero mostrar-te o resto dos meus filhos. Eles nunca viram um agente do D.F.I.

Um ligeiro sorriso espalhou-se no meu rosto. Glenn ficaria seguro com Jenks, caso Ivy regressasse a casa mais cedo. Ela protegia ciosamente a sua privacidade e odiava surpresas, em especial aquelas que envolviam agentes do D.F.I. O facto de Glenn ser filho de Edden também não ia ajudar. Ela estava disposta a esquecer o seu ressentimento, mas se sentisse que o seu território estava a ser ameaçado, não hesitaria em agir e o seu estranho estatuto político como futuro vampiro morto permitia-lhe fazer coisas que me atirariam para uma prisão da S.I.

Quando me voltei, os meus olhos caíram sobre o peixe.

— O que é que vou fazer contigo... *Bob*? — disse eu, suspirando.

Não o ia levar de volta ao escritório do Sr. Ray, mas não o podia deixar ficar no recipiente. Abri a tampa, descobrindo que as suas guelras ainda se moviam, mas que ele estava quase de lado. Pensei que talvez fosse melhor metê-lo na banheira.

Com o recipiente na mão, levei-o para a casa de banho de Ivy.

— Bem-vindo a casa, *Bob* — murmurei, despejando o recipiente na grande banheira preta. O peixe saltou nos dois centímetros de água e eu apressei-me a abrir as torneiras, controlando o seu fluxo para tentar manter a água à temperatura ambiente. Depressa *Bob*, o peixe, estava a nadar em graciosos círculos hipnóticos. Fechei a torneira e esperei que esta parasse de pingar e que a superfície ficasse lisa. Era, de facto, um belo peixe, que sobressaía contra a porcelana negra: todo prateado com longas barbatanas creme e um círculo preto a decorar um dos flancos, como uma Lua cheia em negativo. Mexi os dedos na água e ele afastou-se, rapidamente, para a extremidade oposta da banheira.

Deixando-o, atravessei o corredor para a minha própria casa de banho. Tirei uma muda de roupa da máquina de secar e abri a torneira do chuveiro. Enquanto desfazia os nós do cabelo e esperava que a água aquecesse, os meus olhos caíram sobre os três tomates que amadureciam no



parapeito. Tinham-me sido dados por uma *pixy* como pagamento por a ter ajudado a atravessar a cidade, em segredo, enquanto fugia de um casamento indesejado. E embora os tomates já não fossem ilegais, era de mau gosto deixá-los à vista quando se tinha um convidado humano.

Tinham passado apenas quarenta anos desde que um quarto da população humana fora morta por um vírus de fabrico militar que tinha sido inadvertidamente libertado e que se alojara, espontaneamente, num ponto fraco de um tomate de bioengenharia. Este foi enviado para fora do laboratório antes que alguém se apercebesse do que tinha acontecido — fazendo com que o vírus atravessasse os oceanos com a facilidade de um viajante internacional — e a Viragem começou.

O vírus mutante teve efeitos diferentes nos Inderlanders escondidos. As bruxas, os vampiros mortos-vivos e as espécies mais pequenas, como os *pixies* e as fadas, não foram afetados de todo. Os animalomens, os vampiros vivos, os duendes e outros que tais apanharam constipações. Os humanos morreram aos magotes, levando consigo os elfos, cuja política de miscigenação com a humanidade, para aumentar o seu número, se revelou adversa.

Os Estados Unidos teriam mergulhado no caos, seguindo os países do Terceiro Mundo, se os Inderlanders escondidos não tivessem avançado para impedir a propagação do vírus, queimar os mortos e manter a civilização em movimento até que o que restava da humanidade terminasse o seu luto. O nosso segredo estava prestes a ser revelado, graças à fatal questão do que é que torna estas pessoas imunes, quando um carismático vampiro vivo, de seu nome Rynn Cormel, realçou o facto de que nós, como um todo, e a humanidade éramos, agora, em igual número. A decisão de revelar a nossa presença, de viver abertamente entre os humanos que tínhamos vindo a imitar para nos mantermos em segurança, foi quase unânime.

A Viragem, como passou a ser chamada, inaugurou um período de três anos tenebrosos. A humanidade descarregou o medo que sentia de nós sobre os bioengenheiros que tinham sobrevivido, assassinando-os em julgamentos concebidos para legalizar os homicídios. Depois foram mais longe, proibindo todos os produtos geneticamente modificados, bem como a ciência que os criara. Uma segunda onda de mortes, mais lenta, seguiu-se à primeira, à medida que as doenças antigas ganhavam nova vida, assim que os medicamentos que a humanidade criara para combater todas as doenças, do Alzheimer ao cancro, deixaram de existir. Os tomates continuam a ser encarados como veneno pelos humanos, ainda que o vírus tenha desaparecido há muito. Quem não os cultiva tem de recorrer a lojas especializadas para os encontrar.

Uma ruga marcou-me a testa, enquanto fitava o fruto vermelho, coberto pela humidade do banho. Se eu fosse esperta, colocá-lo-ia na cozinha



para ver como reagiria Glenn no Piscary's. Levar um humano a um restaurante Inderlander não era das melhores ideias. Se ele fizesse uma cena, para além de não conseguirmos qualquer informação, podíamos ser banidos, ou pior.

Calculando que a água estava suficientemente quente, deslizei para debaixo do chuveiro com uma série de pequenos “oh, oh, oh”. Vinte minutos depois, estava enrolada numa grande toalha cor-de-rosa, em frente ao meu horrível toucador de contraplacado, sobre o qual se encontravam cerca de uma dúzia de frasquinhos de perfume, cuidadosamente alinhados. A fotografia desfocada do peixe dos Howlers estava presa entre o espelho e a moldura. A mim, parecia-me o mesmo peixe.

Os gritinhos felizes dos pequenos *pixies* entravam pela janela aberta e acalmavam-me. Eram muito poucos os *pixies* que conseguiam criar a sua família na cidade. Jenks tinha um espírito mais forte do que quase todas as pessoas que conhecia. Já tinha matado para poder manter o seu jardim e impedir que os seus filhos morressem à fome. Era bom ouvir as suas vozes felizes: o som da família e da segurança.

— Que perfume é que era? — murmurei, os dedos pairando sobre os perfumes enquanto me tentava lembrar qual deles a Ivy e eu estávamos a testar. De vez em quando aparecia um novo frasco no meu toucador, sem qualquer comentário, quando ela encontrava algo novo para eu experimentar.

Levei a mão a um, baixando-a quando Jenks disse, mesmo ao lado do meu ouvido:

— Esse não.

— Jenks! — Apertei a toalha contra o corpo e virei-me. — Põe-te a andar do meu quarto!

Ele voou para trás, quando eu o tentei agarrar. O sorriso dele abriu-se ainda mais, enquanto olhava para a perna que eu revelara, acidentalmente. Rindo, passou por mim a voar e aterrou em cima de um dos frasquinhos.

— Este funciona bem — disse. — E vais precisar de toda a ajuda que puderes arranjar, quando contares à Ivy que vais outra vez atrás do Trent.

Franzindo o sobrolho, levei a mão ao frasco. Com as asas a bater, ele ergueu-se e o pó de *pixy* cintilou, durante alguns instantes, enquanto descia por entre os frasquinhos brilhantes.

— Obrigada — disse eu, carrancuda, sabendo que o nariz dele era melhor do que o meu. — Agora sai daqui. Não, espera. — Ele hesitou junto da pequena janela de vitral e eu jurei coser o pequeno buraco para *pixies* na rede mosquiteira. — Quem está a tomar conta do Glenn?

Jenks brilhou, literalmente, de orgulho paterno.

— O Jax. Estão no jardim. O Glenn está a atirar caroços de cerejas

selvagens com um elástico, para os meus filhos os apanharem antes que caíam ao chão.

Fiquei tão surpreendida, que quase esqueci que o meu cabelo estava a pingar e que não tinha nada vestido para além de uma toalha.

— Ele está a brincar com os teus filhos?

— Sim. Ele não é assim tão mau... quando o conhecemos melhor. — Jenks voou através do buraco para *pixies*. — Mando-o para dentro, daqui a cinco minutos, está bem? — disse através da rede mosquiteira.

— Espera dez — disse, baixinho, mas ele já tinha partido.

Franzindo o sobrolho, fechei a janela, tranquei-a e verifiquei, por duas vezes, se os cortinados estavam direitos. Pegando no frasco que Jenks sugerira, salpiquei-me de perfume. Flores de canela. Ivy e eu tínhamos estado a trabalhar, durante os últimos três meses, para encontrar um perfume que escondesse o seu odor natural misturado com o meu. Aquele era um dos mais agradáveis.

Estivessem mortos-vivos ou vivos, os vampiros agiam de acordo com os seus instintos despoletados por feromonas e odores, encontrando-se ainda mais à mercê das suas hormonas do que um adolescente. Emitiam um odor, em grande medida indetetável, que cobria os espaços que eles ocupavam, um aviso odorífero que avisava outros vampiros que aquele território estava ocupado e que se deviam afastar. Era muitíssimo melhor do que a forma como os cães marcavam o seu território, mas o facto de vivermos na mesma casa, implicava que o cheiro de Ivy também me cobria. Ela dissera-me, certa vez, que se tratava de um traço de sobrevivência que ajudava a aumentar a esperança de vida de um espectro, impedindo que este fosse caçado. Eu não era o espectro dela, mas o efeito era o mesmo. Em suma, o cheiro dos nossos odores naturais misturados funcionava como um afrodisíaco sanguíneo, tornando mais difícil a Ivy superar os seus instintos, fosse ou não praticante.

Uma das poucas discussões que tivera com Nick fora sobre a razão de eu a aturar e a ameaça constante que ela representava para o meu livre-arbítrio, se ela se esquecesse do seu voto de abstinência, durante a noite, e eu não a conseguisse afastar. A verdade é que ela se considerava a minha melhor amiga, mas ainda mais revelador era o facto de ter diminuído um pouco o controlo absoluto que mantinha sobre as suas emoções e permitido que eu fosse também sua amiga. Tratava-se de uma honra espantosa. Ela era a melhor agente que eu alguma vez conhecera e eu sentia-me, permanentemente, elogiada por ela ter deixado uma brilhante carreira na S.I. para trabalhar comigo e me salvar o couro.

Ivy era possessiva, dominante e imprevisível. Também tinha a força de vontade mais poderosa de todas as pessoas que já conhecera, travando uma

batalha interior que, caso vencesse, lhe roubaria a possibilidade de gozar de uma vida depois da morte. E estava disposta a morrer para me proteger porque eu disse que ela era minha amiga. Deus, como é que se pode virar as costas a algo assim?

Com exceção dos momentos em que nos encontrávamos sós e ela se sentia livre de recriminações, comportava-se com uma rigidez fria ou como uma vampira clássica, sexualmente dominante, algo que descobri ser uma forma de se divorciar dos seus sentimentos, temendo perder o controlo caso revelasse alguma brandura. Acho que ela tinha tentado manter a sua sanidade vivendo por interposta pessoa, através de mim, enquanto eu tropeçava pela vida, apreciando o entusiasmo com que eu encarava tudo, de uns sapatos de salto vermelhos, em saldos, à aprendizagem de um feitiço capaz de deixar a dormir um tipo grande e feio. E, enquanto os meus dedos deslizavam sobre os perfumes que ela me comprara, perguntei-me, mais uma vez, se o Nick teria razão e se a nossa relação poderia estar a resvalar para algo que eu não queria.

Vestindo-me rapidamente, regressei à cozinha vazia. O relógio por cima do lava-loiça dizia que nos estávamos a aproximar das quatro da tarde. Tinha muito tempo para fazer um feitiço para Glenn antes de sairmos.

Tirando um dos meus livros de feitiços da prateleira por baixo do balcão da ilha, sentei-me no meu lugar do costume junto à antiga mesa de madeira de Ivy. Senti a felicidade invadir-me ao abrir o tomo amarelado. A brisa que entrava pela janela estava fresca, prometendo uma noite fria. Adorava estar ali, a trabalhar na minha bela cozinha, rodeada por solo sagrado, protegida de todas as coisas más.

O feitiço contra a comichão foi fácil de encontrar, o canto dobrado e a página coberta de manchas antigas. Deixando o livro aberto, levantei-me para ir buscar o meu caldeirão de cobre mais pequeno para feitiços e as colheres de cerâmica. Era raro um humano aceitar um amuleto mas talvez, se me visse a fazê-lo, Glenn o aceitasse. O pai aceitara um amuleto contra as dores, certa vez.

Estava a medir a água de nascente com o meu cilindro graduado quando ouvi passos arrastados nos degraus das traseiras.

— Olá? Menina Morgan? — chamou Glenn, enquanto batia e abria a porta. — O Jenks disse que eu podia ir entrando.

Eu não ergui os olhos das cuidadosas medições.

— Na cozinha — disse, em voz alta.

Glenn esgueirou-se para a divisão. Assimilou as minhas roupas novas, começando nos meus felpudos chinelos cor-de-rosa, subindo pelas minhas meias de nylon pretas, até à minissaia a condizer, para lá da camisa verme-

lha, até ao laço preto que me prendia os cabelos molhados. Se ia voltar a ver Sara Jane, queria estar bonita.

Nas mãos de Glenn estava um molho de folhas de círio-do-rei, botões de dentes-de-leão e flores de maria-sem-vergonha. Ele parecia rígido e atrapalhado.

— O Jenks... o *pixy*... disse que precisava disto, minha senhora.

Eu apontei com a cabeça para o balcão da ilha.

— Pode pousá-las ali. Obrigada. Sente-se.

Com uma pressa afetada, ele atravessou a divisão e pousou as plantas. Hesitando por breves instantes, puxou a cadeira onde Ivy se costumava sentar e instalou-se. O casaco tinha desaparecido e o coldre com a arma estava à vista, óbvio e ameaçador. Por contraste, a gravata estava solta e o botão de cima da camisa engomada tinha sido aberto, revelando um pequeno tufo de pelos escuros do peito.

— Onde está o seu casaco? — perguntei, com um tom despreocupado, tentando compreender o seu estado de espírito.

— Os miúdos... — hesitou. — As crianças *pixies* estão a usá-lo como forte.

— Oh! — Escondendo um sorriso, vasculhei a prateleira das especiarias em busca do meu frasco de xarope de celidónia. A capacidade de Jenks em ser uma verdadeira chaga era inversamente proporcional ao seu tamanho. O mesmo acontecia com a sua capacidade de ser um amigo dedicado. Aparentemente, Glenn conseguira ganhar a confiança de Jenks. E esta, há?

Convencida de que a exibição da arma não se destinava a intimidar-me, acrescentei um pedaço de celidónia, batendo com a colher medidora de cerâmica para aproveitar toda a substância pegajosa. O silêncio desconfortável foi-se instalando, acentuado pelo som do gás a incendiar-se. Podia sentir o olhar dele preso na minha pulseira com amuletos, enquanto os pequenos amuletos de madeira batiam suavemente uns nos outros. O crucifixo explicava-se a si mesmo mas, se quisesse saber para que serviam os restantes, teria de perguntar. Usava uns míseros três: os meus antigos amuletos tinham ardido até à inutilidade, quando Trent matou a testemunha que os usava, fazendo explodir a viatura onde aquela se encontrava.

A mistura que se encontrava ao lume já fumegava e Glenn ainda não tinha dito uma palavra.

— Entã-ã-ão — disse eu, arrastando a palavra. — Já está no D.F.I. há muito?

— Sim, minha senhora. — Era uma resposta curta, simultaneamente reservada e paternalista.

— Pode parar com o “minha senhora”? Chame-me simplesmente Rachel.

— Sim, minha senhora.

*Ooooh*, pensei, *vai ser uma tarde divertida*. Irritada, agarrei nas folhas de círio-do-rei. Atirando-as para o almofariz manchado de verde, moí-as, usando mais força do que a necessária. Deixei a papa a ensopar o creme, por um instante. *Porque é que eu me estava a dar ao trabalho de fazer um amuleto? Ele não o ia usar.*

A zurrapa fervia a bom ferver e eu baixei o lume, regulando o cronómetro para daí a três minutos. Tinha a forma de uma vaca e eu adorava-o. Glenn estava em silêncio, observando-me com uma desconfiança circunspecta, enquanto eu me apoiava na beira do balcão.

— Estou a fazer algo para lhe pôr um fim às comichões — disse. — Deus me ajude, mas sinto pena de si.

O rosto dele ficou sério.

— O capitão Edden obrigou-me a trazê-la comigo. Não preciso da sua ajuda.

Irada, inspirei fundo, preparando-me para lhe dizer que por mim se podia ir atirar de uma vassoura, mas depois contive-me. “Não preciso de ajuda” já fora o meu mantra. Mas os amigos tornavam as coisas muito mais fáceis. Franzi o sobrolho, pensativa. O que é que o Jenks fazia para me convencer de qualquer coisa? Oh, sim. Praguejava e dizia-me que eu estava a ser parva.

— Por mim pode-se ir Virar — disse, num tom agradável. — Mas o Jenks *pixou-o* e ele disse-me que você é alérgico ao pó de *pixy*. Este está a espalhar-se pelo seu sistema linfático. Quer ficar com comichões durante uma semana só porque é demasiado emproado para usar um mísero feitiço contra a comichão? Até uma criança conseguia fazer um feitiço destes. — Bati no caldeirão de cobre para feitiços com uma unha e ele tiniu. — É como uma aspirina. Há-os aos pontapés. — Não era verdade, mas o mais certo era que Glenn não o aceitasse se soubesse o quanto custava uma coisa destas numa loja de magia. Era um feitiço medicinal de classe dois. Provavelmente deveria ter-me colocado no interior de um círculo, para o fazer, mas fechá-lo implicava ligar-me à eternidade. E ver-me sob a influência de uma linha Ley faria, certamente, com que Glenn se passasse.

Os olhos do detetive recusavam cruzar-se com os meus. Um dos pés dele remexia-se como se estivesse a lutar para não coçar a perna, mesmo por cima das calças. O cronómetro tocou — ou antes, mugiu — e, deixando-o em paz para se decidir, acrescentei os botões de dente-de-leão e maria-sem-vergonha, esmagando-os contra as paredes laterais do caldeirão para feitiços com um movimento que ia no sentido dos ponteiros do relógio, nunca ao contrário. Afinal de contas, eu era uma bruxa branca.

Glenn desistiu de tentar não se coçar e, lentamente, esfregou o braço através da manga da camisa.

— Ninguém saberá que fui enfeitiçado?

— Só se usarem um detetor de feitiços.

Fiquei ligeiramente dececionada. Ele tinha medo de mostrar, abertamente, que estava a usar magia. O preconceito não era incomum. Por outro lado, eu já tinha tomado uma aspirina, mas preferiria continuar com dores a ter de tomar outra. Suponho que não tivesse moral para falar.

— Está bem. — Tratou-se de uma admissão deveras relutante.

— Certíssimo. — Acrescentei a raiz de hidraste moída e deixei ferver. Quando o caldo assumiu uma tonalidade amarelada, que cheirava a cânfora, apaguei o fogão. Estava quase pronto.

Aquele feitiço era, por norma, suficiente para sete porções e eu perguntei-me se ele exigiria que eu desperdiçasse uma em mim, antes de acreditar que não o ia transformar num sapo. Ora aí estava uma ideia. Podia pô-lo no jardim a afastar as lesmas das hortas. O Edden não daria pela falta dele senão dali a, pelo menos, uma semana.

Os olhos do Glenn não deixaram os meus enquanto eu pegava em sete discos de pau-brasil, limpos, mais ou menos do tamanho de um níquel de madeira e os colocava sobre o balcão, onde ele os podia ver.

— Está quase pronto — disse eu, com uma alegria forçada.

— É só isso? — perguntou ele, os olhos castanhos muito abertos.

— É só isto.

— Não são precisas velas acesas, círculos e palavras mágicas?

Abanei a cabeça.

— Está a pensar em magia das linhas Ley. E é latim, não são palavras mágicas. As bruxas das linhas Ley retiram o seu poder diretamente das linhas e precisam do aparato da cerimónia para as controlar. Eu sou uma bruxa de terra. — *Graças a Deus.* — A minha magia também provém das linhas Ley, mas é naturalmente filtrada através das plantas. Se eu fosse uma bruxa negra, a maior parte da magia teria a sua origem nos animais.

Sentindo-me como se estivesse a realizar o exame final de trabalhos laboratoriais, vasculhei a gaveta dos talheres em busca da lanceta. A picada afiada da lâmina na ponta do meu dedo era quase impercetível e eu apertei o dedo para deitar as necessárias três gotas de sangue na poção. O cheiro a rosa anã, espesso e almiscarado, sobrepôs-se ao cheiro a cânfora. Tinha feito bem o feitiço. Sabia que sim.

— Deitou-lhe sangue! — disse ele e eu ergui a cabeça perante o seu tom enojado.

— Bem, dah! De que outra forma o deveria ativar? Pondo-o no fogão e cozendo-o? — Franzi o sobrolho e preendi atrás da orelha uma madeixa

de cabelo que escapara da fita. — Toda a magia requer que seja pago um preço em morte, Detetive. A magia branca da terra exige o meu sangue e a morte das plantas. Se eu quisesse realizar um feitiço negro para o deixar a dormir, para o transformar num sapo ou mesmo para lhe dar soluços, teria de usar alguns ingredientes nojentos que envolvem partes de animais. A magia verdadeiramente negra exigiria não só o meu sangue mas também um sacrifício animal. — *Ou humano ou Inderlander.*

A minha voz tinha assumido um tom mais rude do que era minha intenção e eu mantive os olhos baixos enquanto media as doses e deixava que ensopassem os discos de pau-brasil. Grande parte da minha curta carreira na S.I. tinha envolvido a captura de fazedores de feitiços cinzentos — bruxas que pegavam em feitiços brancos, como um feitiço para dormir, e lhes davam um mau uso —, mas também tinha capturado alguns fazedores de encantamentos negros. A maioria eram bruxas das linhas Ley, já que os ingredientes necessários à confeção de um feitiço negro eram suficientes para manter brancas a maior parte das bruxas de terra. Olho de tritão e dedo de sapo? Nem por sombras. Pensem antes em sangue retirado do baço de um animal ainda vivo e língua arrancada no momento em que solta o seu último grito para o éter. Horrível.

— Não farei nenhum encantamento negro — disse, enquanto Glenn permanecia em silêncio. — Para além de ser insana e nojenta, a magia negra volta-se sempre contra nós. *E, quando conseguisse aquilo que queria, ele teria o meu pé no seu estômago ou as minhas algemas nos seus punhos.*

Escolhendo um amuleto, dei-lhe mais três gotas do meu sangue para invocar o feitiço. O amuleto absorveu-o rapidamente, como se o feitiço puxasse o sangue do meu dedo. Estendi-lhe o objeto, pensando na altura em que me sentira tentada a fazer um feitiço negro. Sobrevivi mas acabei com uma marca de demónio. E, para isso, bastara-me olhar para o livro. A magia negra vira-se sempre contra quem a faz. Sempre.

— Tem sangue seu — disse ele, em tom de repulsa. — Faça outro e usarei o meu.

— O seu? O seu não servirá de nada. Tem de ser sangue de bruxa. O seu não tem as enzimas necessárias à ativação do feitiço. — Voltei a estender-lho e ele abanou a cabeça. Frustrada, rangi os dentes. — O seu pai já usou um, seu humanozinho chorão. Aceite-o para que todos nós possamos prosseguir com as nossas vidas! — Acenei com o amuleto na sua direção e ele agarrou-o, temeroso.

— Melhor? — perguntei, quando os dedos dele envolveram o disco de madeira.

— Hum, sim — disse ele, o rosto de maxilar quadrado subitamente relaxado. — De facto.

— Claro que sim — murmurei. Um pouco mais calma, pendurei os restantes amuletos no armário. Glenn olhou em silêncio para os objetos aí guardados, cada um cuidadosamente rotulado graças à paranoica necessidade de Ivy em manter tudo organizado. Por mim. Deixava-a feliz e não me tirava nenhum bocado. Fechei a porta com um baque sonoro e voltei-me.

— Obrigado, menina Morgan — disse ele, surpreendendo-me.

— Não tem de quê — respondi, feliz por ele parar, finalmente, de me tratar por “minha senhora”. — Não o deixe entrar em contacto com o sal e deverá durar um ano. Poderá tirá-lo e arrumá-lo, se quiser, quando as bolhas desaparecerem. Também funciona para hera venenosa. — Comecei a limpar a confusão que tinha feito. — Lamento ter deixado que o Jenks o *pixasse* assim — disse lentamente. — Ele não o teria feito se soubesse que era alérgico ao pó de *pixy*. Normalmente as bolhas não se espalham.

— Não se preocupe com isso. — Ele levou a mão a um dos catálogos da Ivy, na mesa de apoio, afastando a mão ao ver a fotografia das facas curvas de aço inoxidável, em promoção.

Guardei o meu livro de feitiços, por baixo do balcão da ilha, feliz por ele começar a descontrair.

— Quando se trata de Inderlanders, por vezes as coisas mais pequenas podem ser as mais dolorosas.

Ouviu-se o estrondo ribombante da porta da frente a fechar. Endireitando-me, cruzei os braços à frente do peito, só então me apercebendo que o som que ouvira antes fora a mota de Ivy a subir a estrada. Os olhos de Glenn cruzaram-se com os meus e ele sentou-se mais direito ao reconhecer o meu alarme. Ivy tinha chegado a casa.

— Mas nem sempre — concluí.



## Cinco

COM OS OLHOS FIXOS NO CORREDOR VAZIO, FIZ SINAL A GLENN PARA QUE PERMANECESSE sentado. Não tinha tempo para explicar. Perguntei-me quanto lhe tinha dito Edden ou se aquela seria uma das suas formas mazinhas mas eficientes de educar o Glenn.

— Rachel? — disse a voz melodiosa de Ivy e Glenn levantou-se, endireitando os vincos das calças de fato cinzentas. *Sim, isso vai ajudar.* — Sabias que está um carro do D.F.I. estacionado em frente à casa do Keasley?

— Sente-se, Glenn — avisei e, como ele se recusou a fazê-lo, coloquei-me entre ele e a passagem para o corredor.

— Bah! — exclamou Ivy, com a voz abafada. — Está um peixe na minha banheira. É o dos Howlers? Quando é que eles o vêm buscar? — Seguiu-se um momento de hesitação e eu consegui dirigir a Glenn um sorriso amarelo. — Rachel? — chamou ela, agora mais próxima. — Estás aqui? Ei, devíamos ir ao centro comercial esta noite. A Banho & Corpo está a relançar um antigo perfume de base citrina. Precisamos de arranjar um dos frasquinhos de amostra. Ver como funciona. Sabes, celebrar o facto de conseguires pagar a renda. Qual é que estás a usar agora? O de canela? É muito bom, mas só dura três horas.

*Teria sido bom saber isso mais cedo.*

— Estou na cozinha — disse, em voz alta.

A forma alta, envolta em cabedal, de Ivy passou pela abertura. Ao ombro tinha pendurado um saco de lona com as compras. O casaco comprido, de seda preta, flutuava atrás dos saltos das botas e eu ouvi-a a procurar por qualquer coisa na sala.

— Nunca pensei que fosses capaz de apanhar o peixe — disse ela. Houve um momento de hesitação e depois: — Onde raio está o telefone?

— Aqui — disse eu, cruzando os braços e sentindo-me desconfortável.

Ivy estacou junto à entrada mal viu Glenn. As suas feições algo orientais ficaram inexpressivas de surpresa. Quase conseguia ver a parede a ser erguida quando ela percebeu que não estávamos sozinhas. A pele em redor dos seus olhos ficou tensa. O nariz pequeno ergueu-se, captando o cheiro dele, registando o medo dele e a minha preocupação num ápice. De lábios apertados, ela pousou o saco de lona das compras no balcão e afastou o cabelo dos olhos. Este caía até ao meio das suas costas numa suave onda negra e eu sabia que era o aborrecimento, não os nervos, o que a levava a prendê-lo atrás da orelha.

Ivy já tivera muito dinheiro e ainda se vestia como se o tivesse, mas quase toda a sua herança fora gasta para pagar o seu contrato com a S.I., quando ela se demitiu comigo. Para dizer as coisas de forma simples, ela parecia uma modelo assustadora: ágil e pálida, mas incrivelmente forte. Ao contrário de mim, não usava verniz, nem joias para além do seu crucifixo e das duas pulseiras iguais em redor de um dos tornozelos, e muito pouca maquilhagem; não precisava. Mas, como eu, estava praticamente falida, pelo menos até a mãe acabar de morrer e o que ainda restava dos bens Tamwood passarem para ela. Pelos meus cálculos ainda faltavam uns duzentos anos, no mínimo dos mínimos.

As finas sobrancelhas de Ivy ergueram-se enquanto ela fitava Glenn.

— Voltaste a trazer o trabalho para casa, Rachel?

Inspirei fundo.

— Olá, Ivy. Este é o detetive Glenn. Falaste com ele esta tarde? Mandaste-o ir *buscar-me*? — O meu olhar fixou-se nela. Íamos falar daquilo mais tarde.

Ivy voltou-lhe as costas e começou a tirar as compras do saco.

— Prazer em conhecê-lo — disse ela, com um tom monocórdico. Depois, para mim, murmurou: — Desculpa. Tive um imprevisto.

Glenn engoliu em seco. Parecia abalado, mas estava a aguentar-se. Calculei que Edden não lhe tivesse falado da Ivy. Eu gostava mesmo de Edden.

— É uma vampira — disse ele.

— Oooog — disse Ivy. — Temos aqui um espertalhão.

Tentando afastar com os dedos o fio do seu novo amuleto, puxou uma cruz de dentro da camisa.

— Mas o Sol ainda brilha — disse, soando como se tivesse sido traído.

— Ora, ora, ora — disse Ivy. — E meteorologista, também? — Ela voltou-se com um ar trocista. — Ainda não estou morta, detetive Glenn. Só os verdadeiros mortos-vivos têm restrições em relação à luz. Volte daqui a sessenta anos e talvez eu esteja preocupada com uma queimadura solar. — Vendo a cruz dele, sorriu, paternalista, e puxou, de trás da camisa de lycra

preta, o seu próprio crucifixo extravagante. — Isso só funciona com vampiros mortos-vivos — disse ela, voltando-se de novo para o balcão. — Onde é que aprendeu essas coisas? Filmes de série B?

Glenn recuou.

— O capitão Edden não disse que trabalhava com uma vampira — gaguejou o agente do D.F.I.

Ao ouvir o nome de Edden, Ivy voltou-se. Foi um movimento espantosamente rápido e eu sobressaltei-me. Aquilo não estava a correr bem. Ela estava a começar a usar a aura. *Maldição*. Olhei de relance para a janela. O Sol estava prestes a pôr-se. *Dupla maldição*.

— Já ouvi falar de si — disse o agente, e eu tremi perante a arrogância na sua voz, algo que estava a usar para esconder o medo.

Nem mesmo Glenn seria parvo ao ponto de antagonizar uma vampira na sua própria casa. A arma que trazia no coldre não lhe serviria de nada. Claro, podia dar-lhe um tiro e matá-la, mas isso faria apenas com que ela passasse a ser uma morta-viva e arrancasse a cabeça dele. E não havia júri no mundo que a condenasse por homicídio, tendo em conta que ele a matara primeiro.

— É a Tamwood — disse Glenn, indo sem dúvida buscar a sua coragem a uma sensação de segurança desadequada. — O capitão Edden fê-la cumprir trezentas horas de serviço comunitário por ter lutado contra todos os agentes do piso dele, não foi? O que é que a obrigou a fazer? A entreter crianças, certo?

Ivy ficou rígida e eu fiquei de boca aberta. Ele era assim tão parvo?!

— Valeu a pena — disse Ivy, baixinho. Os seus dedos tremiam, enquanto pousava, com suavidade, um saco de *marshmallows* no balcão.

Perdi o fôlego. *Merda*. Os olhos castanhos de Ivy tinham ficado pretos, devido à dilatação das pupilas. Fiquei imóvel, espantada com a velocidade a que aquilo tinha acontecido. Há semanas que ela não entrava em modo vampiro e nunca o fazia sem aviso. O choque irado de encontrar um agente do D.F.I. na sua cozinha podia justificá-lo, em parte, mas olhando para trás, tinha a sensação doentia de que tê-la deixado surpreender Glenn não tinha sido das melhores coisas. O medo dele tinha-a tocado depressa e com força, não lhe dando tempo para se proteger da tentação.

O seu sobressalto repentino encheu o ar de feromonas. Estas agiam como um poderoso afrodisíaco que só ela conseguia provar, pondo em movimento instintos milenares profundamente enraizados no seu ADN alterado pelo vírus. Num segundo, tinham-na transformado da minha ligeiramente perturbada colega numa predadora que nos podia matar a ambos em não mais de três segundos, se o desejo de saciar a sua fome, há muito suprimido, suplantasse as consequências inerentes a drenar um detetive do

D.F.I. Era esse equilíbrio que me assustava. Eu sabia em que ponto da sua escala de fome e racionalidade me encontrava. Quanto ao Glenn, não fazia ideia.

Como pó esvoaçante, a sua postura derreteu-se e ela apoiou-se no balcão, atrás de si, pousando um cotovelo dobrado, erguendo a anca. Mortalmente imóvel, percorreu Glenn com o olhar, até o fixar nos seus olhos. Inclinou a cabeça com uma lentidão provocante, até o fitar por baixo da franja lisa. Só então inspirou, lenta e deliberadamente. Os dedos pálidos e compridos brincavam com o profundo decote em V da camisa de lycra, enfiada nas calças de cabedal.

— És alto — disse ela, a voz cinzenta fazendo renascer em mim um receio recordado. — Gosto disso.

Ela não estava à procura de sexo mas de domínio. Tê-lo-ia enfeitado, se pudesse, mas teria de esperar pela morte para ter poder sobre os relutantes.

*Maravilha*, pensei, quando ela se afastou do balcão e se dirigiu a ele. Ela tinha perdido o controlo. Era ainda pior do que da vez em que me encontrara, com o Nick, enroladinhos no seu sofá, a ignorar o combate de *wrestling*. Continuava sem saber o que a tinha feito perder o controlo: tínhamos deixado bem claro que eu não era namorada dela, nem brinquedo, amante, espetro ou seja lá qual for o mais recente termo, para lacaio de vampiro, usado por estes dias.

A minha mente apressou-se a procurar uma forma de a trazer de volta sem tornar as coisas piores. Ivy parou em frente a Glenn, a bainha do casaco comprido pareceu mover-se em câmara lenta, enquanto avançava para lhe tocar nos sapatos. A língua dela deslizou sobre os seus dentes muito brancos, escondendo-os mesmo quando eram revelados. Com um considerável poder reprimido, ela pousou uma mão de cada um dos lados dele, à altura da cabeça, prendendo-o contra a parede.

— Hum — disse ela, inspirando através dos lábios apartados. — Muito alto. Grandes pernas. Linda, linda pele negra. A Rachel trouxe-te para mim?

Ela inclinou-se sobre ele, quase o tocando. Ele tinha apenas mais alguns centímetros que ela. Ivy inclinou a cabeça como se estivesse prestes a beijá-lo. Uma gota de suor deslizou pelo rosto e pelo pescoço dele. Ele não se mexeu, a tensão repuxando-lhe cada músculo do corpo.

— Trabalhas para o Edden — sussurrou, os olhos fixos no fio de humidade que se acumulava na clavícula. — Ele era capaz de ficar chateado se morresses.

Os olhos dela saltaram para os dele, quando ouviu a sua respiração acelerar.

*Não se mexa*, pensei, sabendo que se ele o fizesse, os instintos dela assumiriam o controlo. Ele estava em apuros, com as costas contra a parede, daquela forma.

— Ivy? — disse, tentando distraí-la e evitar ter de contar a Edden a razão de o filho dele estar nos cuidados intensivos. — O Edden deu-me um serviço. O Glenn vai acompanhar-me.

Usei toda a minha força de vontade para não tremer quando ela voltou para mim os fossos negros em que se tinham transformado os seus olhos.

Eles seguiram-me enquanto eu colocava a ilha entre nós. Ela estava imóvel, com exceção de uma mão que percorria o ombro e o pescoço de Glenn, o dedo dela exatamente um centímetro acima da pele dele.

— Hum, Ivy? — disse eu, hesitante. — O Glenn é capaz de querer sair agora. Deixa-o sair.

O meu pedido pareceu chegar até Ivy e ela inspirou rapidamente. Dobrando o cotovelo, empurrou o corpo, afastando-se da parede.

Glenn saiu rapidamente de debaixo dela. De arma em riste, erguia-se na passagem para o corredor, os pés afastados e a arma apontada a Ivy. A patilha de segurança foi desativada com um clique e os olhos dele estavam muito abertos.

Ivy virou-lhe as costas e dirigiu-se ao saco de compras esquecido. Podia parecer que ela o estava a ignorar, mas eu sabia que ela estava consciente de tudo, inclusive da vespa que voava alto, embatendo contra o teto. De costas arqueadas, ela pousou sobre o balcão um saco de queijo ralado.

— Diz a esse saco de sangue a que chamam capitão que eu disse olá, da próxima vez que o vires — disse ela, a voz suave a revelar uma quantidade de raiva chocante. Mas a fome, a necessidade de dominar, tinha desaparecido.

Sentindo os joelhos fracos, libertei o ar, expirando longamente.

— Glenn? — sugeri. — Guarde a arma, antes que ela lha tire. E, da próxima vez que insultar a minha colega, vou deixar que ela lhe rasgue a garganta. Percebeu?

Os olhos dele viajaram até Ivy, antes de guardar a arma. Ele deixou-se ficar na passagem, respirando com dificuldade.

Pensando que o pior já tinha passado, abri o frigorífico.

— Ei, Ivy — disse, em tom despreocupado, tentando que todos regresassem à normalidade, — atiras-me o *pepperoni*?

O olhar de Ivy cruzou-se com o meu, do outro lado da cozinha, e ela pestanejou, afastando o que restava dos seus instintos desembestados.

— *Pepperoni* — disse ela, com a voz mais rouca do que o normal. — Sim. — Ela encostou à bochecha as costas da mão. Franzindo o sobrolho a si mesma, atravessou a cozinha com o que reconheci ser um andar deli-

beradamente lento. — Obrigada por me teres trazido de volta — disse ela, suavemente, enquanto me entregava o embrulho de carne cortada.

— Devia ter-te avisado. Desculpa. — Guardei o *pepperoni* e endirei-tei-me, dirigindo a Glenn um olhar carrancudo. O rosto dele estava acinzentado e crispado, enquanto ele limpava a transpiração. Creio que tinha acabado de compreender que estávamos na mesma divisão que uma predadora controlada apenas pelo orgulho e pela cortesia. Talvez tivesse aprendido algo, hoje. Edden ficaria contente.

Vasculhei por entre as compras e retirei os frescos do saco. Ivy inclinou-se na minha direção, enquanto guardava uma lata de pêssegos.

— O que é que ele está a fazer aqui? — perguntou ela, suficientemente alto para que Glenn a ouvisse.

— Sou a ama-seca.

Ela acenou, esperando, claramente, por mais. Quando isso não aconteceu, ela acrescentou:

— É um serviço pago, certo?

Olhei de relance para Glenn.

— Hum, sim. Uma pessoa desaparecida.

Olhei para ela de relance, aliviada por ver que as suas pupilas estavam quase de volta ao normal.

— Posso ajudar? — perguntou.

Ivy não fizera quase mais nada a não ser procurar pessoas desaparecidas desde que tínhamos deixado a S.I., mas eu sabia que ela ficaria do lado de Jenks, achando que se tratava de uma armadilha de Trent Kalamack, mal soubesse que se tratava do namorado de Sara Jane. Contudo, adiar a revelação tornaria as coisas ainda piores. E eu queria que ela fosse comigo ao Piscary's. Assim conseguiria mais informações.

Glenn deixou-se ficar com uma indiferença afetada, enquanto Ivy e eu guardávamos as compras, não parecendo importar-se com o facto de o estarmos a ignorar.

— Oh, vamos Rachel — brincou a vampira. — Quem é? Eu ponho as minhas antenas no ar.

Neste momento parecia tão longe de um predador como um pato. Eu estava acostumada a tais mudanças de temperamento, mas Glenn estava pasmado.

— Hum, um bruxo chamado Dan. — Voltei-me, escondendo a cabeça no frigorífico, enquanto arrumava o requeijão. — É o namorado da Sara Jane e, antes que fiques toda abespinhada, o Glenn irá comigo dar uma vista de olhos ao apartamento dele. Pensei que podíamos esperar até amanhã para visitar o Piscary's; ele trabalha lá como entregador. Mas nem pensem que o Glenn vai comigo à universidade.

Houve um silêncio momentâneo e eu encolhi-me, esperando pelo seu grito de protesto. Este nunca chegou.

Ergui os olhos para espreitar para lá da porta do frigorífico e fiquei estupefacta. Ivy tinha-se colocado junto ao lava-loiça e estava inclinada sobre ele, uma mão de cada lado. Era ali que “contava até dez”. Até agora nunca falhara. Ela ergueu os olhos e pousou-os em mim. Senti a boca a ficar seca. Tinha falhado.

— Não vais aceitar este serviço — disse ela, a suavidade monocórdica da sua voz lançando um arrepio gelado e negro através de mim.

Senti um assomo de pânico que depois se instalou, numa embrulhada escaldante, no fundo do meu estômago. Tudo o que consegui ver foram os seus olhos de pupilas negras. Ela inalou, inspirando o meu calor. A sua presença pareceu envolver-me até me ver obrigada a lutar para não olhar para trás. Os meus ombros ficaram tensos e a minha respiração acelerada. Ela estava a usar a aura, com toda a sua força e com todo o seu poder de roubar uma alma. Mas havia algo diferente. O que eu estava a ver não era raiva ou fome. Era medo. *Ivy estava com medo?*

— Vou aceitar o serviço — disse eu, ouvindo um fino fio de medo na minha voz. — O Trent não pode tocar-me e já disse ao Edden que aceitava.

— Não, não vais.

Fazendo enrolar o comprido casaco de seda, Ivy lançou-se em movimento. Sobressaltei-me, descobrindo-a mesmo à minha frente; quase mal me apercebera de que ela se tinha movido. Com o rosto mais pálido do que era costume, fechou a porta do frigorífico. Saltei para sair do caminho. Os meus olhos cruzaram-se com os dela, sabendo que se mostrasse o medo que me prendia o estômago, ela se alimentaria dele, dando mais força ao seu fervor. Tinha aprendido muito nos últimos três meses, em parte da forma mais difícil, até algumas coisas que eu desejava não ter precisado de saber.

— A última vez que enfrentaste o Trent, quase morreste — disse ela, o suor deslizando pelo seu pescoço e desaparecendo para o interior do profundo decote em V da sua camisa.

*Ela estava a suar?*

— A palavra-chave é “quase” — disse eu, arrojada.

— Não. A palavra-chave é “morreste”.

Conseguia sentir o calor que emanava dela e recuei. Glenn permanecia junto à entrada, observando-me de olhos muito abertos, enquanto eu discutia com uma vampira. Havia um truque para o fazer.

— Ivy — disse eu, com a voz calma, embora estivesse a tremer por dentro. — Vou aceitar este serviço. Se quiseres vir comigo e com o Glenn quando formos falar com o Piscary...

Faltou-me o ar. Os dedos de Ivy estavam em redor da minha garganta.

Arquejando, o ar saiu de mim numa explosão, quando ela bateu comigo contra a parede da cozinha.

— Ivy! — consegui gritar antes de ela me ter erguido com uma mão e prendido ali.

Com o ar a encher-me os pulmões em arquejos insuficientes, pendia com os pés fora do chão.

Ivy aproximou o rosto dela do meu. Os olhos estavam negros, mas muito abertos de medo.

— Não vais falar com o Piscary — disse ela; o pânico era uma fita prateada que envolvia a seda cinzenta da sua voz. — Não vais aceitar este serviço.

Encostei os pés à parede e empurrei. Uma golfada de ar conseguiu abrir caminho por entre os seus dedos e as minhas costas voltaram a bater contra a parede. Pontapeei na direção dela e ela afastou-se para o lado. A força com que me segurava nunca mudou.

— Que raio estás a fazer? — perguntei, com a voz rouca. — Larga-me!

— Menina Tamwood! — gritou Glenn. — Largue a mulher e afaste-se para o centro da divisão!

Enterrando os dedos na mão que me segurava, olhei para lá de Ivy. Glenn estava atrás dela, os pés afastados, pronto para disparar.

— Não! — raspou a minha voz. — Saia. Saia daqui!

Ivy não me daria ouvidos se ele estivesse ali. Ela estava com medo. De que raio estava ela com medo? Trent não me podia tocar.

Ouviu-se um agudo assobio de surpresa quando Jenks apareceu a voar.

— Chiça penico — disse ele, em tom sarcástico. — Vejo que a Rachel te falou do serviço dela, hã, Ivy?

— Sai daqui! — exigi, sentindo a cabeça a latejar, quando Ivy apertou o meu pescoço com mais força.

— Ai, caramba! — exclamou o *pixy* do teto, as asas assumindo um tom vermelho assustado. — Ela não está a brincar.

— Eu sei... — Com os pulmões a doer, puxei pelos dedos que me apertavam o pescoço, conseguindo inspirar um pouco de ar. O rosto pálido de Ivy estava cerrado. O negro dos seus olhos era completo e absoluto. E entrelaçado de medo. Ver nela aquela emoção era aterroizante.

— Ivy, larga-a! — ordenou Jenks, enquanto pairava à altura dos nossos olhos. — Não é assim tão mau, a sério. Basta-nos ir com ela.

— Sai daqui! — disse eu, inspirando, no instante em que os olhos de Ivy mostraram confusão e o aperto em redor da minha garganta diminuiu. O pânico tomou conta de mim, enquanto os dedos dela tremiam. O suor



corria-lhe pela testa, enrugada em sinal de confusão. A parte branca dos olhos sobressaía contra o negro das pupilas.

Jenks voou para Glenn.

— Ouviste-a — disse o *pixy*. — Sai daqui.

O meu coração acelerou quando Glenn silvou.

— Estás doido? Se sairmos, esta cabra mata-a!

A respiração de Ivy era como um gemido. Era tão suave como um primeiro floco de neve, mas eu ouvi-a. O cheiro a canela inundou-me os sentidos.

— Temos de sair daqui — disse Jenks. — Ou a Rachel consegue que a Ivy a largue ou a Ivy mata-a. Poderás conseguir separá-las dando um tiro à Ivy, mas a Ivy irá atrás dela e matá-la-á à primeira oportunidade, se conseguir suplantar o domínio da Rachel.

— A Rachel é dominante?

Podia ouvir a descrença na voz de Glenn e rezei, histericamente, para que saíssem antes que a Ivy acabasse de me esganar.

O zumbido das asas de Jenks era tão audível como o som do sangue a bombear nos meus ouvidos.

— Como é que achas que a Rachel conseguiu que a Ivy te largasse? Achas que uma bruxa conseguia fazer uma coisa dessas, se não estivesse em posição dominante? Sai, como ela disse.

Não sabia se dominante seria a palavra certa. Mas se eles não saíssem, a questão seria meramente teórica. A verdade era que, de uma forma retorcida, Ivy precisava mais de mim do que eu dela. Mas o “guia de encontros amorosos” que Ivy me dera na primavera passada, para que eu pudesse parar de ativar os seus instintos vampíricos, não dedicava qualquer capítulo a “O que Fazer se se Descobrir Dominante”. Eu estava em território não mapeado.

— Saiam... daqui — disse, engasgando-me, enquanto a periferia do meu campo de visão se tornava negra.

Ouvi o som da patilha de segurança a ser recolocada. Glenn guardou a arma no coldre com relutância. Enquanto Jenks esvoaçava dele para a porta das traseiras e de volta à cozinha, o agente do D.F.I. recuou, parecendo furioso e frustrado. Fitei o teto e observei as estrelas que invadiam o meu campo visual enquanto a porta de rede se fechava com um rangido.

— Ivy — disse, com a voz rouca, cruzando o meu olhar com o dela. Fiquei rígida perante o seu terror negro. Consequia ver o meu reflexo nas suas profundezas, o meu cabelo selvagem e o meu rosto inchado. Senti, de súbito, o meu pescoço a latejar sob os dedos dela, que pressionavam a cicatriz da dentada do demónio. Deus me ajudasse, mas começava a saber bem, a recordação da euforia que me tinha invadido, na primavera anterior,

enquanto o demónio que tinha sido enviado para me matar, rasgava o meu pescoço e enchia a ferida com saliva de vampiro.

— Ivy, abre um pouco os dedos para que eu possa respirar — consegui dizer, sentindo a saliva a escorrer pelo meu queixo. O calor da mão dela aumentava o cheiro a canela.

— Disseste-me que o largasse — rosnou ela, expondo os dentes, ao mesmo tempo que apertava os dedos em redor do meu pescoço, até os meus olhos parecerem prestes a saltar. — Eu queria-o e tu fizeste com que eu o largasse!

Os meus pulmões lutavam por trabalhar, agitando-se em arranques breves, enquanto eu lutava por respirar. O aperto dela relaxou. Inspirei uma bem-vinda golfada de ar. Depois outra. O rosto dela estava sério, à espera. Morrer com um vampiro era fácil. Viver com um exigia outra *finesse*.

Doía-me o maxilar no local em que este se firmava contra os dedos dela.

— Se o queres — sussurrei, — vai atrás dele. Mas não quebres o teu jejum por raiva. — Inspirei mais uma vez, rezando que não fosse a última vez que o fazia. — A menos que seja por paixão, não valerá a pena, Ivy.

Ela arquejou, como se eu lhe tivesse batido. Com uma expressão chocada no rosto, abriu os dedos, sem qualquer aviso. Eu caí ao chão, ficando encostada à parede.

Dobrando-me sobre mim mesma, engoli o ar às golfadas. Senti a garganta e o estômago apertados, ao mesmo tempo que a dentada do demónio continuava a latejar, lançando arrepios de prazer. Tinha as pernas tortas e endireitei-as, lentamente. Deixei-me ficar sentada, com os joelhos contra o peito, agitei o braço, para que a pulseira de amuletos regressasse ao meu pulso, limpei a saliva do queixo e ergui os olhos.

Fiquei surpreendida por ver que Ivy ainda ali se encontrava. Normalmente, quando perdia o controlo daquela maneira, corria para Piscary. Mas a verdade é que ela nunca perdera o controlo daquela forma. Ela tivera medo. Ela tinha-me prendido contra a parede porque estava com medo. Medo porquê? Porque eu lhe dissera que ela não podia rasgar a garganta de Glenn? Amiga ou não, eu partiria, se a visse tomar alguém na minha cozinha. O sangue dar-me-ia pesadelos para sempre.

— Estás bem? — perguntei, com a voz rouca, dobrando-me sobre mim mesma, quando isso desencadeou um ataque de tosse.

Ela não se mexeu, deixando-se ficar sentada à mesa, de costas viradas para mim, com a cabeça entre as mãos.

Pouco depois de termos ido viver juntas, percebi que Ivy não gostava de quem era. Odiava a violência, embora a instigasse. Lutava por se abster de ingerir sangue ainda que o desejasse. Mas ela era uma vampira. Não

— tinha outra escolha. O vírus instalara-se nas profundezas do seu ADN e estava lá para ficar. Cada um é o que é. O facto de ter perdido o controlo e permitido que os seus instintos levassem a melhor significava, para ela, um falhanço.

— Ivy? — Levantei-me, pigarreando ligeiramente, enquanto cambaleava até ela. Ainda sentia a impressão dos seus dedos em redor do meu pescoço. Fora mau, mas não como da vez em que ela me prendera numa cadeira, numa nuvem de luxúria e fome. Puxei o laço preto para o seu devido lugar. — Estás bem? — Estendi um braço, e logo depois, recolhi-o ainda antes de lhe tocar.

— Não — disse ela, quando a minha mão caiu. A voz dela estava abafada. — Rachel, desculpa. Eu... eu não consigo... — ela hesitou, inspirando rousadamente. — Não aceites este serviço. Se é pelo dinheiro...

— Não é pelo dinheiro — disse eu, antes que ela pudesse terminar. Ela voltou-se para mim e a raiva que sentira por ela me tentar comprar desvaneceu-se. Uma pequena fita de humidade marcava o local que ela tentara limpar. Nunca antes a vira chorar e deixei-me cair numa cadeira ao lado dela. — Tenho de ajudar a Sara Jane.

Ela afastou o olhar.

— Então vou contigo ao Piscary's — disse ela, a voz nada mais que uma leve recordação da sua força normal.

Envolvei o corpo com os braços, um deles esfregando a ténue cicatriz no meu pescoço, até ter percebido que o estava a fazer, inconscientemente, para sentir o seu pulsar.

— Tinha essa esperança — disse eu, enquanto obrigava a mão a descer. Ela dirigiu-me um sorriso assustado e preocupado, e afastou o olhar.

## Seis

AS CRIANÇAS *PIXIES* VOAVAM EM REDOR DE GLENN, QUE SE ENCONTRAVA SENTADO na mesa da cozinha, tão distante de Ivy quanto possível, sem parecer demasiado óbvio. Os filhos de Jenks pareciam ter simpatizado com o detetive do D.F.I. de forma inusitada e Ivy, sentada em frente ao computador, tentava ignorar o ruído e as formas irrequietas. Ela fazia-me pensar num gato a dormir em frente a um comedouro de pássaros, aparentando ignorar tudo mas deveras atento a qualquer pássaro que pudesse cometer um erro e aproximar-se demasiado. Todos se esforçavam por ignorar o facto de quase termos tido um incidente e os meus sentimentos por me encontrar presa a Glenn tinham passado do franco desagrado a uma ligeira irritação perante aquela nova e inesperada revelação de tato.

Usando uma seringa para diabéticos, injetei a poção “hora de dormir” na última bola de *paintball* azul, de paredes finas. Já passava das sete. Não gostava de deixar a cozinha desarrumada, mas tivera de fazer aquelas pequenas balas especiais e não havia a mínima hipótese de me ir encontrar com Sara Jane, num apartamento estranho, desarmada. *Não há qualquer necessidade de facilitar a vida ao Trent*, pensei, enquanto tirava as luvas protetoras e as atirava para o lado.

De uma das tigelas que se encontravam debaixo do balcão, retirei a minha arma. Originalmente, tinha-a guardado numa tina pendurada sobre o balcão da ilha, até Ivy ter assinalado que, para a ir buscar, teria de me colocar à vista de todos. Era preferível mantê-la a uma altura acessível caso estivesse a rastejar. Glenn endireitou-se ao ouvir o som de ferro a bater no balcão e abanou a mão para afastar dela as adolescentes *pixies*, vestidas de verde, que tagarelavam.

— Não devia ter uma arma assim à vista — disse, num tom escarninho. — Faz ideia de quantas crianças morrem todos os anos por causa de ideias parvas como essa?

— Tenha calma, Sr. Agente do D.F.I.— disse eu, enquanto limpava o reservatório. — Ainda ninguém morreu por causa de uma *paintball*.

— *Paintball?* — perguntou ele. Depois tornou-se condescendente. — Vamos brincar ao faz-de-conta, é?

Franzi o sobrolho. Eu gostava da minha pequena arma de bolas explosivas. Era agradável tê-la na mão, pesada e reconfortante, apesar do seu tamanho reduzido. Mesmo com a sua cor vermelha viva, as pessoas não percebiam, normalmente, o que era e partiam do princípio que estava armada. Melhor ainda, não precisava de uma licença para a usar.

Irritada, tirei uma bola vermelha, do tamanho da unha do dedo mindinho, de uma caixa pousada na prateleira por cima dos meus amuletos. Coloquei-a na câmara.

— Ivy — disse e ela ergueu os olhos do monitor, o rosto perfeito e oval sem qualquer expressão. — Apanhada.

Ela voltou a atenção para o ecrã, inclinando ligeiramente a cabeça. Os pequenos *pixies* guincharam e dispersaram, esvoaçando pela janela e para o jardim escuro, deixando atrás de si rastros cintilantes de pó de *pixy* e a memória das suas vozes. Lentamente, o som dos grilos veio substituí-los.

Ivy não era o tipo de companheira de quarto que gostasse de jogar Ludo e a única vez em que me sentei com ela no sofá, para assistirmos ao *Hora de Ponta*, eu tinha desencadeado, inadvertidamente, os seus instintos de vampira e quase fora mordida durante a última sequência de luta, quando a minha temperatura corporal subiu e o cheiro dos nossos odores misturados a tomou de assalto. Por isso, agora, com exceção das nossas sessões de combate cuidadosamente orquestradas, fazíamos, por norma, coisas que implicassem manter muito espaço entre nós. Fugir das minhas bolas explosivas era um bom treino para ela e melhorava a minha pontaria.

Era ainda melhor, à meia-noite, no cemitério.

Glenn passou a mão pela barba aparada, esperando. Era óbvio que ia acontecer qualquer coisa, ele só não sabia o quê. Ignorando-o, pousei a arma no balcão e comecei a limpar o caos em que deixara o lava-loiça. A minha pulsação acelerou e a tensão fazia-me doer os dedos. Ivy continuava a fazer compras na Internet, os cliques do rato bem audíveis. Ela levou a mão a um lápis, quando algo lhe chamou a atenção.

Agarrando na arma, virei-me e puxei o gatilho. O *puf* emitido pela arma, fez-me arrepiar. Ivy inclinou-se para a direita. A mão livre ergueu-se para interceptar a bola cheia de água. Esta bateu-lhe na mão com um *splash*, rebentando e molhando-lhe a palma. Nunca chegou a erguer os olhos do monitor, enquanto sacudia a água da mão e lia a legenda sob as almofadas

de caixão. Faltavam três meses para o Natal e eu sabia que ela não fazia a mínima ideia do que oferecer à mãe.

Glenn levantara-se ao ouvir o disparo, levando a mão ao seu coldre. De queixo caído, o seu olhar saltava entre Ivy e eu. Atirei-lhe a arma de bolas explosivas e ele apanhou-a. Qualquer coisa para afastar a mão dele da sua pistola.

— Se fosse poção “hora de dormir” — disse eu, presunçosa, — ela estaria estendida no chão.

Dei a Ivy o rolo de papel de cozinha, que mantinha sobre o balcão da ilha precisamente por aquele motivo, e ela limpou a mão, despreocupadamente, continuando a fazer as suas compras.

De cabeça baixa, Glenn olhou para a arma de *paintball*. Eu sabia que ele estava a calcular o seu peso, percebendo que não se tratava de um brinquedo. Avançou até mim e devolveu-ma.

— Deviam obrigar-vos a ter licença para estas coisas — disse ele, enquanto me pousava a arma na mão.

— Sim — concordei, sem pensar. — Deviam.

Senti-o a observar-me enquanto eu carregava a arma com as sete poções. Não havia muitas bruxas a usar poções, não por serem chocantemente dispendiosas e durarem apenas cerca de uma semana, sem serem invocadas, mas porque era preciso uma boa imersão em água salgada para os quebrar. Era um trabalho sujo e gastava mesmo muito sal. Convencida de que tinha feito valer a minha posição, prendi a arma carregada na cintura, atrás das costas, e vesti o casaco de cabedal para a tapar. Tirei os chinelos cor-de-rosa e dirigi-me para a sala de estar em busca das minhas botas feitas por vampiros que se encontravam junto à porta das traseiras.

— Pronto? — perguntei, enquanto me apoiava à parede do corredor e as calçava. — Vai conduzir.

A figura alta de Glenn surgiu na entrada, os dedos escuros a apertar a gravata com destreza.

— Vai assim?

Franzindo o sobrolho, baixei os olhos para a minha blusa vermelha, saia preta, meias de nylon e botins.

— Há algo de errado com aquilo que tenho vestido?

Ivy deu uma fungadela rude, ao computador. Glenn olhou de relance para ela, depois para mim.

— Esqueça — disse, num tom monocórdico. Aconchegou a gravata, para lhe dar um aspeto elegante e profissional. — Vamos.

— Não — disse eu, colocando-me à sua frente. — Quero saber o que é que acha que eu devia vestir. Uma daquelas sacas de batatas de poliéster que obrigam as vossas agentes do D.F.I. a vestir? Há uma razão para a Rose ser

tão tensa e não tem nada a ver com o facto de não haver paredes divisórias ou de a cadeira dela ter uma roda partida!

De rosto sério, Glenn contornou-me e avançou pelo corredor. Agarando na mala, respondi ao preocupado aceno de despedida de Ivy e segui-o a passos largos. Ele ocupava quase toda a largura do corredor, enquanto andava e enfiava os braços no casaco do fato. O som do forro a raspar contra a camisa era um suave suspiro perante o som das duras solas dos seus sapatos a bater nas tábuas de madeira do chão.

Mantive um silêncio frio, enquanto Glenn nos conduzia para fora de Hollows e através da ponte. Teria sido bom que Jenks tivesse ido connosco, mas Sara Jane dissera qualquer coisa sobre um gato e ele achou mais prudente ficar em casa.

O Sol tinha-se posto há muito e o trânsito aumentara. As luzes de Cincinnati pareciam belas, vistas da ponte, e foi com algum gáudio que reparei que Glenn liderava uma matilha de carros demasiado desconfiados para o ultrapassarem. Mesmo as viaturas descaracterizadas do D.F.I. eram óbvias. Lentamente, o meu humor foi melhorando. Abri ligeiramente a janela para deixar sair o cheiro a canela e Glenn ligou o aquecimento. O perfume já não cheirava tão bem, agora que me tinha falhado.

O apartamento de Dan situava-se numa vivenda geminada: arrumada, limpa e com portão. Não ficava muito longe da universidade. Tinha bom acesso à autoestrada. Parecia caro mas, se estava a ter aulas na universidade, decerto podia pagá-lo sem problemas. Glenn parou no lugar reservado com o número do apartamento de Dan e desligou o motor. A luz do alpendre estava apagada e as cortinas fechadas. No parapeito da varanda do segundo andar estava sentado um gato, cujos olhos brilhavam enquanto nos observava.

Sem dizer nada, Glenn enfiou a mão debaixo do banco e empurrou-o para trás. Fechando os olhos, instalou-se como se fosse dormir a sesta. O silêncio foi-se tornando mais pesado e eu deixei-me ficar a ouvir os estalos do motor do carro a arrefecer no escuro. Levei a mão ao botão do rádio e Glenn murmurou.

— Não toque nisso.

Irritada, voltei a afundar-me no banco.

— Não quer interrogar alguns dos vizinhos?

— Fá-lo-ei amanhã quando houver sol e você estiver nas aulas.

Ergui as sobrancelhas. De acordo com o horário que Edden me dera, eu teria aulas das quatro às seis. Era uma excelente hora para ir bater às portas, a altura do dia em que os humanos regressavam a casa, os Inderlanders diurnos estavam bem acordados e os noctívagos começavam a despertar. E a zona tinha todo o aspeto de um bairro misto.

De um apartamento próximo saiu um casal, discutindo enquanto entravam num carro brilhante e partiam. Ela estava atrasada para o emprego. A culpa era dele, se eu tinha seguido bem a conversa.

Aborrecida e um pouco nervosa, vasculhei na minha mala e encontrei uma lanceta e um dos meus amuletos de deteção. Adorava aquelas coisas — os amuletos, não a lanceta — e, depois de ter picado o dedo e usado três gotas de sangue para o invocar, constatei que num raio de nove metros não se encontrava ninguém para além do Glenn e de mim. Coloquei-o ao pescoço, como o meu antigo crachá da S.I., no momento em que um pequeno carro vermelho entrava no parque. O gato no parapeito espreguiçou-se antes de saltar para a varanda, ficando fora do nosso campo de visão.

Era Sara Jane, e ela estacionou o carro no lugar logo atrás do nosso. Glenn reparou, nada dizendo enquanto saíamos do carro e avançávamos para falar com ela.

— Olá — disse ela; o rosto em forma de coração revelava a sua preocupação sob a luz do candeeiro. — Espero que não tenham ficado muito tempo à espera — acrescentou, a sua voz com o timbre profissional do escritório.

— De todo, minha senhora — disse Glenn.

Apertei o casaco de cabedal para me proteger do frio, enquanto ela fazia tilintar as chaves, procurando por uma que ainda tinha o brilho de uma chave feita há pouco, e abria a porta. A minha pulsação acelerou e olhei de relance para o meu amuleto, ao mesmo tempo que era atravessada por imagens de Trent. Tinha a minha arma de bolas explosivas, mas eu não era uma pessoa corajosa. Eu fugia dos tipos grandes, feios e maus. Era algo que aumentava dramaticamente a minha esperança de vida.

Glenn seguiu Sara Jane, enquanto ela ia acendendo as luzes, iluminando tanto o alpendre como o apartamento. Nervosa, atravessei a ombreira da porta, hesitando entre fechar a porta para impedir que alguém nos seguisse e deixá-la aberta para manter disponível uma rota de fuga. Optei por deixá-la entreaberta.

— Há algum problema? — sussurrou Glenn, enquanto Sara Jane avançava, confiante, até à cozinha, e eu abanei a cabeça. A vivenda tinha um andar térreo aberto, sendo quase todo o piso visível da entrada. As escadas traçavam um caminho direito e pouco imaginativo até ao primeiro piso. Sabendo que o meu amuleto me avisaria caso aparecesse alguém, relaxei. Não estava ali mais ninguém para além de nós os três e do gato que miava na varanda do primeiro andar.

— Vou lá acima, para deixar entrar o *Sarcófago* — disse Sara Jane, enquanto se dirigia às escadas.

Ergui as sobrancelhas.



— É o gato, certo?

— Vou consigo, minha senhora — ofereceu Glenn e subiu as escadas atrás dela.

Fiz um rápido reconhecimento do andar térreo enquanto eles estiveram ausentes, sabendo que não encontraríamos nada. Trent era demasiado bom para deixar alguma coisa para trás; só queria ver de que tipo de rapaz gostava Sara Jane. O lava-loiça estava seco, o caixote do lixo fedia, o ecrã do computador estava cheio de pó e a caixa do gato cheia. Era óbvio que Dan já não ia a casa há algum tempo.

As tábuas do chão por cima de mim estalaram, enquanto Glenn percorria o andar superior. Em cima da televisão estava uma fotografia de Dan e Sara Jane a bordo do barco a vapor, igual à que ela me dera. Peguei nela e estudei os rostos de ambos, voltando a pousar a fotografia emoldurada em cima da televisão, enquanto Glenn descia pesadamente as escadas. Os ombros dele ocupavam quase toda a escada estreita. Sara Jane avançava em silêncio atrás dele, parecendo pequena e andando de lado, por causa dos saltos.

— No andar de cima tudo bem — disse Glenn, enquanto percorria a pilha de correio sobre o balcão da cozinha. Sara Jane abriu a dispensa. Como tudo o resto, estava bem arrumada. Depois de um momento de hesitação, pegou numa embalagem de comida húmida para gato.

— Importa-se que veja os *emails* dele? — perguntei, e Sara Jane acenou, de olhos tristes.

Abanei o rato e descobri que ele tinha uma linha só para a Internet e estava sempre ligado, tal como Ivy. Na verdade, eu não deveria estar a fazer aquilo, mas desde que ninguém dissesse nada... Pelo canto do olho, vi Glenn percorrer com o olhar o vestido de corte fino de Sara Jane, enquanto esta abria a embalagem de comida de gato, e depois as minhas roupas, enquanto eu me inclinava sobre o teclado. Podia ver nos seus olhos que ele achava que as minhas roupas não eram profissionais e lutei contra uma careta.

Dan tinha várias mensagens por abrir, duas de Sara Jane e uma com uma morada da universidade. As restantes eram de uma qualquer sala de *chat* dedicada ao *hard-rock*. Até eu sabia que não as podia abrir, adulterando as provas caso ele aparecesse morto.

Glenn passou uma mão pelo cabelo curto, parecendo dececionado por não encontrar nada de incomum. Calculei que isso se devesse não ao facto de Dan estar desaparecido mas ao de ele ser um bruxo e, como tal, dever ter cabeças de burro penduradas no teto. Dan parecia ser um normal jovem solteiro. Talvez fosse mais arrumado do que a maioria, mas Sara Jane não andaria com um tipo desleixado.

Sara Jane pousou uma tigela com comida no chão, ao lado de uma tigela com água. Um gato preto desceu as escadas ao ouvir o bater da porcelana. Silvou a Sara Jane, não se aproximando da comida até ela ter saído da cozinha.

— O *Sarcófago* não gosta de mim — disse ela, desnecessariamente. — É um familiar de uma só pessoa.

Um bom familiar era assim. Os melhores escolhiam os seus donos, não o contrário. O gato comeu tudo num período de tempo surpreendentemente curto, depois saltou para as costas do sofá. Raspei os dedos no estofó e ele aproximou-se para investigar. Esticou o pescoço e tocou no meu dedo com o nariz. Era assim que os gatos se saudavam e eu sorri. Adoraria ter um gato, mas Jenks *pixar-me-ia* todas as noites se levasse um para casa.

Recordando-me do meu período como vison, vasculhei a mala. Tentando ser discreta, invoquei um amuleto para verificar se o gato tinha algum feitiço. Nada. Não me sentindo satisfeita, vasculhei ainda mais, em busca de um par de óculos de armações finas. Ignorando o olhar inquisitivo de Glenn, abri a caixa dura e coloquei no rosto os óculos tão feios que podiam funcionar como controlo de natalidade. Tinha-os comprado no mês anterior, gastando três meses de renda com a desculpa de que os podia descontar nos impostos. Os que não me faziam parecer uma totó asquerosa ter-me-iam custado o dobro.

A magia das linhas Ley podia ser ligada à prata, tal como a magia de terra podia impregnar a madeira, e as armações finas tinham sido enfeitadas para me permitir ver através de feitiços invocados pela magia das linhas Ley. Sentia-me algo vulgar ao usá-los, pensando que o facto de estar a usar um amuleto que não podia fazer me atirava de volta ao reino dos magos. Mas, enquanto coçava o queixo do *Sarcófago*, agora certa, pela ausência de qualquer mudança, que não se tratava de Dan preso sob a forma de um gato, decidi que não me importava.

Glenn voltou-se para o telefone.

— Importa-se que ouça as mensagens? — perguntou.

O riso de Sara Jane era amargo.

— Força. São minhas.

O estalo da caixa rígida foi deveras sonoro quando guardei os óculos. Glenn carregou no botão e eu semicerrei os olhos quando a voz de Sara Jane invadiu o apartamento silencioso. “Olá, Dan. Esperei durante uma hora. Combinámos na Carew Tower, certo?” Houve uma hesitação, depois um distante “Bem, liga-me. E é melhor que me leves uns chocolates.” A voz dela tornou-se brincalhona. “Vais ter muito que implorar, moço de lavoura.”

A segunda mensagem era ainda mais desconfortável. “Olá, Dan. Se estás aí, atende.” Mais uma vez uma pausa. “Hum, estava só a brincar quanto ao chocolate. Vemo-nos amanhã. Amo-te. Tchau.”

Sara Jane estava de pé na sala de estar, o rosto inexpressivo.

— Ele não estava aqui quando cá vim e não o vejo desde então — disse, baixinho.

— Bem — disse Glenn quando a máquina chegou ao fim com um clique, — ainda não encontrámos o carro dele, a escova de dentes e a lâmina de barbear ainda aqui estão. Onde quer que esteja, não tinha planeado ficar. Parece que, de facto, aconteceu alguma coisa.

Ela mordeu o lábio e afastou o olhar. Impressionada com a sua falta de tato, dirigiu a Glenn um olhar assassino.

— Tem a sensibilidade de um cão com o cio, não tem? — sussurrei.

Glenn olhou para os ombros arqueados de Sara Jane.

— Desculpe, minha senhora.

Ela voltou-se, com um sorriso infeliz no rosto.

— Talvez deva levar o *Sarcófago* para minha casa...

— Não — disse-lhe rapidamente, para a reconfortar. — Ainda não. — Toquei-lhe no ombro, em sinal de simpatia, e o cheiro do seu perfume de lilás invocou em mim a recordação do sabor a giz das cenouras drogadas. Olhei de relance para Glenn, sabendo que ele não nos deixaria para que pudesse falar com ela a sós. — Sara Jane — disse, hesitante. — Tenho de lhe fazer esta pergunta e peço desde já desculpa por isso. Sabe se alguém ameaçou o Dan?

— Não — disse ela, levando a mão ao colarinho e com o rosto calmo. — Ninguém.

— E quanto a si? — perguntei. — Foi ameaçada de alguma forma? De qualquer forma?

— Não. Claro que não — disse ela rapidamente, baixando os olhos e com o rosto pálido a ficar ainda mais branco.

Não precisava de um amuleto para saber que ela estava a mentir e o silêncio tornou-se desconfortável, enquanto eu lhe dava algum tempo para mudar de ideias e me contar. Mas ela não o fez.

— Já... já acabámos? — gaguejou ela e, eu, acenando, ajustei a mala ao ombro.

Sara Jane dirigiu-se à porta, os passos rápidos e afetados. Glenn e eu seguimo-la para o patamar de betão. Estava demasiado frio para os insetos, mas uma teia de aranha partida estendia-se junto à luz do alpendre.

— Obrigada por nos ter permitido dar uma vista de olhos ao apartamento — disse eu, enquanto ela fechava a porta, com os dedos a tremer. — Amanhã vou falar com os colegas de turma. Talvez algum deles saiba

alguma coisa. Seja o que for, pode ajudar — disse, tentando dar um significado diferente à minha voz.

— Sim. Obrigada. — Os olhos dela pousavam em tudo menos nos meus e ela tinha voltado a assumir um tom de voz profissional. — Agradeço-vos por terem vindo. Gostaria de poder ajudar mais.

— Minha senhora — disse Glenn, ao partir. Os saltos de Sara Jane batiam ritmadamente no passeio enquanto ela se afastava. Segui Glenn até ao carro, olhando para trás e vendo o *Sarcófago* sentado junto à janela do andar superior, observando-nos.

O carro de Sara Jane piou alegremente antes de ela pousar a mala no seu interior, entrar e arrancar. Deixei-me ficar de pé, no escuro, ao lado da porta aberta, e observei as luzes traseiras dela desaparecerem ao dobrar de uma esquina. Glenn fitava-me, de pé, junto ao lugar do condutor, com os braços pousados sobre o tejadilho do carro. Os seus olhos castanhos eram incharacterísticos à luz do candeeiro.

— O Kalamack deve pagar muito bem às suas secretárias para ela ter aquele carro — disse ele, suavemente.

Eu fiquei rígida.

— Sei que o faz — disse, irada, não gostando daquilo que ele deixara nas entrelinhas. — Ela é muito boa naquilo que faz. E ainda lhe sobra dinheiro para mandar para casa, permitindo que os familiares vivam como verdadeiros reis comparados com os restantes empregados da quinta.

Ele resmungou e abriu a porta. Eu entrei, suspirando enquanto apertava o cinto e me recostava no assento em pele. Olhei para o parque de estacionamento escuro do outro lado do vidro, ficando ainda mais deprimida. Sara Jane não confiava em mim. Mas, do ponto de vista dela, porque haveria de o fazer?

— Está a levar isto de forma muito pessoal, não está? — perguntou Glenn, ao ligar o carro.

— Acha que só porque ela é uma maga, não merece ajuda? — disse, rudemente.

— Tenha calma. Não foi isso que quis dizer. — Glenn olhou para mim de relance, enquanto fazia marcha-atrás. Ligou o aquecedor no máximo, antes de meter a mudança e uma madeixa de cabelo fez-me cócegas no rosto. — Só estou a dizer que está a agir como se tivesse algo a ganhar com o resultado.

Eu passei uma mão sobre os olhos.

— Desculpe.

— Não faz mal — disse ele, parecendo compreender. — Então... — Hesitou. — O que se passa?

Ele parou no trânsito e, sob a luz de um candeeiro, olhei para ele, perguntando-me se queria, de facto, ser sincera com ele.

— Eu conheço a Sara Jane — disse, lentamente.

— Quer dizer que conhece as mulheres como ela — disse Glenn.

— Não. Eu conheço-a.

O detetive do D.F.I. franziu o sobrolho.

— Ela não a conhece.

— Sim. — Abri a janela toda para me livrar do cheiro do meu perfume. Já não o conseguia suportar. Os meus pensamentos não paravam de fugir para os olhos de Ivy, negros e assustados. — Isso é que torna tudo tão difícil.

Os travões guincharam um pouco, enquanto ele parava num semáforo. Glenn tinha a testa enrugada, e a barba e o bigode desenhavam sombras profundas no seu rosto.

— Importa-se de falar humano, por favor?

Dirigi-lhe um pequeno sorriso sem alegria.

— O seu pai contou-lhe que quase conseguimos apanhar o Trent Kalamack como traficante e produtor de drogas biogénicas.

— Sim. Isso foi antes de eu ser transferido para o departamento dele. Ele disse que a única testemunha era um agente da S.I. que morreu num atentado bombista.

O semáforo mudou e avançámos.

Acenei. Edden contara-lhe o básico.

— Deixe que lhe conte a verdade sobre Trent Kalamack — disse eu, enquanto o vento soprava com força contra a minha mão. — Quando ele me apanhou a vasculhar no seu gabinete, em busca de uma forma de o levar a tribunal, ele não me entregou à S.I., em vez disso ofereceu-me um emprego. Qualquer coisa que eu quisesse. — Sentindo frio, virei para mim a saída do ar. — Ele pagaria a ameaça de morte que a S.I. lançasse sobre mim, instalar-me-ia como agente independente, dar-me-ia uma pequena equipa, tudo... desde que eu trabalhasse para ele. Ele queria que eu dirigisse o tipo de sistema contra o qual eu lutara durante toda a minha vida profissional. Ele ofereceu-me algo que se parecia com a liberdade. Desejava-o tanto, poderia ter dito que sim.

Glenn estava em silêncio, tendo a sensatez de não dizer nada. Não havia um polícia vivo que não se tivesse sentido tentado e eu tinha orgulho de ter passado no teste.

— Quando recusei, a sua oferta tornou-se uma ameaça. Na altura tinha assumido a forma de um vison, por meio de um feitiço, e ele ia torturar-me física e mentalmente até eu estar disposta a tudo para o fazer parar. Se não me podia ter por minha livre vontade, contentar-se-ia com uma sombra disforme ansiosa por lhe agradar. Tal como a Sara Jane.

Hesitei, arranjando coragem para continuar. Nunca o admitira em voz alta, que me tinha sentido indefesa.

— Ela pensava que eu era um vison, mas concedeu-me mais dignidade enquanto animal, do que Trent me dera enquanto pessoa. Tenho de afastar dele. Antes que seja tarde de mais. A menos que consigamos encontrar o Dan e trazê-lo de volta em segurança, ela não terá a mínima hipótese.

— O Sr. Kalamack é apenas um homem — disse Glenn.

— A sério! — disse eu, com uma gargalhada sarcástica. — Diga-me, Sr. Detetive do D.F.I., é humano ou Inderlander? A família dele tem vindo a gerir, nas sombras, uma boa fatia de Cincinnati, há duas gerações, e ninguém sabe o que ele é. O Jenks não consegue perceber a que é que ele cheira e o mesmo se passa com as fadas. Ele destrói as pessoas dando-lhes exatamente o que elas querem... e diverte-se com isso. — Observei os edifícios por que passávamos sem os ver.

O prolongado silêncio de Glenn fez-me erguer os olhos.

— Acha mesmo que o desaparecimento do Dan não tem nada a ver com os assassinatos do caçador de bruxas? — perguntou ele.

— Sim. — Mudei de posição, não me sentindo confortável por lhe ter dito tanto. — Só aceitei este serviço para poder ajudar Sara Jane e apanhar o Trent. Agora vai a correr contar ao papá?

As luzes dos carros que viajavam em sentido contrário iluminavam-no. Inspirou fundo, depois soltou o ar.

— Se fizer qualquer coisa, durante a sua *vendetta* que ponha em causa a minha possibilidade de provar que a Dra. Anders é a assassina, ato-a a uma fogueira em Fountain Square — disse, suavemente, em tom de ameaça. — Amanhã irá à universidade e dir-me-á tudo o que descobrir. — Os ombros dele relaxaram. — Mas tenha cuidado.

Fitei-o, as luzes que passavam iluminavam-no esporadicamente, de uma forma que parecia espelhar a minha incerteza. Ele parecia compreender. Imagine-se.

— É justo — disse eu, recostando-me. A minha cabeça voltou, quando virámos à esquerda e não à direita. Olhei de relance para ele, com uma sensação de *déjà vu*. — Para onde vamos? O meu escritório fica para aquele lado.

— À pizaria Piscary's — disse ele. — Não há qualquer motivo para esperar até amanhã.

Fitei-o, não querendo admitir que prometera a Ivy que não iria lá sem ela.

— O Piscary's só abre à meia-noite — menti. — Eles servem Inderlanders. Quer dizer, com que frequência é que um humano pede uma piza? — O rosto de Glenn pareceu mostrar compreensão e eu comecei a mexer no

verniz das unhas. — Antes das duas o serviço não vai acalmar o suficiente para que possam falar connosco.

— Duas da manhã, certo? — perguntou.

*Bem, dah!* Pensei. Era a essa hora que a maior parte dos Inderlanders atingiam o pico de forma, em especial os mortos.

— Porque é que não vai para casa, dorme e vamos lá todos amanhã?

Ele abanou a cabeça.

— Irá esta noite, sem mim.

Deixei escapar um suspiro de afronta.

— Não funciono assim, Glenn. Além disso, se eu o fizesse, você acabaria por lá ir sozinho e eu prometi ao seu pai que o manteria vivo. Esperarei. Honra de bruxa.

Mentir, sim. Trair a confiança de um parceiro — mesmo de um que não era bem-vindo —, não.

Ele dirigiu-me um olhar rápido e desconfiado.

— Está bem, pela honra das bruxas.

## Sete

— RACHE — DISSE JENKS DO MEU BRINCO. — DÁ UMA ESPREITADELA ÀQUELE tipo. Está à pesca ou quê?

Ajustei a alça da minha mala no ombro e espreitei, através da tarde irrazoavelmente quente de setembro, para o miúdo em questão, enquanto percorria o átrio informal. A música chegou-me ao subconsciente, o volume do rádio estava demasiado baixo para que o conseguisse ouvir. O meu primeiro pensamento é que devia ser um borracho. Tinha cabelo preto, roupas pretas, óculos de sol pretos e um casaco comprido de cabedal. Estava encostado a uma máquina de venda automática, tentando parecer *suave*, enquanto falava com uma mulher que envergava um vestido gótico de renda preta. Mas estava a falhar redondamente. Ninguém fica com um ar sofisticado com um copo de papel na mão, por muito *sexy* que seja a sua barba de dois dias. E ninguém usa roupas góticas a não ser os vampiros vivos adolescentes e os patéticos aspirantes a vampiros.

Dei uma risadinha, sentindo-me muitíssimo melhor. O grande campus e o aglomerado de jovens tinham-me deixado nervosa. Tinha frequentado um politécnico, tendo realizado o normal programa de dois anos, seguido de um estágio de quatro na S.I. A minha mãe jamais teria sido capaz de pagar as propinas da Universidade de Cincinnati com a pensão do meu pai, mesmo com o subsídio extra por morte.

Olhei de relance para o papel amarelo que Edden me dera. Tinha as horas e os dias em que a minha turma se reunia e no canto inferior direito estava o preço de tudo: impostos, taxa de laboratório e propinas; o que perfazia uma soma chocante. Só aquela cadeira era quase tão dispendiosa como um semestre onde eu estudei. Sentindo-me nervosa, enfié o papel no saco, quando reparei num animalomem a um canto, a observar-me. Eu parecia suficientemente deslocada sem andar de um lado para o outro com um horário na mão. Mais valia ter pendurado um letreiro em redor



do pescoço a dizer: “Aluno das Novas Oportunidades”. Deus me ajudasse, sentia-me velha. Eles não eram muito mais novos do que eu, mas todos os seus movimentos gritavam inocência.

— Isto é um disparate — murmurei a Jenks, enquanto deixava a cafetaria informal.

Nem sequer sabia porque é que o *pixy* estava comigo. Edden devia tê-lo obrigado a seguir-me para garantir que eu ia às aulas. As minhas botas feitas por vampiros iam batendo ritmicamente no chão, enquanto eu avançava pela passagem alta, repleta de janelas, que ligava o edifício de Administração e Artes a Kantack Hall. Senti um arrepio quando compreendi que os meus pés avançavam ao ritmo de “Shattered Sight” de Takata e, embora ainda não conseguisse ouvir a música, a letra tinha-se instalado suficientemente fundo, na minha mente, para me deixar louca. *Examina minuciosamente as provas cobertas de pó, as provas da minha vida, da minha vontade. / Amava-te então. Amo-te ainda.*

— Devia estar com o Glenn a interrogar os vizinhos do Dan — lamentei-me. — Não preciso de tirar a cadeira, basta-me falar com os colegas de turma do Dan.

O meu brinco balançava como um baloiço de pneu e as asas de Jenks faziam-me cócegas no pescoço.

— O Edden não quer que a Dra. Anders perceba que é suspeita. Eu acho que é uma boa ideia.

Franzi o sobrolho; os meus passos iam ficando abafados à medida que chegava ao corredor alcatifado e começava a ler os números nas portas que se sucediam por ordem ascendente.

— Achas que é boa ideia, achas?

— Sim. Mas ele esqueceu-se de uma coisa. — Deu uma risadinha. — Ou talvez não se tenha esquecido.

Abrandei quando vi um grupo à porta de uma das salas. Era, decerto, a minha.

— De quê?

— Bem — disse ele, com a voz arrastada, — agora que estás a frequentar a cadeira, encaixas no perfil.

A adrenalina correu através do meu corpo e desapareceu.

— E esta, há? — murmurei. *De qualquer forma, maldito Edden.*

O riso do Jenks era como um espanta-espíritos. Apoiei o livro pesado na outra anca, observando o pequeno grupo em busca da pessoa mais suscetível de contar os melhores rumores. Uma jovem ergueu os olhos para mim, ou antes, para Jenks, sorrindo por breves instantes, antes de se voltar. Tinha vestidas umas calças de ganga, como eu, com um casaco de camurça de aspeto dispendioso por cima da t-shirt. Informal e,

contudo, sofisticado. Uma bela combinação. Pousando a mala na alcatifa, encostei-me à parede, como todos os outros, a um prudente metro e meio de distância.

Olhei, sub-repticiamente para o livro aos pés da mulher. *Extensões sem Contacto Usando Linhas Ley*. Senti-me invadida por uma onda de alívio, pelo menos tinha o livro certo. Talvez aquilo não fosse assim tão mau. Olhei de relance para o vidro fosco da porta fechada, ouvindo vozes abafadas vindas do interior. A aula anterior ainda não devia ter acabado.

Jenks balançou no meu brinco, puxando-o. Isso eu podia ignorar, mas quando ele começou a cantar sobre lagartas das traças e malmequeres, enxotei-o.

A mulher ao meu lado limpou a garganta.

— Acabaste de te transferir? — perguntou ela.

— Desculpa? — perguntei, enquanto Jenks esvoaçava de volta.

Ela fez estourar a pastilha elástica, os olhos pesadamente maquilhados a saltar de mim para o *pixy*.

— Não há muitos alunos das linhas Ley. Não me lembro de te ver. Costumas ter aulas à noite?

— Oh. — Afastei-me da parede e virei-me para ela. — Não. Estou a fazer a aula para, hum, avançar no emprego.

Ela riu, enquanto afastava do rosto o longo cabelo preto.

— Pois, percebo-te perfeitamente. Mas quando eu sair daqui, o mais certo é não haver trabalho para um produtor cinematográfico com experiência em linhas Ley. Hoje em dia parece que todos estão a fazer o *minor* em artes.

— Sou a Rachel. — Estendi-lhe a mão. — E este é o Jenks.

— Prazer em conhecê-los — disse ela, tomando a mão por um instante. — Janine.

Jenks zumbiu na sua direção, pousando na sua mão apressadamente erguida.

— O prazer é todo meu, Janine — disse ele, fazendo uma vénia.

Ela sorriu, absolutamente maravilhada. Era óbvio que não tivera muito contacto com *pixies*. A maioria ficava fora da cidade, a não ser que trabalhasse numa das poucas áreas em que os *pixies* e as fadas eram exímios: manutenção de equipamento de vigilância, segurança ou a boa e velha coscuvilhice. Mesmo assim, as fadas eram empregadas com maior frequência, já que comiam insetos, em vez de néctar, pelo que os seus víveres eram mais fáceis de arranjar.

— Hum, a Dra. Anders dá mesmo a aula ou tem um assistente que o faz por ela? — perguntei.

Janine riu e Jenks esvoaçou de volta para o meu brinco.

— Já ouviste falar dela? — perguntou. — Sim, ela dá pessoalmente a aula, até porque não somos muitos. — Os olhos de Janine fecharam-se um pouco. — Em especial agora. Começámos com mais de uma dúzia, mas perdemos quatro quando a Dra. Anders nos disse que o assassino só andava atrás de bruxas das linhas Ley e que deveríamos ter cuidado. E, depois, o Dan desistiu. — Ela voltou a encostar-se à parede, suspirando.

— O caçador de bruxas? — perguntei, refreando um sorriso. Tinha escolhido a pessoa certa. Abri muito os olhos. — Estás a brincar...

O rosto dela mostrou preocupação.

— Acho que, em parte, foi por isso que o Dan se foi embora. E que pena que isso foi. O homem era um espanto, era capaz de fazer faiscar um aspersor durante uma tempestade. Tinha uma grande entrevista. Não me quis dizer mais nada. Acho que tinha medo que eu também me candidatas-se. Parece que conseguiu o emprego.

Abanei a cabeça, perguntando-me se seria aquilo que planeava dizer a Sara Jane, no sábado. Mas, depois, uma ideia insinuou-se, a de que talvez o jantar em Carew Tower fosse para pôr um ponto final no relacionamento mas ele tivesse perdido a coragem e partido sem lhe dizer nada.

— Tens a certeza que ele desistiu? — perguntei. — Talvez o caçador de bruxas...

Deixei a frase pendurada e Janine sorriu, tranquilizadamente.

— Sim, desistiu. Ele perguntou-me se queria comprar o giz magnético dele, caso conseguisse o lugar. A livraria não o aceita de volta, depois de termos quebrado o selo.

Fiquei branca, sentindo-me súbita e verdadeiramente alarmada.

— Não sabia que precisávamos de giz.

— Oh, tenho um que te posso emprestar — disse ela, enquanto vasculhava pela mala. — Normalmente a Dra. Anders põe-nos a desenhar qualquer coisa: pentagramas, apogeus norte/sul... pensa em qualquer coisa e já a desenhámos. Ela mistura o trabalho de laboratório com a parte teórica. É por isso que nos reunimos aqui e não no anfiteatro.

— Obrigada — disse, aceitando o pauzinho metálico e segurando nele, juntamente com o meu livro.

*Pentagramas?* Eu odiava pentagramas. As minhas linhas eram sempre tortas. Ia ter de perguntar a Edden se ele me pagava uma nova ida à livraria. Mas depois lembrei-me do custo da cadeira e do facto de ele, provavelmente, não vir a ser reembolsado, por isso decidi ir a casa da minha mãe buscar os meus antigos artigos escolares. Maravilha. Era melhor ligar-lhe.

Janine viu a minha expressão indisposta e, interpretando-a erroneamente, apressou-se a dizer:

— Oh, não te preocupes, Rachel. O assassino não anda atrás de nós. A sério. A Dra. Anders disse-nos para termos cuidado, mas ele só anda atrás de bruxas experientes.

— Sim — disse eu, perguntando-me se ele me consideraria experiente ou não. — Calculo que sim.

A conversa à nossa volta cessou, quando se ouviu a voz da Dra. Anders, gritando do outro lado da porta fechada.

— Não sei quem é que anda a matar os meus alunos. Já estive em demasiados funerais este mês, para ter de ouvir as suas acusações nojentas. E processá-lo-ei daqui até à Viragem se manchar o meu nome!

Janine pareceu alarmada, enquanto pegava no livro e o segurava contra o peito. Os alunos que se encontravam no corredor passaram o seu peso de um pé para o outro, trocando olhares desconfortáveis. Pousado no meu brinco, Jenks murmurou:

— Lá se vai a ideia de manter a Dra. Anders na ignorância quanto ao seu estatuto de possível suspeita. — Acenei, perguntando-me se Edden me deixaria desistir da cadeira, agora. — É o Denon quem está lá dentro com ela — acrescentou Jenks e eu inspirei fundo.

— O quê?

— Consigo sentir o cheiro do Denon — reiterou. — Ele está lá dentro com a Dra. Anders.

*Denon?* pensei, perguntando-me o que estava o meu antigo patrão a fazer longe da sua secretária.

Ouviu-se um suave murmúrio, depois um sonoro estalo. Todos os que se encontravam no corredor, com exceção de Jenks e eu, saltaram. Janine ergueu uma mão e tocou na orelha como se tivesse acabado de levar um bom tabefe.

— Não sentiste isto? — perguntou-me ela e eu abanei a cabeça. — Ela acabou de fazer um círculo sem o desenhar primeiro.

Fitei a porta, como todos os presentes. Não sabia que era possível fazer um círculo sem o desenhar. Também não gostava do facto de todos, com exceção de Jenks e eu, terem sido capazes de perceber que ela o tinha feito. Sentindo que aquilo era demasiada areia para a minha camioneta, peguei na minha mala.

O som áspero e grave da voz do meu antigo patrão arrancou-me um arrepio. Denon era um vampiro vivo, tal como Ivy. Mas era de sangue inferior, não de sangue superior, tendo nascido humano e sido infetado pelo vírus do vampirismo mais tarde, por um dos verdadeiros mortos-vivos. E, enquanto a Ivy tinha poder político, porque nascera vampira e, como tal, se juntaria, garantidamente, aos mortos-vivos, mesmo que morresse sozinha com todas as gotas do seu sangue ainda dentro dela, Denon seria sempre

um vampiro de segunda, tendo de confiar que alguém se daria ao trabalho de acabar a transformação depois de morto.

— Saia da minha sala — exigiu a Dra. Anders. — Antes que eu o processe por assédio.

Os alunos mexeram-se nervosos. Não fiquei surpreendida quando o vidro fosco escureceu com uma forma que se aproximava. Fiquei rígida, tal como todos os outros quando a porta se abriu e Denon avançou para fora da sala. O homem quase tinha de se virar de lado, para passar pela porta.

Continuava a manter a crença de que Denon tinha sido um pedregulho na sua vida anterior: uma pedra macia, gasta pelo rio, com cerca de uma tonelada, talvez? Sendo de sangue inferior e possuindo apenas força humana, tinha de trabalhar com afincos para conseguir acompanhar os seus irmãos mortos. O resultado era uma cintura cuidada e montes de músculos. Estes repuxavam a camisa branca, enquanto ele saía para o corredor. O algodão engomado contrastava fortemente com a sua pele, atraindo o meu olhar e prendendo-o, tal como ele queria.

Os alunos recuaram, enquanto ele passava. Uma presença fria pareceu jorrar da sala e rodeá-lo, os resquícios da aura que ele tentara usar contra a Dra. Anders. Um sorriso confiante, dominador, curvou-lhe os lábios quando os seus olhos se pousaram em mim.

— Hum, Rachel? — murmurou Jenks, enquanto esvoaçava para Janine. — Vemo-nos lá dentro, está bem?

Eu não disse nada, sentindo-me, de repente, demasiado frágil e vulnerável.

— Guardo-te um lugar — disse Janine, mas eu não afastei o olhar do meu antigo patrão. Ouviu-se um ligeiro burburinho enquanto o corredor se esvaziava.

Eu tivera medo do homem e estava pronta e disposta a ter medo dele agora, mas algo tinha mudado. Apesar de ainda se mover com a graça de um predador, o porte intemporal que tivera antes desaparecera. A expressão esfomeada do seu olhar, que ele não se dava ao trabalho de esconder, significava que continuava a ser um vampiro praticante, mas calculei que perdera o favor de alguém e já não se alimentava dos mortos-vivos, embora eles continuassem, provavelmente, a alimentar-se dele.

— Morgan — disse, e as suas palavras pareceram embater contra a parede de tijolo atrás de mim e empurrar-me para a frente. A sua voz era como ele, experiente, poderosa e repleta de promessas. — Ouvi dizer que te tinhas vendido ao D.F.I. Ou será que estás apenas a tentar tornar-te melhor?

— Olá, Sr. Denon — disse eu, sem afastar o olhar das suas pupilas negras e dilatadas. — Foi despromovido a agente? — A luxúria esfomeada dos seus olhos transformou-se em raiva e eu acrescentei: — Parece que está

a fazer os serviços que me costumava dar. Salvar familiares das árvores? Verificar a validade das licenças? Já agora, como estão os troles sem abrigo que vivem debaixo da ponte?

Denon avançou, os olhos fixos em mim e os músculos tensos. Senti o rosto ficar gelado e dei por mim com as costas encostadas à parede. O sol que entrava pela passagem distante parecia estar a esmorecer. Como um caleidoscópio, girou parecendo duas vezes mais longe do que estava na verdade. O meu coração saltou, depois retomou o seu andamento habitual. Ele estava a tentar usar a sua aura, mas eu sabia que ele não o podia fazer se eu não lhe desse o medo de que ele precisava para a alimentar. Eu não teria medo.

— Deixe-se de tretas, Denon — disse, atrevida, sentindo um nó no estômago. — Vivo com uma vampira que o podia comer ao pequeno-almoço. Poupe a sua aura para alguém que lhe dê atenção.

Ainda assim, aproximou-se de tal forma que eu não conseguia ver mais nada para além dele. Eu tinha de levantar os olhos e isso irritou-me. A sua respiração era quente e eu conseguia sentir nele o cheiro a sangue. A minha pulsação acelerou e odiei que ele soubesse que eu ainda tinha medo dele.

— Está aqui mais alguém para além de nós os dois? — disse ele, a voz tão suave como leite com chocolate.

Movendo a mão de forma lenta e controlada, toquei no punho da minha arma de bolas explosivas. Os nós dos dedos raspavam no tijolo, mas assim que os meus dedos tocaram no punho da arma, senti a confiança regressar veloz.

— Só nós os dois e a minha arma de bolas explosivas. Se me tocar, dou-lhe um tiro. — Sorri-lhe. — O que acha que ponho nas minhas bolas explosivas? Deve ser um bocado difícil explicar porque é que teve de vir aqui alguém da S.I. para lhe dar uma mangueirada com água salgada, hã? Eu diria que isso arrancaria gargalhadas durante pelo menos um ano.

Observei enquanto a expressão dos olhos dele se transformava em ódio.

— Afaste-se — disse eu, com voz nítida. — Se a sacar, vou usá-la.

Ele recuou.

— Afasta-te disto, Morgan — ameaçou. — Esta missão é minha.

— Isso explica porque é que a S.I. está a andar em círculos. Talvez devesse voltar às multas de estacionamento e deixar um profissional tratar disto.

Ele expirou ruidosamente e eu encontrei novas forças na sua raiva. Ivy tinha razão. Havia medo no fundo da sua alma. Medo de que, um dia, os vampiros mortos-vivos que se alimentavam dele perdessem o controlo

e o matassem. Medo de que não o trouxessem de volta como um dos seus irmãos.

Era um medo justificado.

— Isto é um assunto da S.I. — disse ele. — Interfere e mando-te prender. — Sorriu, mostrando-me os seus dentes humanos. — Se achas que ter estado numa gaiola do Kalamack foi mau, espera até veres a minha.

A minha confiança estalou. A S.I. sabia daquilo?

— Não enrole os enchumaços — disse eu, sarcástica. — Estou aqui por causa de uma pessoa desaparecida, não dos seus assassinatos.

— Pessoa desaparecida — troçou ele. — Bela história. Eu mantinha-a. Tenta manter o teu alvo vivo, desta vez. — Dirigiu um último olhar, antes de avançar pelo corredor, para o sol e o som distante da cafetaria. — Não serás o bichinho de estimação da Tamwood para sempre — disse ele, sem se virar. — Nessa altura, virei atrás de ti.

— Sim, como queira — disse eu, ainda que uma centelha do meu antigo medo tenha tentado vir à superfície.

Eu não era o animal de estimação da Ivy, embora viver com ela me protegesse consideravelmente da população vampírica de Cincinnati. Ela não estava numa posição de poder mas, como último membro vivo da família Tamwood, gozava de um estatuto de futuro líder, honrado pelos vampiros sábios, tanto vivos como mortos.

Inspirei fundo, para afastar a fraqueza dos meus joelhos. Ótimo. Agora, provavelmente, ia entrar na aula, depois de terem começado.

Pensando que o meu dia não podia ficar pior, recuperei a compostura e avancei para a sala fortemente iluminada pelas janelas que davam para o campus. Como Janine dissera, a sala estava arrumada como um laboratório, com duas pessoas sentadas em bancos, em frente a cada uma das mesas altas. Janine estava sozinha, a falar com Jenks, tendo, claramente, guardado um lugar para mim ao seu lado.

Senti o ozono que emanava do círculo apressadamente gerado pela Dra. Anders. O círculo tinha desaparecido mas os meus seios nasais formigaram perante os resquícios do seu poder. Olhei de relance para a sua origem, na frente da sala.

A Dra. Anders estava sentada a uma feia secretária de metal, perante um tradicional quadro preto. Tinha os cotovelos apoiados na mesa, a cabeça pousada nas mãos. Podia ver os seus dedos finos a tremer e perguntei-me se teriam sido as acusações de Denon ou o facto de ter puxado poder suficiente da eternidade para poder fazer um círculo sem a ajuda de uma manifestação física. A turma parecia estranhamente silenciosa.

O cabelo dela estava preso num carrapito de aspeto sério, com fios cinzentos a traçar linhas pouco elogiosas por entre os pretos. Parecia mais



velha do que a minha mãe, envergando um par de calças castanhas de aspeto conservador e uma blusa de bom gosto. Tentando não chamar atenção para mim, deslizei para lá das primeiras duas filas de mesas e sentei-me ao lado de Janine.

— Obrigada — sussurrei.

Ela fitava-me, de olhos esbugalhados, enquanto eu pousava a mala de baixo da mesa.

— Trabalhas para a S.I.?

Olhei de relance para a Dra. Anders.

— Costumava trabalhar. Desisti a primavera passada.

— Pensava que não se podia desistir da S.I. — disse ela, o rosto ficando ainda mais redondo de espanto.

Encolhendo os ombros, afastei o cabelo para que Jenks pudesse ocupar o seu lugar costumeiro.

— Não foi fácil. — Segui a sua atenção para a frente da sala quando a Dra. Anders se levantou.

A mulher alta era tão assustadora quanto me lembrava, de rosto longo e magro, e um nariz que não ficaria mal numa descrição pré-Viragem de uma bruxa. Contudo, não tinha nenhuma verruga e a sua pele não era verde. Ela exalava autoridade, chamando a atenção da turma só por se ter levantado. O tremor tinha-lhe desaparecido das mãos quando pegou num molho de folhas.

Empoleirando na ponta do nariz um par de óculos de armação fina, fez de conta que estava a estudar os seus apontamentos. Eu estava disposta a apostar que eles tinham sido enfeitiçados para ver através de encantamentos das linhas Ley, para além de corrigirem a sua visão, e desejei ter a lata de pôr os meus próprios óculos para ver se ela usava magia das linhas Ley para parecer tão pouco atraente ou se era tudo natural. Um suspiro fez abanar os seus ombros estreitos, quando ela ergueu os olhos, o seu olhar prendendo-se de imediato em mim através dos óculos enfeitiçados.

— Vejo — disse ela, a sua voz lançando-me um arrepio pela espinha — que temos aqui um rosto novo.

Eu dirigi-lhe um sorriso falso. Era óbvio que ela me tinha reconhecido; o seu rosto estava enrugado como uma ameixa seca.

— Rachel Morgan — disse ela.

— Aqui — disse eu, num tom monocórdico.

Um toque de irritação pairou sobre ela.

— Eu sei quem é. — Com os saltos baixos a bater, ela aproximou-se até ficar à minha frente. Inclinando-se, olhou para Jenks.

— E quem é você, senhor *pixy*?



— Hum, Jenks, minha senhora — gaguejou ele, as asas movendo-se rapidamente e prendendo-se no meu cabelo.

— Jenks — disse ela, em tom quase respeitoso. — É um prazer conhecê-lo. Não faz parte do meu rol de alunos. Por favor, saia.

— Sim, minha senhora — disse ele e, para minha grande surpresa, o *pixy* normalmente arrogante saltou do meu brinco. — Desculpa, Rache — disse ele, pairando à minha frente. — Estarei no átrio da faculdade ou na biblioteca. Pode ser que o Nick ainda esteja a trabalhar.

— Certo. Depois vou à tua procura.

Ele curvou a cabeça à Dra. Anders e voou pela porta ainda aberta.

— Desculpe — disse a Dra. Anders. — A minha cadeira está a interferir com a sua vida social?

— Não, Dra. Anders. É um prazer voltar a vê-la.

Ela recuou, perante o sarcasmo ligeiro.

— A sério?

Pelo canto do olho, vi a boca de Janine completamente aberta. Pelo que podia ver, o resto da turma estava igual. Senti o rosto a arder. Não sabia porque é que a mulher não gostava de mim, mas não gostava. Era tão simpática como uma vaca esfomeada para todos os outros, mas comigo era um texugo voraz.

A Dra. Anders deixou cair os papéis na minha mesa com um estalo. O meu nome estava marcado com um espesso círculo vermelho. Os seus finos lábios apertaram-se de forma quase impercetível.

— Porque é que está aqui? — perguntou ela. — Já passaram duas aulas desde o início do semestre.

— Durante esta semana ainda nos podemos inscrever ou desistir de uma cadeira — contrapus, sentindo a minha pulsação a acelerar.

Ao contrário de Jenks, não tinha qualquer problema em lutar contra a autoridade. Mas, como dizia a música, a autoridade ganhava sempre.

— Nem sequer sei como é que consegui ser aprovada para esta aula — disse ela, em tom cáustico. — Não cumpre qualquer dos pré-requisitos.

— Transferi todos os meus créditos. E obtive um ano por experiência de vida.

Era um facto, mas Edden era a verdadeira razão porque fora capaz de passar diretamente para uma aula de nível quinhentos.

— Está-me a fazer perder tempo, menina Morgan — disse ela. — É uma bruxa de terra. Pensei que tinha deixado isso bem claro. Não possui o controlo para usar as linhas Ley para além do básico necessário a fechar um círculo modesto. — Ela inclinou-se na minha direção e eu sentia a pressão sanguínea a subir. — Vou chumbá-la e correr consigo da minha cadeira, mais depressa do que da outra vez.

Inspirei fundo para me acalmar, olhando de relance para os rostos chocados. Era óbvio que nunca tinham visto aquele lado da sua amada professora.

— Preciso desta cadeira, Dra. Anders — disse eu, não sabendo porque estava a tentar apelar ao seu raquítico sentido de compaixão. A não ser pelo facto de, caso fosse corrida, Edden me poder obrigar a pagar a propina. — Estou aqui para aprender.

Dito isto, a mulher irritadiça pegou nas suas folhas e colocou-se junto à mesa vazia atrás dela. O seu olhar percorreu a turma antes de se fixar em mim.

— Está a ter problemas com o seu demónio?

Vários colegas de turma arquejaram. Janine chegou ao ponto de se afastar de mim. *Maldita fosse aquela mulher*, pensei, levando a mão ao pulso. *Não estava ali nem há cinco minutos e ela já me tinha alienado da turma toda*. Devia ter usado uma pulseira. O meu maxilar cerrou-se e a minha respiração tornou-se mais rápida, enquanto eu lutava para não responder.

A Dra. Anders parecia satisfeita.

— Não se pode esconder adequadamente a marca de um demónio com magia de terra — disse ela, a voz erguida, como se estivesse a dar uma lição. — Para isso é preciso magia das linhas Ley. É por isso que aqui está, menina Morgan? — troçou ela.

Tremendo, recusei-me a afastar o olhar. Eu não sabia isso. Não era de admirar que os feitiços que eu usava para a disfarçar nunca durassem para lá do pôr-do-sol.

As rugas dela tornaram-se mais profundas, quando franziu o sobrolho.

— A cadeira de Demonologia para Praticantes Modernos do professor Peltzer fica no próximo edifício. Talvez pudesse sair e ir ver se não é demasiado tarde para trocar de cadeira. Aqui não lidamos com artes negras.

— Não sou uma bruxa negra — disse baixinho, temendo começar a gritar, caso erguesse a voz. Levantei a manga, revelando a marca do demónio e recusando-me a ter vergonha dela. — Eu não invoquei o demónio que me fez isto. Lutei contra ele.

Inspirei fundo, incapaz de olhar para quem quer que fosse, sobretudo para a Janine, que se tinha afastado de mim, tanto quanto lhe era possível.

— Estou aqui para aprender como mantê-lo longe de mim, Dra. Anders. Não vou tirar nenhuma cadeira de Demonologia. Tenho medo delas.

A última frase disse-a num sussurro, mas eu sabia que toda a gente a tinha ouvido. A Dra. Anders parecia surpresa. Eu sentia-me embaraçada mas, se isso a fizesse recuar, era um embaraço bem gasto.

Os passos dela eram audíveis, enquanto avançava para a frente da sala.

— Vá para casa, menina Morgan — disse ela, virada para o quadro preto. — Eu sei porque é que está aqui. Eu não matei os meus antigos alunos e a acusação implícita ofende-me.

E, com esse pensamento alegre, voltou-se, dirigindo à turma um sorriso de lábios apertados.

— E os restantes se não se importarem, conservem as vossas cópias dos pentagramas do século XVIII. Vamos fazer um teste sobre eles sexta-feira. Para a próxima semana quero que leiam os capítulos seis, sete e oito dos vossos manuais e que resolvam os exercícios ímpares no final de cada um. Janine?

Ao ouvir o seu nome, a jovem saltou. Tinha estado a tentar ver bem o meu pulso. Eu ainda estava a tremer e os meus dedos não paravam quietos, enquanto apontava os trabalhos de casa.

— Janine, é melhor fazer também os exercícios pares do capítulo seis. O seu controlo sobre a libertação da energia acumulada das linhas Ley deixa algo a desejar.

— Sim, Dra. Anders — disse ela, de rosto pálido.

— E vá sentar-se ao pé do Brian — acrescentou. — Pode aprender mais com ele do que com a menina Morgan.

Janine não hesitou. Ainda antes de a Dra. Anders ter terminado, já Janine tinha agarrado na mala e no livro, passando para a mesa do lado. Eu fiquei sozinha, sentindo-me mal. O giz que Janine me emprestara estava pousado ao lado do meu livro como um biscoito roubado.

— Na sexta-feira também gostaria de avaliar a ligação aos vossos familiares já que, durante as próximas semanas, iremos abordar o tema da proteção a longo prazo — dizia a Dra. Anders. — Por isso tragam-nos, por favor. Vou demorar algum tempo a avaliar-vos a todos. Aqueles cujos nomes estiverem no fim da lista devem contar com a possibilidade de ficarem retidos depois da aula.

Alguns dos estudantes gemeram de aborrecimento, mas faltava-lhes uma certa jovialidade que me parecia ser ali comum. Senti o estômago apertado. Eu não tinha um familiar. Se não arranjasse um até sexta-feira, ela chumbar-me-ia. Tal como da última vez.

A Dra. Anders sorriu para mim, com o calor de uma boneca.

— Isso é um problema, menina Morgan?

— Não — respondi, num tom monocórdico, começando a querer culpá-la pelos homicídios quer ela os tivesse cometido ou não. — Não é nenhum problema.

## Oito

FELIZMENTE NÃO HAVIA NENHUMA FILA QUANDO CHEGÁMOS À PIZARIA Piscary's, na viatura descaracterizada do D.F.I. conduzida por Glenn. Ivy e eu saímos do carro mal este parou. Não tinha sido uma viagem muito confortável para nenhum de nós, com a recordação dela a prender-me contra a parede da cozinha ainda deveras vívida. Os seus modos tinham estado estranhos, durante a tarde, compostos mas excitados. Eu sentia-me como se estivesse prestes a conhecer os pais dela. De certa forma, supinho que fosse. Piscary era a origem ancestral da sua linhagem familiar viva.

Glenn bocejou enquanto saía, lentamente, do carro e vestia o casaco, mas acordou o suficiente para enxotar Jenks, que esvoaçava em redor da sua cabeça. Ele não parecia nada desconfortável com o facto de estar prestes a entrar num restaurante exclusivamente Inderlander. A sua arrogância era quase tangível. Talvez ele fosse lento a aprender.

O detetive do D.F.I. tinha concordado em trocar o seu fato formal de agente do D.F.I. por umas calças de ganga e uma camisa de flanela desbotada, que Ivy tinha guardado no fundo do roupeiro, numa caixa rotulada RESTOS a marcador preto. Serviam a Glenn na perfeição e eu nem quis saber onde é que ela as tinha arranjado ou porque é que tinham alguns rasgões cuidadosamente remendados em locais deveras inusitados. Um casaco de nylon escondia a arma que ele se recusara a deixar para trás, ainda que eu tivesse deixado a minha arma de bolas explosivas em casa. Seria inútil numa sala cheia de vampiros.

Uma carrinha entrou lentamente no parque de estacionamento e ocupou um espaço vazio na extremidade oposta. A minha atenção saltou dela para a janela bem iluminada das entregas. Enquanto observava, partia mais uma piza, o carro lançando-se para a rua e acelerando para longe com a rapidez indicadora de um grande motor. Os entregadores de piza faziam

bom dinheiro já que tinham conseguido pressionar os patrões, com sucesso, para receberem subsídio de risco.

Para lá do parque de estacionamento, ouvia-se o suave bater da água na madeira. Compridas tiras de luz brilhavam sobre o rio Ohio e os edifícios mais altos de Cincinnati refletiam-se, em pinceladas largas, sobre as suas águas planas. O Piscary's fica em frente ao rio, situando-se no centro da zona mais concorrida de clubes, restaurantes e discotecas. Tinha até um cais onde os clientes que viajavam de iate podiam amarrar os seus barcos. Contudo, conseguir uma mesa virada para a doca, a esta hora, seria impossível.

— Prontos? — perguntou Ivy alegremente, enquanto acabava de ajeitar o casaco.

Trazia vestidas as comuns calças de cabedal pretas e uma camisa de seda, o que lhe dava um aspeto alto, magro e predatório. A única cor no seu rosto era o vermelho forte do batom. Uma corrente de ouro negro pendia em redor do pescoço, substituindo o crucifixo que normalmente usava e que se encontrava, agora, arrumado na caixinha das joias, em casa. Combinava na perfeição com as pulseiras que usava em redor do tornozelo. Além disso, tinha pintado as unhas com um verniz transparente, o que lhes dava um brilho subtil.

As joias e o verniz não eram incomuns e, depois de as ter visto, eu optara por usar uma pulseira de prata, larga, em vez da normal pulseira de amuletos, para esconder a marca do demónio. Sabia bem aperaltar-me e eu até tentara fazer qualquer coisa com o meu cabelo. O frisado ruivo com que acabei quase parecia intencional.

Mantive-me um passo atrás de Glenn enquanto avançávamos em direção à porta da frente. Os Inderlanders misturavam-se sem problemas, mas o nosso grupo era mais estranho do que o normal e eu tinha a esperança de conseguir entrar e sair rapidamente, com a informação que procurávamos, sem atrair atenções. A carrinha que estacionara depois de nós pertencia a uma matilha de animalomens, deveras ruidosos enquanto encurtavam a distância que nos separava.

— Glenn — disse Ivy, quando chegámos à porta. — Mantém a boca fechada.

— Como queira — disse o agente, antagonicamente.

As minhas sobrancelhas ergueram-se e recuei, preocupada. Jenks aterrou nas minhas grandes argolas.

— Isto vai ser bonito — disse, rindo.

Ivy agarrou em Glenn pelo colarinho, erguendo-o do chão e encostando-o ruidosamente contra o pilar de madeira que suportava o baldaquino. Glenn, sobressaltado, estacou por um instante, depois esperneou, tentando acertar no estômago de Ivy. Ela largou-o para escapar ao ataque. Depois,

com a rapidez de um vampiro, voltou a pegar nele e a atirá-lo contra o pilar. Glenn gemeu de dor, lutando por recuperar o fôlego.

— Ooooh — exclamou Jenks. — Isso vai doer amanhã de manhã.

Eu bati com o pé e olhei de relance para a matilha de animalomens.

— Não podiam ter tratado disto antes de sairmos? — queixei-me.

— Ouve, meu pequeno petisco — disse Ivy, calmamente, aproximando o rosto do de Glenn. — Vais manter a boca fechada. Não existes a menos que eu te faça uma pergunta.

— Vá para o inferno — conseguiu Glenn dizer, o rosto a ficar vermelho sob a pele escura.

Ivy ergueu-o um pouco mais e ele gemeu.

— Fedes a humano — continuou, os olhos a ficar negros. — No Piscary's só entram Inderlanders e humanos ligados. A única forma de conseguires sair daqui com todas as partes intactas e sem furos, é se todos pensarem que és o meu espetro.

*Espetro*, pensei. Tratava-se de um termo ofensivo. Servo era outro. Brinquedo seria mais correto. Referia-se a um humano mordido recentemente, agora pouco mais do que uma fonte de sexo e alimento, e mentalmente ligado a um vampiro. Eram mantidos submissos durante tanto tempo quanto possível. Por vezes durante décadas. O meu antigo patrão, Denon, tinha feito parte desse grupo até ter caído nas graças daquele que lhe dera uma existência um pouco mais livre.

De rosto contorcido, Glenn libertou-se dela e caiu ao chão.

— Vá-se virar, Tamwood — disse, com voz rouca, esfregando o pescoço. — Consigo cuidar de mim mesmo. Isto não vai ser pior do que entrar num bar de pacóvios nas profundezas da Geórgia.

— Não? — perguntou ela, a mão pálida pousada na anca erguida. — Algum deles te queria comer?

A matilha de animalomens passou por nós e entrou. Um deles voltou-se, olhando para mim duas vezes, e eu perguntei-me se o facto de ter roubado o peixe ia ser um problema. A música e a conversa deslizaram para o exterior, cessando quando a porta se voltou a fechar. Suspirei. Parecia apinhado. Agora, o mais certo era termos de esperar por uma mesa.

Estendi uma mão a Glenn para o ajudar a levantar, enquanto Ivy abria a porta. Glenn recusou a minha ajuda, enfiando o amuleto contra a comichão dentro da camisa, enquanto lutava para recuperar o seu orgulho, esmagado algures sob as botas de Ivy. Jenks esvoaçou de mim para o ombro dele e Glenn sobressaltou-se.

— Vai-te sentar noutro lado, *pixy* — disse ele, tossindo.

— Oh, não — disse Jenks alegremente. — Não sabes que um vampiro não te tocará, se tiveres um *pixy* ao ombro? É um facto bem conhecido.

Glenn hesitou e eu revirei os olhos. *Que velhadas!*

Fizemos fila atrás de Ivy, enquanto a matilha de animalomens era levada para a sua mesa. O restaurante estava apinhado, o que não era estranho num dia de trabalho. Piscary's tinha as melhores pizzas de Cincinnati e não aceitavam reservas. O calor e o ruído ajudaram-me a relaxar e tirei o casaco. As grossas vigas de apoio, de corte rude, pareciam sustentar o teto baixo e um batuque rítmico ao som de "Rehumanize Yourself" do Sting descia pela escadaria larga. Para lá delas abriam-se janelas largas que davam para o rio negro e para a cidade do outro lado. Preso ao cais estava um iate de três pisos, obscenamente caro, as luzes de atracagem a iluminar o nome na proa, SOLAR. Bonitas jovens universitárias moviam-se de um lado para o outro, eficientes, nos seus uniformes curtos, uns mais sugestivos que outros. A maior parte eram humanos ligados, já que os empregados vampiros costumavam ficar pelo piso superior, onde a supervisão era menor.

As sobranceiras do *host* ergueram-se quando viu Glenn. Percebi que era o *host*, porque a camisa só estava meio aberta e o crachá com o nome o dizia.

— Mesa para três? Iluminada ou não?

— Iluminada — disse, antes que Ivy pudesse dizer o contrário. Não queria ir para o piso de cima. Parecia caótico.

— Então terão de esperar quinze minutos. Podem aguardar no bar, se quiserem.

Suspirei. Quinze minutos. Eram sempre quinze minutos. Quinze pequenos minutos que se transformavam em trinta, depois em quarenta e, depois, já estávamos dispostos a esperar mais dez, para que não se tivesse de ir para outro restaurante e começar tudo de novo.

Ivy sorriu, revelando os dentes. Os seus caninos não eram maiores do que os meus, mas eram afiados como os de um gato.

— Esperamos aqui, obrigada.

Parecendo quase enlevado pelo sorriso dela, o *host* acenou. O peito, visível através da camisa aberta, estava repleto de cicatrizes pálidas. Não era o tipo de roupa que usavam os *hosts* do Denny's, mas quem era eu para me queixar? Havia nele uma expressão doce que eu não apreciava nos meus homens mas de que algumas mulheres gostavam.

— Não vai demorar muito — disse ele, fixando em mim os olhos quando reparou na atenção que lhe estava a dedicar. Os lábios afastaram-se sugestivos. — Querem pedir já?

Uma pizza passou por nós num tabuleiro e, enquanto eu afastava dele o olhar, olhei de relance para Ivy e franzi os olhos. Não tínhamos ido ali pelo jantar, mas porque não? Cheirava maravilhosamente.

— Sim — disse Ivy. — Uma extra grande. Com tudo exceto pimento e cebola.

Glenn arrancou a atenção do que parecia ser uma assembleia de bruxas a aplaudir a chegada do seu jantar. Comer no Piscary's era um evento.

— Disseram que não íamos ficar.

Ivy voltou-se, o negro enchendo os seus olhos.

— Tenho fome. Tens algum problema com isso?

— Nenhum — murmurou ele.

Ivy recuperou de imediato a compostura. Eu sabia que ela não entraria em modo de vampiro ali. Poderia desencadear uma reação em cadeia entre os vampiros que ali se encontrassem e isso levaria Piscary a perder a sua classificação A no L.P.M.

— Talvez possamos partilhar a mesa com alguém. Estou esfomeada — disse ela, mexendo o pé.

L.P.M. era a abreviatura de Licenciamento Público Misto. O que significava uma estrita política de não derramamento de sangue no local. Algo banal na maior parte dos locais onde eram servidas bebidas alcoólicas desde a Viragem. Criava uma zona de segurança que nós, frágeis criaturas para quem “morto significa morto”, precisávamos. Se estivessem demasiados vampiros juntos e um deles derramasse sangue, os restantes tendiam a perder o controlo. Era algo que não representava um problema caso todos fossem vampiros, mas as pessoas não gostavam muito quando o passeio pela cidade de um ente querido se transformava numa estadia eterna no cemitério. Ou pior.

Existiam clubes e discotecas sem L.P.M., mas não eram tão populares e não faziam muito dinheiro. Os humanos gostavam dos espaços com L.P.M., já que podiam namoriscar sem que as más decisões de outros pudessem transformar o seu companheiro num monstro descontrolado e sedento de sangue. Pelo menos até se encontrarem na privacidade do seu próprio quarto, onde talvez conseguissem sobreviver. E os vampiros também gostavam era mais fácil quebrar o gelo quando o companheiro não estava preocupado com a possibilidade de ver a sua pele rasgada.

Olhei em redor da sala semiaberta, vendo apenas Inderlanders entre os clientes. L.P.M. ou não, era óbvio que Glenn estava a chamar a atenção. A música tinha terminado e ninguém tinha introduzido uma nova moeda. Para além das bruxas no canto e da matilha de animalomens ao fundo, o piso inferior estava repleto de vampiros de diferentes níveis de sensualidade que iam do informal ao acetinado e rendilhado. Grande parte do piso estava ocupada pelo que parecia ser uma festa de aniversário da morte.

O súbito bafo quente no meu pescoço fez-me endireitar de repente e só o olhar aborrecido de Ivy me impediu de bater em quem quer



que fosse. Girando, a minha resposta mordaz desvaneceu-se. *Maravilhosa. Kisten.*

O vampiro vivo era amigo de Ivy e eu não gostava dele. Isso devia-se, em parte, ao facto de Kist ser o delfim de Piscary, uma extensão do mestre vampiro que fazia o seu trabalho durante o dia. O facto de Piscary ter usado Kist para me enfeitiçar contra a minha vontade, algo que, na altura, eu não sabia ser possível, não ajudava. O que também não ajudava era o facto de ele ser muito, muito belo, o que o tornava, segundo os meus cálculos, muito, muito perigoso.

Se Ivy era uma diva da escuridão, Kist era o seu consorte e, Deus me ajudasse, ele representava o papel na perfeição. Cabelo louro curto, olhos azuis e um queixo com pelos suficientes para dar às suas feições delicadas um ar mais rude, faziam dele um sensual pacote de prometida diversão. Estava vestido de forma mais conservadora do que era costume, o cabedal e as correntes próprias de um *motard* tinham dado lugar a uma camisa e umas calças de bom gosto. No entanto, a sua atitude “devia preocupar-me com o que pensas, porque...?” mantinha-se. A ausência das botas de *motard* faziam com que fosse ligeiramente mais alto do que eu, com os sapatos de salto que tinha calçados, e o ar intemporal de um vampiro morto-vivo pairava sobre ele como uma promessa a ser cumprida. Movia-se com uma confiança felina, tendo músculos suficientes para desejarmos passar as pontas dos dedos sobre eles, mas não tantos que ficassem no caminho.

Ivy e ele partilhavam um passado que eu não queria conhecer já que, na altura, ela era uma vampira deveras praticante. Ficava sempre com a impressão de que, se ele não a pudesse ter, se contentaria com a sua companheira de quarto. Ou com a rapariga da porta ao lado. Ou com a mulher que conhecera no autocarro naquela manhã...

— *Evening, love* — sussurrou ele, num fingido sotaque britânico, os olhos divertidos por me ter surpreendido.

Empurrei-o para trás com um dedo.

— A tua pronúncia não vale nada. Vai-te embora até a aprenderes como deve ser.

Mas a minha pulsação tinha acelerado e um suave calafrio de prazer espalhou-se a partir da cicatriz no meu pescoço, fazendo tocar todos os alarmes de proximidade. *Raios. Tinha-me esquecido daquilo.*

Ele olhou de relance para Ivy, como que a pedir autorização, depois lambeu os lábios, num gesto brincalhão, quando ela franziu o sobrolho em resposta. Eu fiquei de semblante carregado, pensando que não precisava da ajuda dela para o afastar. Vendo-o, Ivy bufou, exasperada, e puxou Glenn para o bar, levando Jenks a segui-los com a promessa de ponche de mel. O detetive do D.F.I. olhou de relance por cima do ombro, enquanto se afasta-

va, sabendo que algo se tinha passado entre nós os três, mas não percebendo o quê.

— Por fim, sós. — Kist colocou-se ao meu lado, ombro com ombro, e olhou para o piso aberto. Podia sentir o cheiro a cabedal, embora ele não tivesse vestida qualquer peça desse material. Pelo menos, que eu visse.

— Não arranjavas uma frase de engate melhor do que essa? — perguntei, desejando não ter afugentado Ivy.

— Não é uma frase de engate.

O ombro dele estava demasiado perto do meu, mas eu não me ia afastar e dar-lhe a entender que isso me estava a incomodar. Olhei-o de relance, enquanto ele respirava com uma lentidão profunda; os olhos dele estavam a analisar os clientes, ao mesmo tempo que inalava o meu cheiro para avaliar a dimensão do meu desconforto. Numa das orelhas brilhavam dois brincos de diamante e eu lembrava-me que a outra tinha apenas um brinco e um rasgão sarado. Uma corrente feita do mesmo material da Ivy era a única pista do seu normal aparato de rapaz perigoso. Perguntei-me o que estaria ele a fazer ali. Havia melhores locais para um vampiro vivo arranjar um par/petisco.

Os dedos moviam-se sem parar, atraindo para ele o meu olhar. Eu sabia que ele estava a emitir feromonas vampíricas para me acalmar e relaxar — só para te comer melhor, minha querida —, mas, quanto mais bonitos são, mais defensiva me torno. O meu rosto perdeu toda a expressão quando me apercebi que tinha sincronizado a minha respiração com a dele.

*Subtil enfeitiçamento no seu melhor*, pensei, sustendo propositadamente a respiração para que deixássemos de estar sincronizados e vi-o sorrir, quando baixou a cabeça e passou a mão pelo queixo. Normalmente só um vampiro morto-vivo tinha a capacidade para enfeitiçar aqueles que não o desejassem, no entanto, ser o delfim de Piscary garantia a Kist parte dos poderes do mestre. Contudo, ele não se atreveria a fazê-lo ali. Não com Ivy a observar a partir do bar, do outro lado de uma garrafa de água.

De súbito apercebi-me que ele se estava a abanar, movendo as ancas de forma constante e sugestiva.

— Para com isso — disse, enquanto me voltava para olhar para ele, enojada. — Tens uma série de mulheres a observar-te a partir do bar. Vai chateá-las a elas.

— É muito mais divertido chatear-te a ti. — Inspirando profundamente o meu odor, inclinou-se na minha direção. — Continuas a cheirar a Ivy, mas ela ainda não te mordeu. Meu Deus, és uma tentação.

— Somos amigas — disse eu, ofendida. — Ela não me está a caçar.

— Então não se vai importar se eu o fizer.

Irritada, afastei-me. Ele seguiu-me, até as minhas costas embaterem contra um pilar.

— Para de te mexer — disse ele, apoiando uma mão no grosso pilar, ao lado da minha cabeça, prendendo-me, embora tivesse deixado algum espaço entre nós. — Quero dizer-te uma coisa e não quero que mais ninguém nos ouça.

— Como se alguém te pudesse ouvir por cima deste barulho — disse, trocista, a mão atrás das costas, dobrando os dedos de forma a que as unhas não me cortassem a pele da palma da mão, se tivesse de lhe bater.

— Talvez ficasses surpreendida — murmurou ele, fixando-me intensamente.

Eu olhei-o nos olhos, procurando e reconhecendo um ligeiro aumento da pupila negra, ao mesmo tempo que a sua proximidade concedia à minha cicatriz um calor promissor. Já vivia com Ivy há tempo suficiente para saber qual o aspeto de um vampiro prestes a perder o controlo. Ele estava bem, os instintos controlados e a sede saciada.

Eu estava razoavelmente segura, por isso relaxei, baixando os ombros. Os seus lábios sensuais e vermelhos apartaram-se, surpreendidos pela minha aceitação da sua proximidade. De olhos brilhantes, ele respirava de forma lenta e langorosa, inclinando a cabeça e aproximando-se até os seus lábios tocarem no lóbulo da minha orelha. A luz cintilava sobre a corrente negra em redor do seu pescoço, atraindo a minha mão. Estava quente e essa surpresa fez com que os meus dedos continuassem a brincar com ela, quando deveriam ter parado.

O som de pratos e bater e dos diálogos tornou-se um eco distante, enquanto eu me deixava absorver pelo seu murmúrio suave e irreconhecível. Uma sensação deliciosa atravessou-me, como metal derretido a correr-me pelas veias. Não queria saber se a sensação tivera a sua origem no facto de ele ter ativado a minha cicatriz; sabia tão bem. E ele ainda não dissera uma palavra que eu reconhecesse.

— Senhor? — disse uma voz hesitante, atrás dele.

Kist parou de respirar. Durante alguns instantes, manteve-se em silêncio, imóvel, enquanto os seus ombros ficavam tensos de irritação. A minha mão desceu do seu pescoço.

— Alguém quer falar contigo — disse eu, olhando para lá dele, para o *host*, que se movia nervoso.

Um sorriso apoderou-se de mim. Kist estava tentado a quebrar o L.P.M. e tinham mandado alguém para o refrear. As leis eram coisas boas. Mantinham-me viva quando eu fazia algo idiota.

— O que foi? — perguntou Kist, num tom neutro. Eu nunca ouvira a

sua voz com outra coisa que não petulância picante e o poder nela fez-me arrepiar o facto de não estar à espera tornava-a ainda mais premente.

— Senhor, o grupo de animalomens no andar de cima? Estão a começar a armar confusão.

*Oh?*, pensei. Não estava à espera daquilo.

Kist endireitou o cotovelo e afastou-se do pilar, com a irritação a cintilar nos olhos. Eu inspirei fundo, sentindo uma decepção pouco saudável misturada com um toque de alívio preocupantemente pequeno.

— Eu disse-te que lhes dissesse que se tinha acabado o acónito — disse Kist. — Quando entraram, já tresandavam.

— Foi o que fizemos, senhor — protestou o empregado, recuando um passo quando Kist se afastou completamente de mim. — Mas eles conseguiram levar a Tarra a admitir que ainda havia algum nos fundos e ela levou-lho.

A irritação de Kist transformou-se em raiva.

— Quem mandou a Tarra lá para cima? Eu disse-lhe que ficasse no piso térreo até aquela dentada de animalomem sarar.

*O Kist trabalhava no Piscary's?* Surpresa, surpresa. Nunca pensei que o vampiro tivesse a presença de espírito para fazer algo útil.

— Ela convenceu o Samuel a deixá-la ir lá para cima, disse que as gorjetas eram melhores — respondeu o empregado.

— O Sam... — disse Kist por entre os dentes cerrados. A emoção atravessou-o, os primeiros sintomas de pensamentos coerentes que não envolviam sexo e sangue surpreenderam-me. Com os lábios cheios apartados, percorreu a sala com o olhar. — Muito bem. Reúne toda a gente como se fosse uma festa e tirem-na de lá, antes que ela os deixe loucos. Para de servir acónito. Sobremesas de cortesia para todos os que as quiserem.

Com os pelos louros a refletirem a luz, ele olhou de relance para cima, como se pudesse ver através do teto, para a confusão do andar superior. A música tocava alta, de novo, e podia-se ouvir a voz de Jess Beck. “Loser”. De alguma forma parecia adequado, quando todos começaram a cantar a letra em conjunto, com as vozes entarameladas. Os patronos mais ricos do piso inferior não pareceram ficar preocupados.

— O Piscary arranca-me o couro se perdermos a classificação A por causa de uma dentada de animalomem — disse Kist. — E, por muito excitante que isso seja, quero poder trabalhar amanhã.

A calma admissão, por parte de Kist, da sua relação com Piscary apanhou-me de surpresa, embora não o devesse. Embora eu relacionasse sempre a troca de sangue com sexo, tal não era necessário, em especial quando a troca ocorria entre um vampiro vivo e um morto-vivo. Os dois tinham

pontos de vista muitíssimo diferentes, provavelmente por um ter alma e o outro não.

A “garrafa onde vinha o sangue” era importante para quase todos os vampiros vivos. Escolhiam com cuidado os seus companheiros, seguindo normalmente — mas nem sempre — a sua preferência de género na esperança de que o sexo pudesse ser incluído na troca. Mesmo quando despoletada pela fome, a troca de sangue preenchia também uma necessidade emocional, a afirmação física de um laço emocional, um papel muito semelhante ao que o sexo podia cumprir, mas nem sempre era assim.

Os vampiros mortos-vivos eram ainda mais meticulosos, escolhendo os seus companheiros com o cuidado de um assassino em série. Procurando o domínio e a manipulação emocional em vez do compromisso, o género não fazia parte da equação, ainda que os mortos-vivos não recusassem o sexo, já que este gerava uma sensação de domínio ainda maior, semelhante à violação, mesmo com alguém disposto a fazê-lo. Qualquer relacionamento nascido de tal troca era absolutamente unilateral, embora, normalmente, o mordido não o aceitasse, pensando sempre que o seu mestre era a exceção à regra. Fiquei a pensar no facto de Kist parecer ansioso por um novo encontro com Piscary e perguntei-me, ao olhar para o vampiro ao meu lado, se isso teria a ver com o facto de Kist retirar uma grande dose de força e estatuto do facto de ser o seu delfim.

Ignorando os meus pensamentos, Kist franziu o sobrolho, irado.

— Onde está o Sam? — perguntou.

— Na cozinha, senhor.

Um dos olhos dele tremeu. Kist olhou para o empregado como se perguntasse “De que é que estás à espera?” e o homem desapareceu apressadamente.

Com a garrafa de água na mão, Ivy apareceu por trás de Kist, afastando-o mais de mim.

— E tu achaste que eu era parva por ter feito o *major* em segurança, em vez de gestão — disse ela. — Pareces quase responsável, Kisten. Tem cuidado ou vais dar cabo da tua reputação.

Kist sorriu, revelando os caninos afiados, deixando cair o ar de preocupado gerente de um restaurante.

— As regalias são ótimas, Ivy, querida — disse ele, colocando uma mão nas costas dela com uma familiaridade que ela tolerou durante um instante, antes de lhe bater. — Se precisares de um emprego, vem falar comigo.

— Mete-o num sítio que eu cá sei, Kist.

Ele riu, baixando a cabeça por um momento, antes de voltar a cruzar

o seu olhar matreiro com o meu. Um grupo de empregados de ambos os sexos dirigia-se para o piso de cima, batendo palmas e cantando uma qualquer música idiota. Parecia irritante e inócuo, dando-lhes o aspeto de uma missão de salvamento, o que era na verdade. Ergui uma sobranceira. Kist era bom naquilo.

Quase como se me lesse a mente, ele aproximou-se mais de mim.

— Sou ainda melhor na cama, querida — sussurrou, a sua respiração lançando um delicioso arrepio até às profundezas do meu ser.

Ele afastou-se de mim antes que eu o pudesse empurrar e, sem parar de sorrir, afastou-se. A meio caminho da cozinha, voltou-se para ver se eu estava a observá-lo. E estava. Raios, tudo o que usava saias — morto, vivo ou intermédio — estava a observá-lo.

Afastei dele o olhar e descobri Ivy, que me fitava com uma expressão curiosamente imperscrutável.

— Já não tens medo dele — disse ela, num tom monocórdico.

— Não — respondi, surpresa por descobrir que não tinha. — Acho que é pelo facto de ele ser capaz de fazer outra coisa para além de namorar.

Ela afastou o olhar.

— O Kist é capaz de fazer muitas coisas. Ele diverte-se a ser dominado, mas quando se trata de trabalho, é capaz de acabar contigo só com um olhar. O Piscary não teria escolhido um idiota para delfim, por muito bom que fosse de sangrar. — Ela apertou os lábios até estes ficarem brancos. — A mesa está pronta.

Segui o olhar dela para uma mesa vazia, contra a parede mais distante das janelas. Glenn e Jenks tinham-se juntado a nós, mal Kist partiu e, em grupo, avançámos através das mesas, instalando-nos num banco em semicírculo, com as costas voltadas para a parede — Inderlander, humano, Inderlander — e esperámos que o empregado viesse ter connosco.

Jenks tinha-se empoeirado no candelabro baixo e a luz que lhe atravessava as asas cobria a mesa de manchas verdes e douradas. Glenn absorvia tudo aquilo em silêncio, tentando, claramente, não parecer perplexo perante a imagem dos belos empregados de ambos os sexos, com as suas cicatrizes. Fossem homens ou mulheres, eram todos jovens, de rostos sorridentes e abertos, deixando-me nervosa.

Ivy não disse mais nada sobre Kist, algo pelo que fiquei grata. Era embaraçosa a velocidade com que as feromonas vampíricas se tinham apoderado de mim, transformando um “põe-te a andar” num “chega cá”. Graças à quantidade excessiva de saliva de vampiro que o demónio tinha bombeado para a minha corrente sanguínea enquanto me tentava matar, a minha resistência às feromonas vampíricas era quase nula.

Glenn pousou cuidadosamente os cotovelos sobre a mesa.

— Ainda não me contou como correu a aula.

Jenks riu.

— Foi o inferno na terra. Duas horas de implicâncias e rabeçadas sucessivas.

Fiquei de queixo caído.

— Como é que sabes isso?

— Voltei a entrar à socapa. O que é que fizeste àquela mulher, Rachel? Mataste-lhe o gato?

Senti o rosto a arder. Saber que Jenks tinha presenciado tudo tornava as coisas piores.

— A mulher é uma velhaca — disse eu. — Glenn, se a quiser culpar pelos homicídios, está à vontade. Ela já sabe que é suspeita. A S.I. esteve lá a agitá-la até fumegar. Não consegui encontrar nada que se parecesse, nem de longe, com um possível motivo ou demonstração de culpa.

Glenn tirou os braços da mesa e recostou-se.

— Nada?

Abanei a cabeça.

— Tudo o que fiquei a saber é que o Dan teve uma entrevista depois da aula de sexta-feira. Estou a pensar que essas eram as notícias que ia dar à Sara Jane.

— Ele desistiu de todas as aulas na sexta-feira à noite — disse Jenks. — Limitou-se a solicitar o seu cancelamento com reembolso total. Deve tê-lo feito por *email*.

Franzi o sobrolho ao *pixy*, sentado junto às lâmpadas para se manter quente.

— Como é que sabes?

As asas bateram até se tornarem impercetíveis e ele sorriu.

— Durante o intervalo fiz uma visita à secretaria. Achas que o único motivo para ter ido contigo era servir de adereço no teu ombro?

Ivy matraqueou com as unhas.

— Vocês os três não vão falar de trabalho a noite toda, pois não?

— Ivy, linda! — disse uma voz forte e todos erguemos os olhos. Um homem baixo e robusto, com um avental de cozinheiro, avançava para nós aos ziguezagues, através do restaurante, contornando graciosamente as mesas. — Minha linda Ivy! — chamou por cima do ruído. — Já de volta. E com amigos!

Olhei de relance para Ivy, surpresa por ver um toque avermelhado nas suas faces pálidas. *Ivy, linda?*

— Ivy, linda? — perguntou Jenks do alto. — Que raio é isso?

Ivy levantou-se para dar ao homem um abraço embaraçado, quando ele parou à nossa frente, desenhando uma estranha imagem, já que ele era



quase quinze centímetros mais baixo do que ela. Ele respondeu com uma paternal palmadinha nas costas. Ergui as sobrancelhas. Ela *abraçou-o*?

Os olhos negros do cozinheiro brilhavam do que parecia ser prazer. O cheiro a polpa de tomate e sangue deslizou até mim. Tratava-se, claramente, de um vampiro traficante. Contudo, eu ainda não conseguia dizer se estava morto.

— Olá, Piscary — disse Ivy, enquanto se sentava e Jenks e eu olhámos um para o outro.

Aquele era Piscary? Um dos mais poderosos vampiros de Cincinnati? Nunca vira um vampiro de aspeto tão inócuo.

Piscary tinha, na verdade, menos três ou quatro centímetros do que eu e exibia a sua constituição pequena e bem proporcionada com uma calma confortável. Tinha um nariz estreito, olhos afastados e amendoados, lábios finos que ajudavam à sua aparência exótica. Os seus olhos eram muito escuros e brilharam quando tirou o chapéu de cozinheiro e o prendeu atrás dos atilhos do avental. Tinha um crânio rapado e a pele cor de mel brilhava à luz do candeieiro por cima da nossa mesa. A camisa leve e clara, bem como as calças que usava podiam ter sido compradas numa loja de pronto-a-vestir, mas eu duvidava. Davam-lhe um ar confortável, de classe média, o sorriso aberto realçando uma imagem na minha mente. Piscary geria grande parte do lado negro de Cincinnati mas, olhando para ele, perguntava-me como.

A minha normal desconfiança salutar em relação aos vampiros mortos-vivos transformou-se numa precaução desconfiada.

— Piscary? — perguntei. — Da pizzeria Piscary's?

O vampiro sorriu, mostrando os dentes. Eram mais compridos que os de Ivy — tratava-se de um verdadeiro morto-vivo — e pareciam muito claros em contraste com a pele escura.

— Sim, a pizzeria Piscary's pertence-me.

A voz dele era demasiado profunda para uma estrutura tão pequena e parecia carregar a força da areia e do vento. Os ténues resquícios do seu sotaque fizeram-me perguntar há quanto tempo falaria inglês.

Ivy tossiu para limpar a garganta, afastando a minha atenção dos seus olhos rápidos e negros. De alguma forma, a imagem dos seus dentes não instilara em mim o normal alarme de fazer tremer os joelhos.

— Piscary — disse Ivy, — esta é a Rachel Morgan e este é o Jenks, são os meus sócios.

Jenks tinha esvoaçado para o pimenteiro e Piscary dirigiu-lhe um aceno antes de se voltar para mim.

— Rachel Morgan — disse, lenta e cuidadosamente. — Tenho estado à espera que a minha linda Ivy te trouxesse para que te pudesse conhecer.



Acho que ela tem medo que eu lhe diga que já não pode brincar contigo. — Os lábios curvaram-se num sorriso. — Encantado.

Sustive a respiração, enquanto ele me tomava a mão com uma gentileza que contrastava com o seu aspeto. Ele ergueu os meus dedos, levando-os para perto dos lábios. Os seus olhos negros estavam presos aos meus. A minha pulsação acelerou, mas sentia-me como se o meu coração estivesse noutra parte. Ele inalou sobre a minha mão, como se cheirasse o sangue que corria nela. Sustive um arrepio, cerrando o maxilar.

Os olhos de Piscary eram da cor do gelo negro. Eu enfrentei corajosamente o seu olhar, intrigada com as insinuações para lá das suas profundezas. Foi Piscary quem primeiro afastou o olhar e eu tirei rapidamente a minha mão da dele. Ele era bom. Muito bom. Tinha usado a sua aura para me encantar, em vez de me assustar. Só os muito antigos eram capazes de tal coisa. E eu não sentira sequer um arrepio na cicatriz que o demónio me fizera. Não sabia se o devia tomar como bom ou mau sinal.

Rindo alegremente, perante a minha súbita e óbvia desconfiança, Piscary sentou-se no banco ao lado de Ivy, enquanto três empregados lutavam por passar com as travessas redondas. Glenn não parecia minimamente perturbado com o facto de Ivy não o ter apresentado e Jenks mantinha a boca fechada. O meu ombro ficou encostado ao de Glenn, quando este me empurrou para o lado, até eu quase cair do banco, para arranjar espaço para Piscary.

— Devias ter-me dito que vinhas — disse Piscary. — Ter-te-ia guardado uma mesa.

Ivy encolheu os ombros.

— Arranjámos uma sem problemas.

Virando-se ligeiramente, Piscary olhou para o bar e gritou:

— Tragam-me uma garrafa de tinto da cave Tamwood! — Um sorriso matreiro abriu-se-lhe no rosto. — A tua mãe não dará pela falta dela.

Glenn e eu trocámos um olhar preocupado. *Uma garrafa de tinto?*

— Hum, Ivy? — perguntei.

— Oh, Deus do Céu — disse ela. — É vinho. Relaxa.

*Relaxa*, pensei. É mais fácil dizer do que fazer, quando tenho o rabo meio fora do banco e estou rodeada de vampiros.

— Já pediram? — perguntou Piscary a Ivy, mas o seu olhar estava preso em mim, sufocando-me. — Tenho um novo queijo que usa uma nova espécie de bolor para envelhecer. Veio diretamente dos Alpes.

— Sim — disse Ivy. — Uma extra grande...

— Com tudo menos cebola e pimento — terminou ele, mostrando os dentes, com um sorriso aberto, enquanto afastava de mim o seu olhar e o pousava nela.

Os meus ombros relaxaram quando o seu olhar me deixou. Ele não parecia mais do que um amigável cozinheiro e isso estava a despoletar mais alarmes do que se fosse alto, magro e sedutoramente envolto em seda e renda.

— Ah! — disse ele de repente e eu refreei um salto. — Vou fazer-te o jantar, Ivy, linda.

Ivy sorriu, ficando parecida com uma criança de dez anos.

— Obrigada, Piscary. Gostaria muito.

— Claro que sim. Algo especial. Algo novo. Por conta da casa. Será a minha criação mais bela! — disse, arrojado. — Dar-lhe-ei o nome do teu espetro.

— Eu não sou o espetro dela — disse Glenn, tenso, os ombros arqueados e os olhos presos na mesa.

— Não estava a falar de ti — disse Piscary e os meus olhos abriram-se. Ivy mexeu-se, desconfortável.

— A Rachel... também... não é o meu espetro.

Ela parecia sentir-se culpada e, por um instante, a confusão atravessou o rosto do velho vampiro.

— A sério? — perguntou, e Ivy ficou visivelmente tensa. — Então o que é que estás a fazer com ela, Ivy, linda?

Ela não levantava os olhos da mesa. Piscary voltou a fitar-me. O meu coração acelerou quando um ligeiro arrepio alastrou pelo meu pescoço a partir da dentada do demónio. De súbito a mesa pareceu demasiado cheia. Senti-me apertada por todos os lados e uma sensação de claustrofobia abateu-se sobre mim. Chocada pela mudança, fiquei sem fôlego e sustive a respiração. *Maldição.*

— É uma cicatriz interessante, essa que tens no pescoço — disse Piscary, a voz parecendo queimar a minha alma. Doía e sabia bem ao mesmo tempo. — Foi um vampiro?

A minha mão ergueu-se para ela, sem que o desejasse. A esposa de Jenks tinha-a cosido e os pequenos pontos eram quase invisíveis. Não me agradava que ele tivesse reparado.

— Foi um demónio — disse eu, não querendo saber se Glenn ia contar ao pai. Não queria que Piscary pensasse que eu tinha sido mordida por um vampiro, fosse Ivy ou outro.

Piscary arqueou as sobrancelhas ligeiramente surpreso.

— Parece de um vampiro.

— O demónio também parecia um, na altura — disse eu, sentindo o estômago apertado com a recordação.

O velho vampiro acenou.

— Ah, isso explica tudo. — Ele sorriu, gelando-me. — Uma virgem

violentada cujo sangue ficou por reclamar. Que deleitável combinação, menina Morgan. Não é de admirar que a minha linda Ivy te ande a esconder de mim.

De boca aberta, não conseguia pensar em nada para dizer.

Ele levantou-se sem qualquer aviso.

— Mando-vos o vosso jantar, num instante. — Inclinando-se para Ivy, murmurou: — Fala com a tua mãe. Ela sente a tua falta.

Ivy baixou os olhos. Com a sua graça casual, Piscary agarrou um molho de pratos e de *gressinos* de uma bandeja que ia a passar.

— Tenham uma boa noite — disse ele, enquanto os pousava na nossa mesa.

Piscary regressou à cozinha, parando várias vezes para saudar os clientes mais bem vestidos.

Fitei Ivy, esperando por uma explicação.

— Então? — disse eu, mordaz. — Importas-te de explicar porque é que o Piscary acha que eu sou o teu espetro?

Jenks soltou uma risada, assumindo a sua pose de Peter Pan, de mãos nas ancas, em cima do pimenteiro. Ivy encolheu os ombros, sentindo-se obviamente culpada.

— Vivemos sob o mesmo teto. Ele simplesmente presumiu...

— Pois, estou a ver.

Irritada, escolhi um *gressino* e encostei-me à parede. A minha relação com Ivy era estranha, independentemente da forma como a encarássemos. Ela estava a tentar abster-se de sangue, e o desejo de quebrar o jejum era quase irresistível. Como bruxa, conseguia afastá-la sempre que os seus instintos começavam a levar a melhor. Pusera-a a dormir, uma vez, e era essa recordação que a ajudava a dominar os seus desejos e a mantinha do seu lado do corredor.

Mas o que mais me incomodava era o facto de ser por vergonha que deixara que Piscary acreditasse no que queria: vergonha por ter virado as costas à sua herança. Ela não o desejava. Partilhando a casa com alguém, podia mentir ao mundo, fingir que tinha uma vida de vampiro normal, com uma fonte de sangue residente e, mesmo assim, continuar fiel ao seu segredo culpado. Disse a mim mesma que não me importava, que ela me protegia de outros vampiros. Mas, por vezes... Por vezes irritava-me que todos partissem do princípio que eu era o brinquedo de Ivy...

O meu amuo foi interrompido pela chegada do vinho, ligeiramente quente, como a maior parte dos vampiros gosta dele. Já tinha sido aberto e Ivy apoderou-se da garrafa, evitando o meu olhar quando serviu os três copos. Jenks contentou-se com a gota no gargalo da garrafa. Ainda irritada, voltei a recostar-me, com o copo na mão, e observei os restantes clientes.

Não o ia beber porque o enxofre que libertava tendia a gerar o caos dentro de mim. Teria dito a Ivy, mas ela não tinha nada a ver com isso. Não tinha a ver com o facto de eu ser bruxa, era uma particularidade pessoal, algo que me dava enxaquecas tão grandes e me tornava de tal forma sensível à luz que tinha de me esconder no quarto, com um pano a tapar os olhos. Tratava-se de um problema crónico estranhamente relacionado com uma doença de criança, que me atirara constantemente para o hospital até à puberdade. Preferia, sem dúvida, a sensibilidade ao enxofre à minha infelicidade enquanto criança, fraca e enjoada, enquanto o meu corpo se tentava matar.

A música tinha recomeçado e o meu desconforto, por causa de Piscary, foi-se dissipando, lentamente, arrastado pela música e pelas conversas. Todos podiam ignorar Glenn, agora que Piscary tinha falado connosco. O humano perturbado bebeu o vinho como se fosse água. Ivy e eu trocámos um olhar, enquanto ele voltava a encher o copo, com as mãos a tremer. Perguntei-me se ele ia beber até cair para o lado ou se ia enfrentar a situação sóbrio. Deu um gole no copo seguinte e eu sorri. Ia fazer um pouco de cada.

Glenn dirigiu a Ivy um olhar desconfiado e inclinou-se na minha direção.

— Como é que conseguiste olhá-lo nos olhos? — sussurrou, fazendo com que fosse difícil ouvi-lo sobre o ruído ambiente. — Não teve medo que ele a enfeitiçasse?

— O tipo tem mais de trezentos anos de idade — disse eu, compreendendo que o sotaque de Piscary era inglês antigo. — Se ele me quisesse enfeitiçar, não precisaria de olhar para os meus olhos.

Com o rosto a ficar pálido por trás da barba curta, Glenn afastou-se. Deixando-o a pensar naquilo durante algum tempo, mexi a cabeça para chamar a atenção de Jenks.

— Jenks — disse baixinho. — Porque é que não dás uma espreitadela às traseiras? Dás uma olhadela à sala dos empregados? Vês o que se passa?

Ivy despejou o copo.

— O Piscary sabe que estamos aqui por uma razão — disse ela. — Ele dir-nos-á o que precisarmos de saber. A única coisa que o Jenks vai conseguir é ser apanhado.

O pequeno *pixy* indignou-se.

— Vai-te Virar, Tamwood — rosnou. — Porque é que vim, se não foi para dar uma vista de olhos? O dia em que não consiga passar por um pai-deiro é o dia em que... — Calou-se, antes de acabar. — Hum — continuou, — pois. Volta já.

Tirando uma fita vermelha do bolso de trás, colocou-a à cintura como se fosse um cinto. Tratava-se da versão *pixy* da bandeira branca, uma de-

claração, a outros *pixies* e fadas, de que não estava a caçar, caso entrasse no território ciosamente guardado de alguém. Esvoaçou, zumbindo, logo abaixo do teto, em direção à cozinha.

Ivy abanou a cabeça.

— Ele vai ser apanhado.

Eu encolhi os ombros e puxei os *gressinos* para mais perto de mim.

— Eles não o vão magoar. — Recostando-me, observei as pessoas felizes que se divertiam, pensando em Nick e em quanto tempo passara desde a nossa última saída. Tinha começado a roer o meu segundo *gressino*, quando apareceu um empregado. Já silenciosos, os ocupantes da mesa tornaram-se expectantes enquanto ele limpava as migalhas e levantava os pratos usados. O pescoço do homem, que se erguia por entre a camisa de cetim azul, era uma amálgama de cicatrizes, a mais recente delas ainda vermelha e de aspeto doloroso. O sorriso que dirigiu a Ivy era um pouco ansioso de mais, um pouco parecido demais com o de um cachorrinho. Odiei-o e perguntei-me quais teriam sido os seus sonhos antes de se tornar no brinquedo de alguém.

A dentada do demónio, no meu pescoço, pulsou e o meu olhar atravessou a sala apinhada, descobrindo Piscary que nos trazia pessoalmente a nossa comida. As cabeças viravam-se à medida que ele ia passando, atraídas pelo cheiro fabuloso que, decerto, emanava da travessa elevada. O volume das conversas baixou consideravelmente. Piscary pousou a travessa à nossa frente, com um sorriso ansioso pairando no rosto; o seu desejo de ser reconhecido pelas suas aptidões culinárias parecia estranho em alguém com tanto poder escondido.

— Chamo-lhe Desejo de Temere — disse ele.

— Oh, meu Deus! — exclamou Glenn, enojado, a sua voz límpida sobre os sussurros. — Tem tomates!

Ivy deu-lhe uma cotovelada no estômago com força suficiente para o deixar sem fôlego. A sala ficou em completo silêncio, com exceção do ruído que chegava do andar de cima, e eu fitei Glenn.

— Hum, que maravilha — arquejou.

Passando os olhos por Glenn, Piscary cortou a piza em fatias com um floreado profissional. A minha boca salivava perante o cheiro do queijo derretido e do molho.

— Cheira muito bem — disse, em tom de admiração, a minha anterior desconfiança aquietada pela promessa de comida. — As minhas pizzas nunca ficam assim.

O homem baixo ergueu as sobrancelhas finas, quase inexistentes.

— Porque usa molho de frasco.

Acenei, depois perguntei-me como é que ele sabia.

Ivy olhou para a cozinha.

— Onde é que está o Jenks? Ele devia estar aqui para isto.

— O meu pessoal está a brincar com ele — disse Piscary, despreocupadamente. — Imagino que saia de lá em breve.

O vampiro morto-vivo fez deslizar a primeira fatia de piza para o prato de Ivy, depois para o meu, por fim para o de Glenn. O detetive do D.F.I. afastou o prato com um dedo, enojado. Os outros clientes sussurraram, desejando ver qual a nossa reação à mais recente criação de Piscary.

Ivy e eu agarrámos, de imediato, nas nossas fatias. O cheiro a queijo era forte, mas não o suficiente para esconder o odor das especiarias e dos tomates. Dei uma dentada. Os meus olhos fecharam-se de prazer. Tinha apenas a polpa de tomate suficiente para sustentar o queijo. Apenas o queijo suficiente para sustentar os restantes ingredientes. Não queria saber se tinha enxofre, era deliciosa.

— Oh, queimem-me agora na fogueira — gemi, enquanto mastigava. — Isto é absolutamente maravilhoso.

Piscary acenou, a luz brilhando sobre a cabeça rapada.

— E tu Ivy, linda?

Ivy limpou o molho do queixo.

— É o suficiente para querer regressar dos mortos.

O homem suspirou.

— Dormirei em paz, quando o Sol nascer.

Comecei a comer mais devagar, voltando-me, como todos os outros, para olhar para Glenn. Este permanecia imóvel, entre Ivy e eu, o maxilar apertado numa mistura de determinação e náusea.

— Uh — disse, olhando de relance para a piza. Engoliu em seco; parecia que a náusea estava a ganhar.

O sorriso de Piscary desapareceu e Ivy olhou-o fixamente.

— Come — disse ela, suficientemente alto, para que todo o restaurante a ouvisse.

— E começa pela ponta, não pela côdea — avisei.

Glenn lambeu os lábios.

— Mas tem tomate — disse ele, fazendo com que eu cerrasse os lábios.

Era precisamente aquilo que eu esperara evitar. Até parecia que lhe estavam a pedir que comesse larvas vivas.

— Não sejas parvo — disse Ivy, em tom cáustico. — Se achas mesmo que o vírus T4 Anjo saltou quarenta gerações de tomates e apareceu numa espécie completamente diferente só para te apanhar, peço ao Piscary que te morda antes de saíres. Assim não morres, só te transformas em vampiro.

Glenn avaliou os rostos que o fitavam, compreendendo que teria de

comer uma fatia de piza, caso quisesse sair dali com o controlo de si mesmo. Engolindo em seco, visivelmente, pegou desajeitadamente na fatia. Os olhos ergueram-se quando abriu a boca. O som que vinha do andar de cima parecia ainda mais alto, enquanto todos os que se encontravam no piso inferior observavam, sustendo a respiração.

Ele deu uma dentada, o rosto selvaticamente distorcido. O queijo formava duas pontes que o ligavam à piza. Ele mastigou duas vezes antes de os olhos se abrirem de repente. O maxilar abrandou. Estava a prová-la, agora. Os olhos dele prenderam-se nos meus e eu acenei. Lentamente, ele afastou a piza, até o queijo partir.

— Sim? — Piscary inclinou-se, pousando as mãos expressivas sobre a mesa.

O vampiro estava verdadeiramente interessado no que um humano pensava da sua comida. Glenn devia ser o primeiro, em quatro décadas, a prová-la.

O rosto dele mostrava espanto. Engoliu.

— Hum — gemeu, com a boca ainda quase cheia. — É... hum... bom. — Parecia chocado. — É mesmo bom.

O restaurante inteiro pareceu suspirar. Piscary endireitou-se em toda a sua pequena altura, obviamente contente, enquanto as conversas recomeçavam, agora com um tom novo e excitado.

— Será sempre bem-vindo, agente do D.F.I. — disse ele, e Glenn ficou gelado, claramente preocupado com o facto de ter sido identificado.

Piscary agarrou na cadeira atrás de si e virou-a. Inclinado sobre a mesa, à nossa frente, observou-nos enquanto comíamos.

— Agora — disse, enquanto Glenn erguia o queijo para fitar o molho de tomate sob ele. — Não vieram aqui pelo jantar. Em que é que vos posso ajudar?

Ivy pousou a piza e levou a mão ao copo de vinho.

— Estou a ajudar a Rachel a encontrar uma pessoa desaparecida — disse ela, atirando para trás o longo cabelo preto, desnecessariamente. — Um dos teus empregados.

— Problemas, Ivy, linda? — perguntou Piscary, a voz ressonante, surpreendentemente gentil e carregada de arrependimento.

Bebi um gole de vinho.

— Era isso que queríamos descobrir, Sr. Piscary. Trata-se do Dan Smather.

As poucas rugas de Piscary aproximaram-se num suave franzir de sobrolho, enquanto ele olhava para Ivy. Com movimentos reveladores, tão ligeiros que eram quase indetetáveis, ela remexeu-se, os olhos simultaneamente preocupados e desafiantes.

A minha atenção saltou para Glenn. Ele estava a tirar o queijo da piza. Chocada, observei-o a empilhar, hesitante, o queijo num monte.

— Pode dizer-nos quando foi a última vez que o viu, Sr. Piscary? — perguntou ele, claramente mais interessado em desnudar a piza do que no nosso interrogatório.

— Certamente. — Piscary olhou para Glenn, o sobrolho franzido como se não soubesse ao certo se se deveria sentir insultado ou agradado, enquanto o homem comia a piza, que agora não era mais que pão com polpa de tomate. — Foi no sábado de manhã, depois do trabalho. Mas o Dan não está desaparecido. Ele demitiu-se.

Fiquei de queixo caído, de surpresa. Ainda estive assim durante alguns segundos, depois semicerrei os olhos, irada. Começava tudo a fazer sentido e o puzzle era muito mais pequeno do que eu tinha pensado. Uma grande entrevista, o facto de ter desistido das aulas, de se ter demitido do emprego, de ter deixado a namorada pendurada num jantar em que “temos de falar”. Os meus olhos pousaram-se em Glenn e ele dirigiu-me um olhar breve e desagradado, chegando à mesma conclusão. Dan não tinha desaparecido; tinha arranjado um bom emprego e deixado a namorada sozinha.

Afastando o copo, lutei contra uma sensação de depressão.

— Demitiu-se? — perguntei.

O vampiro de aspeto inócuo olhou por cima do ombro, para a porta da frente, por onde entrava um grupo ruidoso de jovens vampiros, recebido pelo que parecia a totalidade dos empregados, que os chamavam e abraçavam.

— O Dan era um dos meus melhores entregadores — disse ele. — Vou sentir a falta dele. Mas desejo-lhe boa sorte. Ele disse que era por causa daquilo que estava a frequentar a escola. — O homem pequeno sacudiu a farinha da frente do avental. — Serviço de segurança, acho que foi o que ele disse.

Troquei um olhar desconfiado com Glenn. Ivy endireitou-se no banco; a sua normal expressão relaxada parecia forçada. Fui invadida por uma sensação desagradável. Não queria ser eu a dizer a Sara Jane que ela tinha sido abandonada. Dan tinha recebido uma boa proposta de emprego e cortara todos os vínculos antigos, o cobarde saco de trampa. Estava disposta a apostar que ele tinha uma segunda namorada, à espera. O mais certo era estar escondido em casa dela, deixando que Sara Jane pensasse que estava morto numa qualquer viela e rindo, enquanto ela lhe alimentava o gato.

Piscary encolheu os ombros e todo o seu corpo acompanhou o movimento ligeiro.



— Se eu tivesse sabido que ele era um bom segurança, talvez lhe tivesse feito uma oferta melhor, embora fosse difícil oferecer mais do que o Sr. Kalamack. Afinal de contas sou apenas o dono de um restaurante.

Saltei ao ouvir o nome de Trent.

— Kalamack? — disse eu. — Ele recebeu uma proposta de emprego do Trent Kalamack?

Piscary acenou, enquanto Ivy ficava ainda mais rígida, a piza intacta para além da primeira dentada.

— Sim — disse ele. — Ao que parece, a namorada também trabalha para o Sr. Kalamack. Creio que o nome dela é Sara? O melhor é falarem com ela, se estão à procura dele. — O sorriso de dentes compridos tornou-se malandro. — Provavelmente, foi ela que lhe arranjou o emprego, se sabem o que quero dizer.

Eu sabia o que ele queria dizer, mas aparentemente Sara Jane não sabia. Senti o coração bater mais depressa e comecei a suar. Eu sabia. Trent era o caçador de bruxas. Atraíra Dan com a promessa de um emprego e, provavelmente, acabara com ele, quando Dan tentou recuar, ao perceber de que lado da lei Trent trabalhava. Era ele. Para a Viragem com ele, eu sabia!

— Obrigada, Sr. Piscary — disse eu, desejando partir, para que pudesse começar a fazer alguns feitiços nessa noite.

Sentia o estômago apertado, a agradável fatia de piza e o gole de vinho a azedarem de excitação. *Trent Kalamack*, pensei, amargamente, *és meu*.

Ivy pousou o copo vazio sobre a mesa. Os meus olhos cruzaram-se com os dela, em triunfo, a minha emoção prazerosa desvanecendo-se, enquanto ela se observava a si mesma a encher de novo o copo. Ela nunca, *nunca*, bebia mais de um copo, preocupada, com razão, com a diminuição das inibições. Os meus pensamentos regressaram à forma como ela se descontrolara na cozinha, depois de eu lhe ter dito que ia outra vez atrás de Trent.

— Rachel — disse Ivy, o seu olhar fixo no vinho. — Sei no que estás a pensar. Deixa o D.F.I. tratar disto. Ou passa o caso à S.I.

Glenn ficou rígido, mas permaneceu em silêncio. A memória dos dedos dela em redor do meu pescoço fez com que fosse fácil para mim encontrar um tom monocórdico.

— Ficarei bem — disse eu.

Piscary levantou-se, a cabeça exposta sob o candeeiro de teto.

— Vem ver-me amanhã, Ivy, linda. Precisamos de falar.

A mesma onda de medo que eu vira nela, no dia anterior, voltou a invadi-la. Estava-se a passar alguma coisa que eu desconhecia e não era nada bom. A Ivy e eu também íamos ter de conversar.

A sombra de Piscary caiu sobre mim e ergui os olhos. Senti o rosto

gelado. Ele estava perto e o cheiro a sangue sobrepôs-se ao odor ácido da polpa de tomate. Os olhos negros fixaram-se nos meus; algo mudou, tão súbito e inesperado como gelo a partir.

O vampiro antigo nunca me tocou, mas um arrepio delicioso correu através de mim quando exalei. Os meus olhos abriram-se em surpresa. O sussurro da sua respiração seguiu os meus pensamentos através do meu ser, assumindo a forma de uma onda quente que se espalhou por mim, como água através da areia. Os pensamentos dele tocaram no fundo da minha alma e ecoaram, enquanto ele sussurrava algo que eu não conseguia ouvir.

Fiquei sem fôlego, enquanto a cicatriz no meu pescoço pulsava ao ritmo da minha pulsação. Chocada, deixei-me ficar sentada, imóvel, enquanto arrepios de prometido êxtase corriam através de mim. Um súbito desejo fez-me abrir os olhos e recomecei a respirar, rapidamente.

O olhar intenso de Piscary estava consciente de tudo enquanto eu inspirava, mais uma vez, fitando a fome que crescia em mim. Eu não queria sangue. Queria-o a ele. Queria que ele sugasse o meu pescoço, que me encostasse à parede, forçasse a minha cabeça para trás e retirasse o meu sangue, deixando atrás de si aquela sensação de êxtase latejante, que era melhor do que sexo. Embatia contra a minha determinação, exigindo uma resposta. Sentei-me rígida, incapaz de me mexer, o coração a bater.

O seu olhar poderoso percorreu o meu pescoço. Tremi perante a sensação, ao mesmo tempo que mudava de posição, convidando-o. A atração tornou-se ainda pior, tantalizante e insistente. Os olhos dele acariciaram a dentada do demónio. Os meus olhos fecharam-se perante as gavinhas da promessa ansiosa. Se ele me tocasse... ansiava até mesmo por isso. A minha mão aproximou-se, espontaneamente, do meu pescoço. A aversão e uma sensação intoxicante de prazer guerreavam dentro de mim, afogadas por um desejo doloroso.

*Mostra-me, Rachel,* senti a sua voz repicar através de mim. Envolta no pensamento estava a compulsão. Uma linda, linda compulsão inconsciente. O meu desejo transformou-se em expectativa. Eu teria tudo e mais ainda... em breve. Calor e alegria; percorri com o dedo o caminho entre a minha orelha e a clavícula, quase tremendo quando a minha unha saltava sobre cada uma das cicatrizes. O zumbido dos diálogos tinha desaparecido. Estávamos sós, envoltos num remoinho enevoado de expectativa. Ele tinha-me enfeitiçado. Eu não queria saber. Deus me ajudasse; sabia tão bem.

— Rachel? — sussurrou Ivy e eu pestanejei.

Tinha a mão no pescoço. Podia sentir a pulsação a bater ritmicamente contra ela. A sala e o ruído voltaram à vida como uma corrente de adre-

nalina. Piscary estava ajoelhado à minha frente, uma mão sobre a minha, enquanto me olhava. Os olhos negros, de pupilas dilatadas, fitavam penetrantes e límpidos, enquanto ele inspirava, provando a minha respiração enquanto esta o atravessava.

— Sim — disse ele, enquanto eu afastava a minha mão da dele, sentindo o estômago apertado. — A minha linda Ivy foi muito descuidada.

Quase arfando, fitei os joelhos, esmagando o medo súbito e forçando-o a misturar-se com o desejo que começava a desvanecer. A cicatriz que o demónio deixara no meu pescoço pulsou uma última vez e dissipou-se. A respiração que sustivera escapou-se de mim, num suave suspiro. Transportava consigo uma sugestão de desejo e eu odiei-me por isso.

Num movimento gracioso, ele levantou-se. Eu fitei-o, vendo e detestando a sua compreensão do que me tinha feito. O poder de Piscary era tão íntimo e certo que a ideia de que eu o pudesse enfrentar nunca lhe ocorreria. Ao seu lado, Kist não parecia mais do que uma criança, mesmo quando usava as habilidades do seu mestre. Como é que poderia voltar a sentir medo de Kisten?

Os olhos de Glenn estavam muito abertos e mostravam a sua insegurança. Perguntei-me se todos sabiam o que tinha acontecido.

Os dedos de Ivy agarraram o pé do copo de vinho vazio, os nós dos dedos brancos de pressão. O velho vampiro inclinou-se sobre ela.

— Isto não está a funcionar, Ivy, linda. Ou controlas o teu animal de estimação ou fá-lo-ei por ti.

Ivy não respondeu, continuando sentada com uma expressão assustada, desesperada.

Ainda a tremer, não estava em posição de lhes recordar que não era um objeto.

Piscary suspirou, parecendo um pai cansado.

Jenks esvoaçou erraticamente até à nossa mesa, com um leve gemido.

— Por que raio é que eu vim? — rosnou ao aterrar em cima do saleiro, começando a sacudir-se. Algo que cheirava a queijo em pó caiu sobre a mesa e tinha molho nas asas. — Podia estar em casa, na cama. Os *pixies* dormem de noite, sabem? Mas nã-ã-ã-ão — disse, arrastando a voz. — Tinha de me oferecer para o papel de ama-seca. Rachel, dá-me parte do teu vinho. Sabes como é difícil tirar polpa de tomate da seda? A minha mulher vai matar-me.

Pôs um fim ao seu monólogo irado, apercebendo-se de que ninguém o estava a ouvir. Olhou para a expressão aflita de Ivy e para os meus olhos assustados.

— Que Viragem se passa aqui? — perguntou, beligerante, e Piscary afastou-se da mesa.

— Amanhã — disse o velho vampiro a Ivy. Voltou-se para mim e acenou a sua despedida.  
Jenks olhou para Ivy e depois para mim, outra vez.  
— Perdi alguma coisa?